



# Nossa Vida no Além

*Marlene Nobre*

*Este livro discute a morte, o morrer e a fatalidade da vida. Com base em pesquisas recentes sobre a experiência de Quase Morte (EQM), mostra que é possível conhecer os “estágios” do morrer e fundamentado em estudo de mensagens enviadas por mais de 500 desencarnados, através do médium Chico Xavier, revela o “programa” completo desencadeado nesse processo. Os testemunhos dos Espíritos informam ainda sobre os primeiros tempos da vida no além: os preparativos no limiar da Vida Nova; a travessia em direção à Luz; as dificuldades e lutas de adaptação. Há referências também às zonas inferiores no plano das sombras; à acolhida no além, à assistência hospitalar, à influência recíproca entre encarnados e desencarnados etc.*

# Nossa Vida no Além

*Marlene Nobre*

*São Paulo, 1998*  
*Editora FE*

## Capa

Paisagem do pintor alemão Caspar David Friedrich (1774- 1840) “Levante da Lua sobre o mar” (Museu Staatliche de Berlin) acoplada à tela de outro pintor, Hieronymus Bosch (1453 (?) - 1516), “Ascensão no Empíreo” uma das ilustrações da Divina Comédia de Dante Alighieri”. Os barcos rumando para a linha do horizonte, depois das despedidas da Terra, no plano das sombras, representam, talvez, os sonhos, anseios e frustrações das almas rumo ao desconhecido. Todas navegam na direção do túnel, sem saber se, finalmente, conseguirão ultrapassá-lo. Mesclam-se, aqui, a espiritualidade da paisagem de Friedrich, tocada de nostalgia e enlevo, reflexo, certamente, da saudade de seu querido irmão, desencarnado aos oito anos, com a divina inspiração de Hieronymus, que há tantos séculos, intuitivamente, descreveu o túnel pelo qual as almas adentram rumo às esferas superiores do mundo espiritual.

### Diagramação/Composição Gráfica

Fe Editora Jornalística

### Revisão

Era Célia Barbosa, Iranilda E. da Costa.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SE Brasil)

Nobre, Marlene

Nossa vida no além / Marlene Nobre. - São Paulo:  
FE Editora Jornalística, 1998.

1. Experiências de quase-morte 2. Imortalidade  
3. Médiuns 4. Morte 5. Psicografia 6. Vida futura  
I. Título

98-2023

CDD-133.9013

### Índices para catálogo sistemático:

1. Imortalidade da alma: Espiritismo 133.9013
2. Morte: Espiritismo 133.9013
3. Sobrevivência do Espírito: Espiritismo 133.9013

*A Francisco Cândido Xavier, apóstolo dos Tempos Novos, por sua obra missionária de renúncia e abnegação, sem a qual este livro não poderia ter sido escrito.*

*Ao meu irmão, Paulo Rossi Severino, por sua dedicação à causa do Espírito Imortal.*

*Aos meus filhos, Marcos e Marcelo e ao meu marido (na vida espiritual), com toda a minha ternura.*

## **Agradecimentos**

A família Gonçalves Santos – Luis, Luizete, Contado, Caio Rubens e Albano – por toda cobertura amorosa.

A Roberto Carlos Amâncio, nosso fiel e devotado guardião na chácara.

À querida Regina Autran pela acolhida fraterna.

A Caio Ramacciotti, Clovis Tavares, Elias Barbosa, Hércio Arantes, Paulo de Tarso Ramacciotti, Priscilla Basile, Rubens Sflvio Germinhasi, co-autores dos livros de mensagens de familiares recebidas por Chico Xavier, pela tarefa relevante realizada. Aos Espíritos que se comunicaram e aos familiares destes pelos testemunhos dados aos co-autores, viabilizando este trabalho.

Ao meu sobrinho Fábio Gandolfo Severino por sua generosa oferta de livros tão necessários quanto preciosos.

Ao irmão e amigo, Elzio Ferreira de Souza, pela paciente e cuidadosa revisão.

À querida Suely Abujadi e sua filha Flávia pela cobertura constante; aos caros amigos, Marco Antonio Palmieri e Haydée, pela ajuda nos momentos de acúmulo nas tarefas. Ao prezado Nino, Edival Soares de Lira Júnior, pelo apoio técnico nas horas mais incertas.

Aos queridos amigos de muitas eras, Hernani Guimarães Andrade, Elzio Ferreira de Souza e Nair Casadei, pela solicitude sempre presente.

Aos garotões da Folha Espírita Editora – Conrado, Era e Michele Fernanda – pelo devotamento.

Aos inesquecíveis amigos do Grupo Espírita Cairbar Schutel, especialmente às companheiras de Diretoria – Magali Abujadi e Cecília Mello Mattos – pelo amor e dedicação à causa do Senhor da Vida.

**Embu, verão de 1998**

## Sumário

ESCLARECIMENTO NECESSÁRIO	9
INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1. No Limiar da Vida Nova	25
Estágios do Morrer	31
Capítulo 2. Como É Morrer	37
Caso Dimas	42
Caso Fábio	48
Caso Cavalcante	48
Caso Adelaide	50
Recapitulação: Hipermnésia Post-Mortem	51
Cordão de Prata	54
Um Sono Profundo, Irresistível, Arrasador...	55
Capítulo 3. A Travessia (I): Preparativos	63
Comissão de Recepção	67
Capítulo 4. A Travessia (II): Rumo à Ponte Iluminada	73
O Túnel e a Luz	77
Chegando à Paisagem Diferente	80
Meios de Transporte	81
Capítulo 5. A Travessia (III): Quando o Caminho não Leva à Luz	83
Doloroso Aprendizado	85
Dimensões Espirituais Inferiores	88
Uma Aborteira	89
Um Fratricida	92
Capítulo 6. Adaptação à Vida Nova (I): Recebendo Assistência	97
Tratamento e Convalescença	101
Recomposição do Perispírito	102
Falta de Preparo Íntimo	102

Duração do Tratamento	103
Influência do Estado de Espírito	104
Diálises no Tratamento da Leucemia	106
Cirurgias no Além	107
Meningite x Cirurgia	110
Cirurgia Cesariana	111
Apresentação	112
Rejuvenescimento	114
Capítulo 7. Adaptação à Vida Nova (Ii): Repercussões da Vida Terrena	119
Despreparo para a Morte	120
Pavor da Morte	123
Mortes Traumáticas	124
Repercussões dos Transplantes	125
Doação de Córneas	128
Cremação	129
Negócios Pendentes	130
Alimentação	131
Sexo no Além	132
Matrimônio	135
Inquietações da Libido	136
Liberação de Compromissos Afetivos	140
Capítulo 8. Adaptação à Vida Nova (III): Influência Recíproca de Atos e Pensamentos	145
Perdão das Ofensas	156
Comunicação dos Espíritos nos Tribunais	159
Capítulo 9. Adaptação à Vida Nova (IV): Casos Especiais	163
Deficientes	163
Suicidas	166
Inimigos Invisíveis	168
Suicida em Vida Anterior	170
Crianças	171
Crescimento de Crianças no Mundo Espiritual	175
Escolas no Plano Espiritual	178
Velhos	179
CONCLUSÃO	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

## **Esclarecimento Necessário**

Neste livro, todas as vezes que houver transcrição de textos dos Espíritos que se comunicaram através de Francisco Cândido Xavier, de esclarecimentos do próprio médium ou de citação de título de suas obras, usaremos o itálico-negrito. Para textos originais dos demais autores, utilizaremos o itálico.

Estudamos 90 obras editadas com testemunhos de Espíritos desencarnados, incluindo *A Vida Triunfa* e publicações da *Folha Espírita*. A relação completa deles e de mais 15 outros de autoria de Emmanuel e Espíritos diversos está na Bibliografia, ao lado dos demais autores consultados.

## Introdução

A segunda metade do século XX, especialmente a partir da década de 1960, vem conhecendo um recrudescimento das pesquisas no campo da sobrevivência da alma, e a tal ponto elas têm sido inovadoras e bem-sucedidas que vêm aplicando um convincente atestado de óbito à própria morte.

Os investigadores destas últimas décadas, herdeiros do grande legado deixado pelos pioneiros do século passado e início deste, têm se revelado servidores criativos e dedicados.

Lentamente, essas pesquisas, apoiadas pelos extraordinários avanços da física quântica e da tecnologia, vêm contribuindo para a indispensável mudança de paradigma da Ciência e da própria sociedade como um todo, vencendo os redutos recalcitrantes do reducionismo.

A matéria – até bem pouco tempo, aparentemente, inexpugnável em sua rígida trincheira – revelou-se, aos olhos do homem do século XX, como energia pura.

Descobrimos que, em última análise, os corpos físicos, mesmo os aparentemente mais pesados e volumosos, são constituídos de *luz coagulada* (1), conforme revelaram, em 1968, os Espíritos Superiores por intermédio de Francisco Cândido Xavier, ensinamento esse, posteriormente, em 1975, enunciado por Bob Toben e Fred Allan Wolf: **a matéria não é nada mais do que luz capturada gravitacionalmente.** (2) Sem dúvida, um rude golpe no elemento básico com o qual sempre trabalharam os materialistas.

As pesquisas das últimas décadas, a que nos referimos, têm produzido inúmeras publicações, algumas das quais de grande impacto junto ao público.

Em 12 de junho de 1959, o artista plástico sueco, Friedrich Jürgenson, gravava sons de pássaros para um documentário, nos arredores de

Estocolmo, quando foi surpreendido, no exame da gravação, por uma grande quantidade de vozes, falando línguas diversas. O fenômeno repetiu-se inúmeras vezes. Jürgenson reconheceu tratar-se de uma novo meio de comunicação dos Espíritos, apresentando o resultado das inúmeras gravações que fez em seu livro *Telefone para o Além*. (3)

A partir da divulgação desse livro, o psicólogo e filósofo letão, Konstantin Raudive, manteve contato com o autor e passou a dedicar-se às mesmas pesquisas, conseguindo um feito inédito: a gravação de 72.000 frases do Além, divulgadas em sua alentada obra *O Inaudível Torna-se Audível*.

A transcomunicação instrumental, comunicação dos Espíritos por meios técnicos – gravador, rádio, tevê, telefone, computador, fax etc. – recebeu, com essas obras, um grande impulso inicial, ampliando bastante, nas décadas seguintes, o seu raio de ação, através do trabalho paciente de outros pesquisadores conceituados.(4)

No final dos anos 50, Karlis Osis, psicólogo letão, então ligado à “Fundação de Parapsicologia de Nova Iorque”, impressionado pelos trabalhos de dois investigadores da Society for Psychical Research, (SPR) professor James H. Hyslop, do ramo americano e William E Barrett, do inglês, decidiu investigar as ocorrências com pacientes em estado terminal. (5) Para realizá-la, enviou questionários a médicos e enfermeiras, nos quais perguntava sobre suas experiências com pacientes moribundos. Em 1961, publicou os resultados na monografia *Observações no Leito de Morte por Médicos e Enfermeiras*.

Mais tarde, também na década de 1960, dr. Osis, em colaboração com o dr. Erlendur Haraldsson, da Universidade de Reykjavik, da Islândia, conduziu uma segunda pesquisa, sobre o mesmo assunto, realizando-a em duas etapas, porque envolvia duas culturas bem diferentes entre si, a norte-americana e a hindu. Na primeira fase, enviou 2.500 questionários para médicos e outro tanto para enfermeiros norte-americanos, recebendo 20% de respostas. Na segunda, iniciada na década de 1970, enviou o mesmo número de questionários para médicos e enfermeiros do norte da Índia, conseguindo 14% de participações.

A computadorização dos dados permitiu chegar aos mesmos resultados dos colegas investigadores das primeiras décadas do século XX: três quartas partes das visões no leito de morte tinham sido de

familiares já falecidos, figuras que os vinham cumprimentar e receber nos instantes que pareciam ser os finais da vida terrena. (6)

De certa forma, essa pesquisa dá continuidade às extraordinárias investigações sobre os fatos psíquicos no momento da morte, recolhidos nas monografias deixadas por Ernesto Bozzano, figura exponencial da Metapsíquica.(7)

Desde 1961, o dr. Ian Stevenson, médico psiquiatra e professor da Universidade de Virgínia, nos EUA, empreendeu viagens, por diversos países do Oriente (Índia, Burma, Tailândia, Ceilão, Turquia, Líbano, Sri Lanka) e do Ocidente (Alaska, Canadá, Estados Unidos, Brasil etc.) à procura de casos de reencarnação. Já publicou inúmeros trabalhos em diversos periódicos, tendo lançado, em 1966, como parte dos Anais da American Society for Psychical Research (ASPR), o livro que se tornou um clássico no gênero: *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*.

No Brasil, a 13 de dezembro de 1963, o engenheiro Hernani Guimarães Andrade fundou o Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP) e, desde então, tem acumulado investigações de casos de reencarnação, poltergeist e mediunidade, entre outros. Em 1976, editou o seu primeiro trabalho referente a uma das pesquisas, a monografia: *Um Caso que Sugere Reencarnação: Jacira e Ronaldo*. Lançou depois, em 1979, uma outra monografia, até que, em janeiro de 1988, foi publicado o seu livro *Reencarnação no Brasil*, um clássico no gênero, com oito casos muito bem documentados.

Praticamente sozinho, sem ajuda financeira de qualquer espécie, contando apenas com o trabalho voluntário de sua fiel e competente secretária, Suzuko Hashizume, dr. Andrade conseguiu investigar 75 casos sugestivos de reencarnação, 32 de *Poltergeist* e 2 de *drop-in* (entrantes), um verdadeiro marco na pesquisa da sobrevivência e da reencarnação no Brasil.(9)

No outono de 1965, a psiquiatra suíça, Elisabeth Rübler-Ross iniciou com quatro estudantes, no Hospital de Chicago, os seus Seminários sobre a Morte e o Morrer, procurando ouvir os próprios pacientes em fase terminal, para aprender com eles acerca desses assuntos de magna importância para o gênero humano, mas, até então, discriminados pela comunidade científica e pela sociedade como um todo.

Dois anos depois, essas reuniões passaram à categoria de curso na

Escola de Medicina e no Seminário de Teologia, com frequência de mais de cinquenta pessoas – médicos visitantes, enfermeiras, ajudantes de enfermagem, assistentes hospitalares etc. – um verdadeiro “diálogo interdisciplinar”. Em três anos, ela já tinha ouvido cerca de 300 pacientes no limiar da Vida Nova.

Em 1969, a dra. Kübler-Ross lançou o seu livro *Sobre a Morte e o Morrer (On Death and Dying)*, revolucionário e inovador, descrevendo, pela primeira vez, os estágios psicológicos dos moribundos. A este, seguiram-se outros, igualmente, de imenso valor, verdadeiras aulas de humanismo, esperança e consolação e de total apoio à tese da sobrevivência da alma. (10)

Em 1965, quando era estudante de filosofia na Universidade de Virgínia, Raymond Moody Jr. conheceu George Ritchie, professor de psiquiatria da faculdade de medicina, que, desde o primeiro momento, o impressionara, por sua amabilidade e cordialidade. Veio a saber depois, quando já estudava medicina e ouvia sua história contada a um grupo de estudantes interessados, que, aos 22 anos, Ritchie havia sido considerado clinicamente “morto”, durante nove minutos, mas recordava-se, perfeitamente, das ocorrências nesse lapso de tempo. A esse caso, somaram-se muitos outros que pululavam à sua volta, instigando-o a documentá-los. Em 1972, quando entrou para a Faculdade de Medicina, já havia colhido inúmeros depoimentos.

Dr. Moody publicou, em 1975, um pequeno livro intitulado *Vida Depois da Vida (Life After Life)*, prefaciado pela dra. Kübler-Ross, com relatos e estudos de alguns dos 150 casos colhidos, entre eles os de pessoas que haviam sofrido, em um dado momento, “morte” clínica ou haviam estado na iminência da morte e tinham voltado para contar. Muitos recordavam-se dos sons que ouviram, do túnel escuro que atravessaram, emergindo depois em um mundo de luz; outros relatavam a estranha sensação de flutuar ao redor do corpo físico, de avistar parentes e amigos já falecidos ou de conversarem, em pensamento, com um ser de luz, fazendo, ao mesmo tempo, a recapitulação de todos os momentos da existência, como se um filme fantástico se desenrolasse diante dos próprios olhos. Retomaram depois o corpo físico, alguns relutantemente, sem saber bem porque, outros por decisão própria, mas todos impulsionados por uma razão superior, a sensação de que não havia chegado a hora. Essa vivência

inusitada ficou conhecida, a partir de então, como Experiência de Quase Morte (EQM)

*Vida Depois da Vida (Life After Life)* foi um retumbante sucesso! Um best-seller que talvez possa ser explicado pelo fato de que a cultura ocidental negue, de maneira sistemática, a sobrevivência, mas, paradoxalmente, esteja sensibilizada pelo assunto, desejando mais informações sobre ele, sobretudo a partir da década de 1960.

Kenneth Ring, respeitado psicólogo social da Universidade de Connecticut, Storrs, ficou com inúmeras dúvidas quando leu *Vida Depois da Vida*, iniciando, a partir de 1977, suas próprias investigações, à procura de respostas convincentes. Produziu, assim, seu primeiro trabalho científico sobre o assunto.

Ele próprio entrevistou 74 dos 102 informantes de seu livro *Vida na Morte (Life at Death)* publicado, em 1980. Quatro anos mais tarde, lançaria *Rumo ao Ponto Ômega (Heading Toward Omega)*, ampliando ainda mais suas conceituadas pesquisas. Foi fundador e é o atual presidente da **Association for Near-Death Studies (IANDS)** – Associação de Estudos da Experiência de Quase-Morte – cuja sede fica na Universidade de Connecticut.

O cardiologista Michael Sabom, do Hospital de Veteranos, de Atlanta, Georgia, publicou seus primeiros estudos sobre EQM, em parceria com a psiquiatra Sarah Kreütziger, também em 1977. Ao longo dos anos, conseguiu levantar 100 casos para estudo com os quais publicou seu livro *Recordações da Morte (Recollections of Death)*, em 1982. Suas pesquisas, tanto quanto as do dr. Ring são referências obrigatórias na investigação da EQM.

No curso de uma viagem pela Índia, em fevereiro de 1976, a psicóloga inglesa, dra. Margot Grey, ficou muito doente, passando, então, por uma EQM, fato que relatou, posteriormente, em seu livro *Voltando da Morte*. Quando conseguiu ultrapassar a moléstia, começou a dedicar-se aos estudos de casos semelhantes ao seu, tendo mantido contato com o dr. Kenneth Ring. A convite dele, foi aos Estados Unidos, em 1981, o que lhe possibilitou estudar centenas de casos arquivados na IANDS, constatando, então, o quanto Moody, Sabom e Ring estavam corretos em suas observações. Voltando à Inglaterra, pesquisou, ela mesma, 38 casos de EQM, completando a primeira investigação sobre o assunto no Reino Unido. (11)

O primeiro caso de EQM em crianças foi relatado, em 1983, pelo dr. Melvin Morse, médico pediatra do Children's Hospital, de Seattle. A partir de 1982, por oito anos consecutivos, o dr. Morse e seus colegas estudaram 26 crianças que tinham sobrevivido a paradas cardíacas. Compararam aquelas que tiveram EQM com outras 176 crianças seriamente enfermas que não tinham vivenciado morte clínica. Os dois grupos foram cuidadosamente comparados em função de idade, sexo, medicamentos e anestésicos utilizados. Todos os pesquisados estiveram na Unidade de Terapia Intensiva (UTI); ambos os grupos tinham tido a mesma falta de oxigênio no cérebro e a mesma química sanguínea global. Foi possível detectar que, quase todos os pacientes clinicamente mortos, tinham um ou mais elementos da EQM, enquanto nenhum dos 176 pacientes de "controle" tiveram quaisquer sintomas que se assemelhassem a uma experiência dessa natureza.

O estudo de Seattle evidenciou que a EQM não é uma fantasia gerada pelo ressuscitamento e nem uma alucinação porque nenhuma das crianças do grupo de controle tinha passado por ela.(12)

Dr. Melvin Morse deu a conhecer as suas pesquisas de EQM em crianças no seu livro *Mais Perto da Luz (Closer to the Light)*. A este autêntico **best-seller** seguiu-se outro *Transformados pela Luz (Transformed by The Light)*, em 1992, sempre em co-autoria com Paul Perry. Nesse último livro, ambos relatam pesquisas com adultos, focalizando, especialmente, as transformações de conduta pelas quais passaram os depoentes, depois dessa experiência única.

Durante cerca de 20 anos, Paulo Rossi Severino entrevistou famílias que perderam um ente querido e que haviam recebido notícias dele através da mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier. O trabalho iniciou-se em 1974, tendo como finalidade imediata a publicação das mensagens no jornal *Folha Espírita* e como meta posterior a realização de uma pesquisa.

Nas entrevistas, as famílias, a quem as cartas tinham sido dirigidas, respondiam aos questionários elaborados pela Associação Médico-Espírita de S. Paulo (AME-SP), cujos dados, mais tarde, foram analisados com o auxílio de um computador. Os resultados finais, enfeixados no livro *A Vida Triunfa*, revelaram a alta qualidade e confiabilidade das informações mediúnicas, evidenciando a realidade da vida após a morte. Essa pesquisa servirá de base a todo o estudo

que pretendemos fazer neste livro, sobre a nossa vida no Além. (13)

Carlos Augusto Perandréa, professor da Universidade de Londrina, renomado perito em grafoscopia, passou a estudar as mensagens psicográficas recebidas por Chico Xavier, principalmente depois que tomou conhecimento das semelhanças entre as assinaturas dos falecidos, recebidas através das mãos do médium, com as que possuíam na vida terrena. Os resultados de seus estudos comparativos, todos favoráveis à autenticidade das mensagens psicografadas, estão no livro *Psicografia à Luz da Grafoscopia* (14), um marco da pesquisa brasileira no campo da sobrevivência.

Lembramos ainda as investigações parapsicológicas sobre a Experiência Fora do Corpo (EFC), desdobramento astral ou projeção da consciência, a evidenciarem a existência de um corpo mais sutil responsável pelos deslocamentos e pela liberdade de movimentos no além e que pode transpor os obstáculos das matérias mais densas conhecidas no mundo. Charles Tart e Karlis Osis têm interessantes pesquisas sobre o assunto. (15)

Essas são algumas das investigações expressivas em torno da sobrevivência desenvolvidas nestas últimas décadas do século XX, pelo menos as mais relevantes para o trabalho que pretendemos desenvolver neste livro.

De início, vamos procurar ater-nos ao estudo da EQM. Nosso objetivo é buscar-lhe a essência, os estágios ou elementos comuns, para, depois, cotejar esses dados com as revelações recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier – fonte fidedigna através da qual o Plano Espiritual Superior vem jorrando, há mais de 70 anos, ininterruptamente, suas lições. Para nós, o humilde seareiro de Uberaba é a maior agência de notícias do Além de que se tem conhecimento na História humana.

A seguir, listamos os porquês.

## SINGULAR AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

Na década de 1970, reunimo-nos, a dra. Maria Julia Pereira de Moraes Prieto Peres e eu mesma, coadjuvadas por outros colegas, para elaborar um extenso projeto de pesquisa sobre a mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que deveria ser encampado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo. Concluímos o ambicioso projeto,

descrevendo, com detalhes, a pesquisa sociológica, a literária, a histórica, a de comprovação das revelações mediúnicas, inclusive as científicas, além de uma biografia completa. Infelizmente, nunca conseguimos tocar adiante esse projeto por falta de estrutura básica.

Houve, porém, um fato concomitante que possibilitou a obtenção de resultados práticos altamente positivos, com a utilização de parte desse material. A 18 de abril de 1974, foi fundada a Folha Espírita, periódico mensal, por meu marido, Freitas Nobre, e alguns companheiros interessados em divulgar o Espiritismo para um público mais amplo, especialmente para o simpatizante que poderia adquiri-lo, diretamente, nas bancas de jornais.

Paulo Rossi Severino, meu irmão mais velho, um dos seus diretores, saiu a campo, como repórter, divulgando através de suas páginas as cartas-mensagens dos desencarnados dirigidas aos seus familiares, recebidas, psicograficamente, por Chico Xavier. Entrevimos aí uma excelente oportunidade de aplicar os questionários já elaborados para a pesquisa mediúnica. E assim foi feito. Fornecemos ao Paulo esses instrumentos para coleta de dados e ele saiu a campo aplicando-os em suas entrevistas com os familiares dos Espíritos comunicantes, trabalho que atingiu o seu auge nas décadas de 1970 e 1980. Essas entrevistas duraram, em média, três a quatro horas, e cerca de 200 delas foram realizadas, constituindo importante acervo da *Folha Espírita*, que possibilitou ao pesquisador de campo escrever o livro *A Vida Triunfa*, hoje publicado também em inglês e espanhol.

Nele, foram destacadas 45 mensagens dos desencarnados com os comentários feitos pelo autor, quando da publicação no jornal, constando também, na segunda parte, a contribuição da Associação Médico-Espírita de São Paulo: uma introdução do professor dr. Abrahão Rotberg, presidente da instituição à época, o levantamento feito pelo dr. Antonio Ferreira Filho a respeito das pesquisas científicas do século XX sobre a sobrevivência da alma e os comentários feitos por mim e pela dra. Maria Júlia sobre os dados da pesquisa.

Foram esses resultados detalhados pelo computador que nos inspiraram a escrever estas páginas.

Um fato destacou-se de maneira especial, na pesquisa de *A Vida Triunfa*, por demais relevante e insofismável: houve 100% de acerto nas informações dadas pelos comunicantes aos seus familiares tais

como o reconhecimento de palavras, frases e estilo próprios do comunicante; o modo correto de grafar os nomes e os apelidos, sendo que, em muitos casos, a assinatura era idêntica; o acerto na descrição da maneira pela qual morreram; os nomes dos familiares desencarnados que vieram amparar o espírito no limiar da Vida Nova, muitos deles totalmente desconhecidos dos próprios encarnados; a confissão de atos ignorados pelos familiares e que somente depois da revelação mediúnica foram confirmados e outros mais.

A nossa modesta participação no livro *A Vida Triunfa* espicou-nos a curiosidade para saber mais acerca da vida no além, principalmente tendo a possibilidade de consultar fatos contados por espíritos comuns, gente como a gente, que desencarnaram, subitamente, em acidentes inesperados ou por doenças graves, algumas de evolução galopante, em sua maioria jovens, mas também de outras faixas etárias.

Já conhecíamos a coleção completa de André Luiz e a obra clássica *Voltei* do irmão Jacob (Espírito), pseudônimo de Frederico Figner, mas relemos tudo, e outras mais, assinalando todos os dados importantes para este trabalho. Destacamos, primordialmente, 100 das 406 obras recebidas por Chico Xavier, em 70 anos de labor mediúnico (completados em 8 de julho de 1997), publicadas por diversas editoras. Ao todo, aprofundamo-nos no estudo de cerca de 500 mensagens dirigidas aos familiares, sublinhando as informações úteis para o entendimento do que seja a nossa vida no Além.\*(1)

Embora, até o momento, não tenhamos tido a oportunidade de realizar a análise por computador, de todas as demais obras, muitas delas também com os testemunhos dos familiares, consideramos válidas as conclusões da pesquisa publicadas em *A Vida Triunfa*, em que ela foi realizada, e as estendemos, naturalmente, para todas as informações colhidas por intermédio da mediunidade de Chico Xavier.

Como ressaltou o prof. dr. Abrahão Rotberg na apresentação da segunda parte do referido livro:

*Os que pensam que o médium apenas capta radiações mentais dos familiares ficarão em grandes dificuldades para explicar as referências a ocorrências não conhecidas de ninguém, mas confirmadas subsequentemente.*

E ainda enfatizou:

*Além do mais, não há telepatia que leve um homem como o Chico a*

---

\* A lista completa delas você encontra nas notas deste capítulo e na bibliografia.

*escrever longa e corretamente em italiano, utilizar-se de expressões hebraicas e apor assinaturas dos desencarnados reconhecíveis por qualquer tabelião terráqueo.*

*E foi assim que Francisco Cândido Xavier, octogenário, doente, pobre e humilde como sempre, se viu repentinamente envolvido em números, porcentagens, gráficos e estatísticas e, adequadamente “bitado e byteado”, mergulhado no hardware dos computadores, como é apropriado às vésperas do século XXI, para mais uma vez demonstrar que a vida do espírito continua após a morte do corpo.*

\*\*\*

Estamos, pois, lastreados em informações seguras para escrever este livro, procurando desvendar ***Nossa Vida no Além***. Os novos Dantes e Orpheus voltaram para contar o mergulho que deram no desconhecido e encontraram um intermediário, suficientemente humilde, que lhes permitiu total liberdade de expressão, a fim de que pudessem extravasar o aprendizado, as experiências e emoções pelos quais passaram.

Comparações com as EQM serão feitas ao longo da obra. As semelhanças e proximidades desses dois tipos de fontes, a da pesquisa no campo da EQM e a psicográfica, são tão grandes, que nos parece perfeitamente legítimo e oportuno aproximarmos essas duas referências. É por isso que buscamos, no decorrer da discussão dos diversos assuntos, entrelaçar e mesclar essas duas fontes de conhecimento.

Ainda uma vez, confirma-se o que Francisco Cândido Xavier, o médium cujas mensagens estudaremos, afirmou certa feita: ***A Fé abre uma picada, a Ciência passa por cima e constrói uma estrada***, sem o saber, repetia ele, à sua maneira, um conceito de Santo Agostinho: *A fé procura, o intelecto encontra*, emitido pelo santo, a propósito de um comentário sobre texto de Isaías (VII, 9): *Se não crederdes, não entenderéis*. Como há necessidade de ajustes, entre essas duas áreas – a do conhecimento intuitivo e a do intelectual – às vezes fica difícil expressarmos as realidades e vivências do Espírito em termos científicos, porque as leis que regem o plano físico tridimensional não são as mesmas das outras esferas. Quando falamos, por exemplo, na velocidade da volitação e afirmamos que milhares de quilômetros são percorridos instantaneamente, estamos quantificando algo como

se estivéssemos nos referindo às leis tridimensionais conhecidas, quando, na verdade, o fenômeno mencionado ocorre em velocidade superior à da luz. Como não estamos afeitos a esse raciocínio, referimo-nos, para simplificar, a quilômetros vencidos, fazendo-o de forma metafórica, na tentativa de explicarmos o fenômeno com a nossa linguagem comum.

Com base nas informações mediúnicas, vamos, assim, conhecer um pouco mais sobre a morte e o morrer, a travessia, a adaptação à nova dimensão, as repercussões da morte entre os dois planos, o intrincado jogo das relações afetivas e assim por diante.

Escolhemos o termo Vida Nova, e não Nova Vida porque, neste livro, não estamos estudando a reencarnação, mas sim uma outra etapa da vida do Espírito, aquela que se desdobra após a existência terrena e que se constitui no interregno entre vidas.

Creemos que os assuntos abordados neste livro têm tudo a ver com nossa vida cotidiana. Não há como dissociar as experiências nos dois planos, porque vida é sempre vida, e os acontecimentos em um ou outro estarão sempre imbricados dado que, na essência, o Espírito é sempre o mesmo. Se os seres humanos discutissem mais os assuntos da vida e da morte, procurando facear, com naturalidade, as questões da sobrevivência, diminuiriam, em muito, os caminhos da violência, sulcados por eles mesmos no solo maltratado deste extraordinário planeta, onde foram colocados, por Deus, para amar e servir.

Esperamos ter conseguido captar, com fidelidade, as lições escolhidas para ilustrar os diversos temas e, mais que isso, que elas se constituam em um guia seguro de nossa própria transformação interior – necessidade prioritária de nosso Espírito imperfeito. Devemos confessar que o material de estudo foi extraordinariamente rico e, neste primeiro trabalho, não pudemos aproveitá-lo senão em parte, dada a natural restrição de assunto tão rasto a apenas alguns tópicos.

Delimitamos a área, caro leitor, com a intenção de que você possa acompanhar as fases iniciais – a travessia e a adaptação – percorrendo conosco os primeiros passos da alma na vida espiritual. Afinal, mais dia menos dia, todos nós empreenderemos a **grande viagem**. Pensamos que será mais fácil, se houver um roteiro com informações seguras. Se há curso para tudo, por que não um que auxilie a criatura terrena a encarar a morte sem traumatismos? Sobretudo, se esse estudo

nos revela que a morte é simples passagem para uma vida mais plena e verdadeira.

Com este livro, desejamos ressaltar que o fato de o inconsciente não ter nenhum registro da morte é indicativo claro de que somos imortais. No imo do ser, temos certeza de que viveremos sempre.

Na verdade, a morte possibilita o *reencontro da vida*. Vida sem fronteiras. Vida sempre, fatalidade da qual é impossível fugir.

Notas:

- 1) Ver revelação mediúmica de Chico Xavier no livro *E a Vida Continua...*, cap.9, pág.70
- 2) TOBEN, Bob; WOLE Fred Alan. *Space, Time and Beyond; toward and explanation of the unexplainable*. New York, Bantam Books, 1987, pp. 47 e 146. Existe tradução da Editora Cultrix: *Espaço, Tempo e Além*, 1988, pp. 47 e 149.
- 3) O título original em sueco era “Vozes do Universo”, mas na edição brasileira, apareceu como *Telefone para o Além*.
- 4) Ver Transcomunicação Instrumental e Transcomunicação Através dos Tempos, de Hernani Guimarães Andrade; *Transcomunicação por Meios Técnicos*, de Sonia Rinaldi; *Transcomunicação*, de Theo Locher e Maggy Harsch.
- 5) Ver trabalho do professor James H. Hyslop da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, *Visões dos Moribundos*, de 1907 e do físico William Fletcher Barrett, da Sociedade de Pesquisa Espírita, de Londres, *Visões no Leito de Morte*, publicado em 1926, com 2a ed. em 1986. Vali-me desta última edição que tem o prefácio de Colin Wilson.
- 6) Veja o resultado desta pesquisa intercultural no livro *O Que Eles Viram no Limiar da Morte*.
- 7) Ver *a Crise da Morte e Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*. De 1906 a 1922, Bozzano publicou na Revista *Luce e Ombra: Delle Apparizioni di Difunti al Letto de Morte* – (As aparições de pessoas falecidas a doentes em estado terminal).
- 8) Stevenson publicou, inicialmente, os seus casos no vol. XXVI dos *Proceedings da ASPR*, em setembro de 1966, depois, esta obra e mais quatro outras foram publicadas pela University Press of Virginia, Charlottesville. (EUA). Hoje, ele tem cerca de 2.000 casos de reencarnação pesquisados e documentados. Aprofundando sua investigação, publicou, em 1997, um monumental trabalho intitulado *Reincarnation and Biology: a Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*, em dois volumes, com mais de 2600 páginas, e o livro

*Where Reincarnation and Biology Intersect* (203 páginas), em que introduz e condensa aquele.

(9) O livro *Reencarnação no Brasil* contém 8 dos 75 casos estudados pelo eng. Hernani Andrade. Em 1994, ele lançou pela nossa editora FE o livro *Renasceu por Amor*, um dos seus casos de forte evidência sobre o tema. Em 1988, foi lançado, pela Editora Pensamento, *Poltergeist*, com 5 dos seus 32 casos pesquisados.

10) Ver na bibliografia a relação de boa parte de seus livros.

11) *Voltando da Morte* - dra Margot Grey.

12) *Transformados pela Luz*, Melvin Morse, pp. 39 e 40.

13) Ver *A Vida Triunfa*, que possui duas versões uma para o inglês e outra para o castelhano.

14) Ver *Psicografia À Luz da Grafoscopia* especialmente o estudo das assinaturas e da caligrafia da sra. Ilda Mascaro Saullo.

15) Ver as experiências de Charles Tart em A Psychophysiological Study of Out-of-the-Body Experiment in a Selected Subject no *The Journal of American Society for Psychical Research*, vol. 62, n° 1, janeiro 1968 - pp. 3-27.

Ver também trabalho de Karlis Osis e Donna McCornick apresentado na 22ª Convenção Anual da Parapsychological Association (Moraga, EUA): Kinectic Effects at the Ostensible Location of an Out-of-the-body Projection During Perceptual Testing (*The Journal of the American Society for Psychical Research*, vol. 74, n.º 3, July, 1980 - pp. 319-329).

**No Limiar da Vida Nova**

*A morte é o estágio final da evolução nesta vida.  
Não há morte total. Só o corpo morre.  
O eu ou espírito ou seja como for que se deseje rotulá-lo, é imortal.*  
Elisabeth Kübler-Ross

Sabemos que um sem-número de pessoas, no mundo todo, já passou e outro tanto está passando ou ainda vai passar pela Experiência de Quase-Morte (EQM). Segundo um estudo notável feito pelo Instituto Gallup, tendo por base a população adulta dos EUA, 35% dos americanos que estiveram próximos da morte (o que corresponde a 8 milhões de pessoas) tiveram essa experiência.(1)

Mas, o que é na verdade uma EQM?

Raymond Moody Jr deu-nos um “modelo” para que tivéssemos uma ideia do que ocorre a uma pessoa que passa por essa vivência: (2)

*“Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior esgotamento ou dor física, ouve seu doutor declará-lo morto. Começa a escutar um ruído desagradável, um zumbido estridente, e ao mesmo tempo sente que se move rapidamente por túnel longo e escuro. Em seguida, encontra-se de repente fora do corpo físico, todavia em torno dele, vendo seu corpo do lado de fora como um espectador Nesta posição privilegiada observa a tentativa de ressuscitá-lo e encontra-se em um estado de excitação nervosa.*

*Em um momento fica calmo e começa a acostumar-se à sua estranha condição. Dá-se conta de que segue tendo um ‘corpo’ ainda que de natureza diferente com poderes diferentes dos do corpo físico que deixou para trás.*

Em seguida, começa a acontecer algo. Outros vêm recebê-lo e saudá-lo. Vê os espíritos de parentes e amigos que já tinham morrido e aparece diante dele um espírito amoroso e cordial que nunca antes havia visto – um ser luminoso –. Este ser, sem utilizar a linguagem, pede-lhe que avalie sua vida e o ajuda, mostrando-lhe uma panorâmica instantânea dos acontecimentos mais importantes. Em determinado momento, encontra-se aproximando-se de uma espécie de barreira ou fronteira que parece representar o limite entre a vida terrena e a outra. Descobre que deve regressar à Terra, que o momento de sua morte ainda não chegou. Resiste porque começou a acostumar-se às experiências da outra vida e não quer regressar. Está inundado de intensos sentimentos de alegria, amor e paz. Apesar de sua atitude volta ao seu corpo físico e vive.

Posteriormente, trata de falar com os outros, mas é problemático fazê-lo, já que não encontra palavras humanas adequadas para descrever os episódios sobrenaturais. Tropeça também com as piadas dos demais, por isso deixa de falar-lhes. Mas a experiência afeta profundamente a sua existência, sobretudo as suas ideias sobre a morte e a sua relação com a vida.

Nesse modelo, Moody procurou colocar os quinze elementos mais comuns encontrados nas muitas histórias que ouviu dos depoentes, apresentando-o como uma ideia preliminar e geral do que pode experimentar uma pessoa que está morrendo. No entanto, nunca encontrou ninguém que tivesse tido todos esses elementos na experiência do morrer.

Segundo suas observações, não existe uma EQM idêntica à outra, ainda que as semelhanças sejam notáveis. Às vezes, podem ser encontrados somente dois desses elementos ou mais; em outros casos, a ordem não segue rigorosamente a do modelo.

Quanto ao grau de profundidade da experiência, isso vai depender da real ocorrência de uma morte clínica e, nesse caso, do tempo em que o paciente permanece nesse estado; quanto mais longo esse período, mais profunda será. Em geral, as pessoas que estiveram “mortas” dão um relato mais vívido e completo da experiência do que as que só estiveram próximas da morte.

Já nos referimos à experiência do psiquiatra George G. Ritchie, que o levou a um aprofundamento no processo de morrer. Vejamos um trecho de seu livro sobre seu encontro com o Ser de Luz: (3)

*E, acima de tudo, eu sabia que aquele Homem me amava. Sabia-o com aquela mesma certeza interior misteriosa. Muitíssimo mais que poder, era amor incondicional o que emanava dessa Presença. Um amor assombroso, um amor além do nível mais arrojado de que fosse capaz a minha imaginação. Esse amor conhecia cada aspecto negativo do meu ser – as alterações com a minha madrasta, meu temperamento explosivo, os devaneios sexuais, que jamais pude controlar, cada pensamento e cada ação maus e egoístas, desde o dia em que nasci, tudo isso ele conhecia (...) e aceitava-me tal como eu era, e do mesmo modo me amava.*

*Quando digo que Ele conhecia tudo a meu respeito, quero significar que isso era, simplesmente, um fato observável, porque cada um dos episódios de minha vida haviam penetrado naquele quarto, simultaneamente à sua presença radiante. (...) Tudo o que se passara comigo ali estava, visível a olho nu, situado no tempo e animado de vida, parecendo acontecer no mesmo instante. (...) Jamais, até então, experimentara o tipo de espaço que parecia formar o nosso contorno (...) Petrificado, vi-me a mim mesmo de pé, junto ao quadro-negro, numa aula de ortografia. (...) Vi-me como uma criança raquítica, arquejando, à procura de ar, dentro de uma incubadeira. (...) Outras cenas – centenas, milhares – sucederam-se, todos iluminadas pela luz clarividente, uma excelência em que o tempo parecia ter cessado. (...) Cada pormenor de vinte anos de existência estava ali para ser visto. (...) no meio dessa visão de tudo o que ocorrera, surgiu uma questão. (...) Que fez você de sua vida? (...) essa retrospectiva total, perfeita e detalhada veio dele (...) A pergunta parecia dizer respeito a valores, não a fatos: o que Você realizou com as cotas de tempo que lhe foram dispensadas? (...) Desesperadamente, procurei algo em torno de mim mesmo, algo que pudesse parecer válido à luz dessa realidade resplandecente.*

A rica experiência do dr. Ritchie, evidentemente, não pode ser relatada aqui. No seu livro *Voltar do Amanhã*, surgido nos EUA, em 1978, com prefácio do dr. Moody e já traduzido para o português, há o relato completo de tudo quanto vivenciou nos nove minutos em que foi considerado morto. No ponto destacado, a presença do Ser de Luz, desencadeou a revisão dos lances da existência e o julgamento no tribunal da própria consciência.

Margot Grey foi acometida de uma estranha doença que teve a duração de três semanas e nunca chegou a ser verdadeiramente

diagnosticada. Em um momento impreciso, no curso dela, teve uma experiência única em sua vida. Ela mesma relata:

*Em algum ponto, durante a parte inicial de minha doença, lembro-me de me encontrar flutuando em uma escuridão total naquilo que me pareceu ser o espaço exterior. Era como estar dentro ou fazer parte do nada absoluto. Lembro-me de ter pensado: “Então é isso que acontece quando agente morre, és o nada absoluto, apenas o espaço negro sem limites”, e ainda assim não tive medo nem me senti só. Eu estava consciente da minha própria identidade e ciente de minha solidão, ainda assim, ao mesmo tempo, encontrei-me como “um ser” do espaço infinito; parecia que eu fazia parte desse espaço e que ele fazia parte de mim.*

*Mais tarde, parecia que estava viajando em um túnel sem fim. Pude ver uma ponta de luz no final desse túnel, na direção para onde eu parecia estar indo e que estava gradualmente me atraindo para mais perto. Lembro-me de saber com absoluta certeza que eu eventualmente chegaria ao fim do túnel e emergiria na luz, que se parecia com a luz de uma estrela bem luminosa, porém muito mais brilhante. Um sentimento de exultação foi acompanhado pelo sentimento de estar mais próximo da “fonte” de vida e amor, que parecia ser uma só.*

*Senti-me abraçada por tais sentimentos de alegria, não tenho palavras para descrevê-los. O mais próximo que posso chegar em termos humanos é lembrar do êxtase de amar, a emoção que uma pessoa sente quando o primogênito é colocado pela primeira vez nos braços de um pai ou de uma mãe, a transcendência espiritual que ocorre, às vezes, quando se está em um concerto de música clássica, a paz e a grandeza de montanhas, florestas e lagos ou outras belezas da natureza que podem levar-nos a lágrimas de alegria. Una tudo isso e multiplique por mil e você obterá uma vaga e rápida sensação do “estado” em que uma pessoa fica (...) (4)*

Por essa descrição, vê-se que a psicóloga inglesa teve uma experiência profunda, com vários dos elementos citados no “modelo” do dr. Moody.

Elisabeth Kübler-Ross, a mensageira da Esperança e do Amor junto ao leito dos pacientes em estado terminal, teve oportunidade de constatar a incidência desse fenômeno:

*Em realidade, estudei milhares de pacientes em todo o mundo, que tiveram experiências “fora do corpo” ou “a ponto de morrer”; parecidas com as descritas no livro *Vida Depois da Vida*, de Raymond Moody, para*

*o qual descrevi a introdução.*

Ela explica que o denominador comum dessas ocorrências é a Experiência Fora do Corpo (EFC) As pessoas tiveram plena consciência de abandonar seu corpo físico, muitas vezes flutuando em torno dele. E pincela, com detalhes gerais, como as pessoas descreveram esses momentos, vendo-se nas proximidades de onde foram originalmente abatidas: o cenário do acidente, a sala de emergência, o próprio leito de sua casa etc. Não sentiram dor nem ansiedade. Muitas descreveram a cena do acidente, detalhando-a minuciosamente, inclusive a chegada da ambulância e de pessoas que trataram de tirá-las do automóvel, ou de apagar o fogo.

De acordo com o que observou, no curso de uma EQM, as pessoas deficientes sentiam-se completas: *as mutiladas tinham seus membros intactos, as que estavam em cadeiras de rodas, podiam dançar e mover-se de um lado para outro sem esforço algum, e as pessoas cegas podiam ver.*

Havia também *a percepção da presença de seres amados, entre os quais figuravam parentes próximos, que os haviam precedido na morte. Sempre havia uma avó querida esperando uma netinha, um tio em especial que havia morrido há dez meses, ou um companheiro de classes (...)* (5)

Com base em suas observações, a dra. Kübler-Ross desenvolveu um projeto científico interessante, estudando a incidência de EQM em cegos, sobretudo nos que não tiveram nenhum vislumbre de luz pelo prazo mínimo de dez anos. Aqueles que vivenciaram a EQM foram capazes de descrever, com detalhes, como as pessoas estavam vestidas, a cor das roupas, o modelo e assim por diante. (6)

Há também um caso impressionante descrito em dois livros: *Uma Luz que se Apaga e Morte: Um Amanhecer.* (7)

Em uma de suas conferências, um senhor pediu um aparte para narrar a sua própria história e a dra. Ross concedeu-lhe a palavra. Ele teve oportunidade, então, de descrever um episódio muito triste de sua existência. De uma só vez, havia perdido toda a família: a mulher e os cinco filhos, quando a perua em que viajavam fora colhida por um caminhão que transportava gasolina, todos os corpos ficaram carbonizados. Desde o pavoroso desastre, viveu em estado de choque, de entorpecimento, com dificuldade em aceitar a ideia de estar sozinho no mundo, de não ter ninguém, incapaz de enfrentar a situação, passou

a beber e a drogar-se. Assim, de cidadão decente e trabalhador passou à condição de mendigo que bebia de manhã até de noite. Segundo seu relato:

*“A última lembrança que tinha era a de que, depois de dois anos de mendicância, encontrava-se numa estrada suja à margem de uma floresta, bêbado e dopado, tentando desesperadamente, encontrar-se com a família”.*

Lembrava-se de ter avistado um enorme veículo que vinha na sua direção e passava sobre seu corpo.

*Nesse momento viu-se jogado na estrada, seriamente ferido, ao mesmo tempo que, do alto, de poucos centímetros acima do chão, podia observar a cena do acidente. Nesse estado, (...) começou a sentir que estava saindo do seu corpo, sem dor nem ansiedade. Aparto u-se flutuando e viu acercar-se uma luz. De pronto, dessa luz surgiu sua família: sua esposa e seus filhos, tão felizes, saudáveis e sorridentes como os recordava a todos.*

*“Não falaram, mas pude compreender tudo. Subitamente soube que eles estavam bem”. “Não tinham cicatrizes nem marcas de queimaduras. Só estavam ali para mostrar-me que estavam bem e juntos”.*

*“Tive consciência de que havia passado todo esse tempo tratando de destruir minha vida, porque pensava que havia perdido toda minha família, meus filhos...”*

E o anônimo narrador voltou voluntariamente ao corpo, reiniciando sua vida de homem decente e trabalhador.

Esse depoimento foi a resposta de Deus às preces feitas pela dra. Ross: ela havia pedido alguém que pudesse dar um testemunho vivo sobre a importância da EQM, na conferência que ia pronunciar.

Após visitar a Universidade de Connecticut, onde colheu informações junto ao excelente material de pesquisa do dr. Kenneth Ring, a dra. Margot Grey regressou a Londres e tornou-se a primeira pesquisadora de EQM do Reino Unido, investigando 38 casos característicos. Entre estes, ouviu o relato de um senhor, contando o tipo de ligação entre dois corpos: (8)

*Foi como se um cordão me ligasse ao meu corpo na cama e eu não podia sair. Pensei que estava preso lá, e então tive a impressão de que o cordão tinha sido cortado e eu cheguei a esse lugar.*

Uma mulher que tinha tido uma experiência negativa também comenta:

*Ao voltar para o meu corpo, tive a sensação de um cordão elástico, que é esticado até o limite e então solto. Eu como que me choquei de volta o contra meu corpo, e tudo parecia vibrar com o impacto.*

Segundo suas observações, as EQMs relacionadas às tentativas de suicídio (9) não atingem a etapa final *mas tendem a desvanecer-se antes de atingir os elementos transcendentais característicos da “experiência total”*.

Nesses casos, a EQM tende a terminar em um vácuo sombrio, um sentimento de confusa flutuação na escuridão.

Como base em sua pesquisa, a dra. Grey aponta também, tal como já o fizera Maurice Rawlings, para a incidência das EQM negativas, chamadas, assim, porque, em alguns casos, essas ocorrências no limiar da morte podem tornar-se um verdadeiro pesadelo: o sobrevivente descreve lugares nevoentos, sensações desagradáveis, sentindo-se mesmo nos prenúncios do próprio inferno. (10)

## ESTÁGIOS DO MORRER

Melvin Morse e Paul Perry afirmam que é possível identificar os estágios ou elementos comuns que definem a EQM. Para eles, basicamente existem nove indícios: 1) *Uma sensação de estar morto*; 2) *Paz e Ausência de dor*; 3) *Experiência Fora do Corpo (EFC)*; 4) *Experiência do túnel*; 5) *Seres da luz*; 6) *Ser de luz*; 7) *Recapitulação da vida*; 8) *Relutância em voltar*; 9) *Transformação da personalidade*. (11)

E o autor de *Transformados pela Luz* ainda sintetiza, descrevendo a experiência básica:

*A EQM é um acontecimento lógico e ordenado que compreende flutuar para fora do corpo, entrar na escuridão e vivenciar uma luz maravilhosa e indescritível. As pessoas que as têm sabem o que está acontecendo.* (12)

Para o respeitado psicólogo social, Kenneth Ring, existem cinco estágios da experiência básica: *paz, separação do corpo, entrada na escuridão, visão da luz e entrada na luz*. (13) O sobrevivente pode ter vivenciado dois ou mais desses estágios, como já vimos nos exemplos anteriores.

Um dos depoimentos colhidos pelo dr. Ring e sua equipe é o de uma paciente que sofreu um ataque de asma quase fatal. Eis um trecho: (14)

*Lembro-me de dizer para mim mesma que estava morrendo. Senti que*

*estava flutuando através de um túnel... Quando digo “túnel”, a única coisa que consigo pensar é – você sabe aqueles tubos de esgoto grandes? Era redondo desse jeito, mas era enorme. Eu não conseguia ver as suas bordas; eu tinha a sensação de que era redondo. Era meio esbranquiçado. Eu estava bem no meio. Todo o meu corpo, você sabe. Eu estava de costas. Estava simplesmente flutuando. E uma fumaça ou linhas brancas estavam vindo nessa direção (em direção dela) e eu estava indo no sentido contrário. (Sento muita paz, quase como se estivesse numa jangada no mar, sabe?*

Segundo as conclusões do dr. Ring, a EQM é uma síndrome específica, com vários estágios também específicos.

Como vimos, Michael Sabom, cardiologista de Atlanta, Georgia, EUA, investiga EQM desde 1977. Em seu livro, *Recollections of Death*, relata os resultados de 100 pacientes pesquisados (71 do sexo masculino e 29 do feminino). Ele próprio entrevistou cada um deles, segundo um modelo muito semelhante ao do dr. Ring. Nas entrevistas, recolhia os dados demográficos dos sobreviventes, consultava os registros médicos fornecidos pelo Hospital, para confrontá-los com as informações colhidas e ouvia a descrição da EQM vivenciada pelo paciente.

Sabom classifica as EQMs em autoscópicas, que seriam as mais simples e transcendentais, as mais profundas. Scott Rogo prefere denominá-las simples e escatológicas, respectivamente.

Um homem de 43 anos, cuja EQM aconteceu quando teve um problema nas coronárias, na vigência do pós-operatório hospitalar, relatou para Sabom: (15)

*“Fui para algum lugar e lá estavam todos os meus parentes, minha avó, meu avô, meu pai, meu tio que tinha se suicidado recentemente. Todos vieram ao meu encontro e me cumprimentaram (...) Meus avós estavam vestidos (...) todos de branco e eles tinham um capuz na cabeça (...) Tinham uma aparência melhor do que a do meu último contato com eles (...) pareciam muito felizes (...) Fiquei de mãos dadas com a minha avó (...) Parece que eu tinha ido ao encontro deles e todos estavam muito felizes (...) De repente eles me deram as costas e foram embora e minha avó olhou por sobre o ombro e disse: “Nos encontraremos mais tarde, mas não dessa vez”.*

Esta seria uma EQM transcendental, segundo Sabom, e escatológica

para Rogo.

Baseado em suas pesquisas, dr. Sabom conclui que 27 a 42 por cento dos sobreviventes à morte clínica, haviam passado pela EQM. As pesquisas de Ring apontam para algo próximo aos 40%, enquanto a pesquisa do Gallup indica 35%.

A maioria dos pacientes foi ressuscitada depois de poucos momentos da parada cardíaca. Segundo as observações do dr. Sabom, quando o paciente ficava inconsciente por mais de 60 segundos tendia mais comumente a induzir a EQM (16)

Essa descoberta levou o pesquisador de Atlanta a algumas conclusões: a) os que estão mais próximos da morte passam com maior frequência pela experiência; b) as que passam por ela não sentem mais medo da morte ou diminuem muito esse receio.

A equipe do dr. Ring chegou a essas mesmas conclusões, confirmando-se, assim, os resultados dos dois pesquisadores, fato raro em pesquisa parapsicológica.

Interessante observar também, nos casos do dr. Sabom, a descrição feita pelos sobreviventes a respeito dos sofisticados procedimentos utilizados nas cirurgias cardíacas que eles tiveram oportunidade de observar, enquanto flutuavam ao redor de seus corpos físicos, na sala cirúrgica. Alguns descreveram a retirada da costela, o peito aberto e as inúmeras e delicadas incisões, pinçamentos, aplicação de injeções intracardíacas, manobras de ressuscitamento, etc. Essas descrições são ainda mais incríveis quando comparadas ao grau de conhecimento demonstrados pelos pacientes quando em estado “normal”. Esses depoimentos são evidências a mais de que algo se desliga do corpo físico e é capaz de observar tudo o que se passa ao seu redor.

Segundo o dr. Ring, - *A EQM parece não ocorrer aleatoriamente, ela tende a se desdobrar em vários estágios sequenciais. Quanto mais profundamente o paciente penetra na EQM, mais estágios ele experimenta.*

Suas observações coincidem, portando, com as do dr. Moody e dr. Sabom.

A propósito desse estudo, Scott Rogo (17) fez observações muito juntas: *os estágios sequenciais da EQM – tão concisamente mapeados pelo dr. Ring e seus colegas – podem ser encontrados dentro de qualquer outro contexto psicológico. Parece ser uma experiência concisa,*

*autoconsistente, geralmente vinculada a situações de ameaça à vida. Embora esse fato não prove necessariamente a realidade objetiva da EQM, claramente ela não se trata de uma alucinação ou ilusão simples, mas algo mais complicado.*

Ainda segundo as pesquisas de Ring, – a maioria das experiências do limiar da morte parecem se desdobrar de acordo com um **único padrão**, quase como se a perspectiva de morte servisse para liberar um “programa” armazenado **comum** de sentimentos, percepções e experiências. (18)

Ultimamente, tanto Kenneth Ring quanto Melvin Morse têm voltado seu interesse para as transformações produzidas pela EQM na personalidade humana. Essa é, aliás, uma realidade constatada por todos os pesquisadores.

Ao final deste capítulo, colocamos um quadro com os elementos mais frequentes de uma EQM para que possamos fazer um estudo comparativo em qualquer tempo.

O que acontece quando a pessoa não volta a assumir o corpo físico?

Será possível acompanhar a trajetória da alma, após a morte física?

Na verdade este é o objetivo mais específico deste livro.

A seguir, valemo-nos das informações canalizadas através do médium Chico Xavier para tentar compreender melhor o fenômeno da EQM e ampliar os conhecimentos sobre a **Nossa Vida no Além**.

<b>ELEMENTOS QUE OCORREM NAS EQM</b>
1) Sensação de estar morto;
2) Paz e ausência de dor;
3) Experiência fora do corpo;
4) Experiência do túnel (entrada na escuridão);
5) Seres da luz (encontro de familiares e amigos);
6) Ser da luz;
7) Recapitulação da vida;
8) Relutância em voltar;
9) Transformação da personalidade.

Notas:

- 1) A respeito da pesquisa do Instituto Gallup ver o livro *Aventuras na Imortalidade* *Adventures in Immortality*, de George Gallup Jr., citado por Ring em *Rumo ao Ponto Ômega*.
- 2) Veja *Vida Depois de La Vida* - cap. 2.
- 3) *Voltar do Amanhã*, pp. 45 a 48
- 4) *Voltando da Morte* - Margot Grey, prefácio.
- 5) Dra. Elisabeth Kübler-Ross - *Uma Luz que se Apaga*, pp. 198 e 199.
- 6) Elisabeth Kübler-Ross - *A Morte: Um Amanhecer*, p. 16.
- 7) *Uma Luz que se Apaga* (pp. 202 e 203) e *Morte: Um Amanhecer* (p. 76)
- 8) *Voltando da Morte*, pp. 109 e 110.
- 9) *Voltando da Morte*, p. 43.
- 10) id., p. 34.
- 11 e 12) Ver Prefácio e p. 207 de *Transformados pela Luz*.
- 13) Ver *Rumo Ao Ponto Ômega*, p. 38.
- 14) Citado por Scott Rogo - *Volta à Vida*, p. 90.
- 15) Citado por Scott Rogo - *Volta à Vida*, p. 97.
- 16) Estudo de Scott Rogo - *Volta à Vida*, p. 98.
- 17) *Volta à Vida* - D. Scott Rogo, pp. 92 e 93.
- 18) Veja observações de Scott Rogo em *Volta à Vida*, pp. 91 e 92.

## Como É Morrer

Podemos concluir, de tudo o que vimos no capítulo anterior, que morrer é um processo complexo.

Do ponto de vista físico, até que é relativamente fácil, complicado, porém é desencarnar, desprender-se a alma dos laços que a retém ao plano material.

Embora obedeça a leis gerais que a tornam automática (1), a desencarnação, para efetivar-se completamente, envolve lapsos de tempo variáveis, conforme a evolução do Espírito. (2)

Allan Kardec detalhou o mecanismo de desprendimento da alma, valendo-se dos ensinamentos do Espírito da Verdade e das próprias entrevistas que fez com centenas de desencarnados. Vejamos os tópicos principais listados por ele: (3)

- A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma, em q consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas esse desprendimento nunca é brusco e só se completa quando não mais reste um átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo.
- O número de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito é responsável pela maior ou menor dificuldade na separação. Se a união permanecer, a alma poderá sentir a decomposição do próprio corpo, como frequentemente acontece nos casos dos suicidas. Na morte natural, resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, a separação é gradual: para aquele que se desmaterializou durante a própria existência, completa-se antes da morte real; para o homem materializado e sensual, cujos laços com a matéria são estreitos, é difícil, podendo durar “algumas vezes dias, semanas e até meses” (LE 155 nota). Na morte violenta, o

desprendimento só começa depois que ela se efetiva e não se completa rapidamente (LE 162 nota).

- Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se um fenômeno de perturbação, considerado como estado natural. *Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações.* É por isso *que ela quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro.* Quando sai desse estado, o Espírito pode ter um despertar calmo ou agitado, dependendo do tipo de sono no qual se envolveu.
- *A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma.*

Influem, pois, no processo de desencarnação: o número de encarnações já vividas, as conquistas mentais ou o patrimônio no campo da ideação, os valores culturais, o grau de apego aos bens terrenos, enfim, as qualidades morais e espirituais, que constituem seu patrimônio.

A preparação para a morte incluiria todo um programa existencial: fé ativa, aceitação da vontade divina nos impositivos da existência, desprendimento dos bens terrenos, busca da expansão do amor, na vida diária.

É por isso que não existe uma desencarnação igual à outra, do mesmo modo que não há EQMs idênticas, apenas similares.

As desencarnações tanto quanto as reencarnações obedecem simplesmente à Lei natural; ambas são automáticas.

Há um “programa” nos dois processos que, em linhas gerais, é igual para todos os seres viventes.

A proximidade da morte física simplesmente detona a abertura desse “programa”, que se desdobra, então, em estágios definidos, mas cuja duração varia em graus muito diversificados, porque depende da aquisição evolutiva de cada ser.

Em 1958, o espírito de André Luiz explicou o processo do morrer (4), comparando-o à metamorfose dos insetos.

Vamos dissecar suas informações.

Imaginemos a larva dos insetos de transformação completa, como a da borboleta, por exemplo. Chega um determinado momento em que a lagarta começa a diminuir os seus movimentos, até paralisá-los completamente; esvazia, então, os intestinos e não mais suporta a

alimentação. Nesse estágio, permanece imóvel, transformando-se em crisálida ou pupa. Fica, então, dentro do casulo, protegida das intempéries, pelos fios que produz, com a secreção das glândulas salivares, e os tecidos vegetais e pequenos gravetos do meio ambiente. Nesse estado, pode ficar alguns dias e até meses.

Na posição de pupa, o organismo da lagarta sofre modificações consideráveis com o aniquilamento de determinados tecidos (histólise), ao mesmo tempo que elabora órgãos novos (histogênese). Principalmente o aparelho digestivo e os músculos sofrem as alterações de cunho degenerativo, reconstruindo-se, depois, em novas bases. Nessa reconstrução (histogênese), forma-se um novo sistema bucal e os elementos dos músculos estriados são reutilizados, já agora para a configuração de outros órgãos. Assim, um belo dia, uma linda borboleta deixa o casulo.

Ao deixar o corpo físico, a alma humana passa por um processo semelhante.

Somente após o esgotamento da força vital, em virtude da idade avançada, da enfermidade ou de algum outro fator destrutivo externo, pouco a pouco, declinam as forças fisiológicas, paralisam-se os movimentos corpóreos. O paciente em estado terminal não mais tolera a alimentação.

A imobilização no cadáver lembra a crisálida. Assim como a lagarta produz os filamentos com que se enovela no casulo, também o homem envolve-se nos fios dos próprios pensamentos. Nesse estado, há o predomínio das forças mentais, tecido com as próprias *ideias reflexas dominantes do Espírito\**. Este pode ficar nesse estado de pupa por um período que varia entre minutos, horas, dias, meses ou decênios: Com a cadaverização, os catalizadores químicos e outros recursos próprios do quimismo orgânico operam a destruição dos tecidos corpóreos (histólise). Com isso, afetam os tecidos do corpo espiritual, principalmente *a morfologia dos músculos e dos aparelhos da nutrição, com escassa influência sobre os sistemas nervoso e circulatório*. Ao mesmo tempo, dá-se a reconstrução (histogênese) do corpo espiritual, com a elaboração de órgãos novos. Assim, o perispírito ou corpo espiritual inicia a formação dos seus “tecidos” a partir dos elementos vivos, desagregados do tecido citoplasmático que se mantinham, até então, ligados à organização fisiológica entregue à decomposição.

Pela histogênese espiritual, os órgãos novos vão recompor o perispírito, para que ele possa continuar servindo de veículo à atuação do Espírito, já agora em nova dimensão.

Somente ao término desse processo, a borboleta abandona o casulo, isto é, o Espírito larga o corpo físico, ao qual se uniu, temporariamente, e que lhe serviu de sagrado instrumento de aprendizado.

Enverga, então, um veículo mais sutil, com novo peso específico, *segundo a densidade da vida mental em que se gradua*, dispondo de novos elementos para atender à própria alimentação e locomoção.

Tal como o organismo da borboleta, esse corpo sutil passou por modificações no sistema muscular e no aparelho bucal. Assim, vai ostentar as chamadas *trompas flúidico-magnéticas de sucção*, novo meio através do qual vai se alimentar no além. Com esses órgãos novos, esse corpo estará muito mais ligado às *emanações* das coisas e dos seres que o cercam.

É sempre bom repetir que todo esse processo vai depender da evolução espiritual do desencarnado. O grau evolutivo alcançado vai se refletir nos processos mentais que, por sua vez, vão conferir “peso específico” ao psicossoma ou perispírito.

Em última análise, esse “peso específico” é quem vai determinar a morada ou a dimensão em que o Espírito viverá no além.

Desde que iniciou seus Seminários sobre a Morte e o Morrer, em 1965, a dra. Elisabeth Kübler-Ross tem aprendido muito com os moribundos.

Em seus livros e conferências, a grande mensageira da Esperança, legítima representante da psiquiatria iluminada, tem utilizado bastante as mesmas imagens veiculadas por André Luiz: a lagarta, o casulo e a borboleta. (5) Do nosso ponto de vista, as semelhanças e proximidades desses dois tipos de fontes são tão grandes que nos parece perfeitamente legítimo aproximarmos essas duas referências, ou seja, a psicográfica e a da pesquisa. É nesse sentido que buscamos cruzar e mesclar essas duas fontes de conhecimento.

Vejamos o que ela diz: (...) *a morte do corpo humano é um processo idêntico ao que ocorre quando uma borboleta deixa o casulo. O casulo pode ser comparado ao corpo humano, mas não é idêntico ao seu eu real, pois é apenas uma morada temporária. Morrer é como mudar-se de uma casa para outra mais bonita - simbolicamente comparando.*

*Tão logo o casulo esteja numa condição irreparável – seja por suicídio, assassinato, ataque cardíaco ou por uma enfermidade crônica, não importa como tenha acontecido – ele libertará a borboleta; sua alma, por assim dizer.*

*Nesse segundo estágio, ainda simbolicamente, tendo a borboleta deixado o seu corpo material, você terá algumas sensações importantes, das quais é bom que tenha conhecimento, afim de não ter mais medo da morte. Nesse segundo estágio, o que o alimenta é a energia psíquica, ao passo que, no primeiro, era a energia física.*

Nas suas observações no leito de morte, a dra. Ross constatou essa posição de pupa referida por André Luiz. O doente não deseja mais conversar, para de se alimentar, enfrentando os pródromos da passagem. Nesse estágio, a dra. Ross conservava-se, silenciosamente, ao lado do agonizante, mantendo a posição de companheirismo e solidariedade.

Muitos clarividentes têm descrito o que se passa no momento da morte, em observações que puderam fazer assistindo a moribundos.

Andrew Jackson Davis era dotado de poderosos dons psíquicos, entre os quais a clarividência. Em seu livro *O Vidente* descreve a partida de uma alma, com base em suas visões “no leito de morte”. Inicialmente, a luta que o corpo trava para impedir o afastamento do Espírito, depois o processo do morrer, passo a passo. (6) Nesse trecho relata a dificuldade em abandonar o corpo:

*Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual; diversos órgãos internos pareciam, porém, resistir à partida da alma. O sistema muscular debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava quanto podia para impedir o aniquilamento dos sentidos físicos, e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à separação absoluta.*

Esta luta corpo-alma para evitar a separação é também descrita por outros sensitivos.

O notável médium e pastor da Igreja Anglicana, William Stainton Moses, também teve ocasião de estudar os processos de transição do Espírito. Entre suas observações, anotou a influência magnética desprendida pelas pessoas à volta do agonizante, avivando-lhe o corpo e impedindo-o de partir; assim como a aura nebulosa com a

qual o Espírito devia preparar o seu corpo espiritual.

Florence Marryat também descreve, em seu livro *The Spirit World*, a visão da médium Edith acerca do processo de separação da alma de sua irmã do corpo físico desgastado pela doença. A proximidade da agonizante favoreceu o acompanhamento de todo o processo do morrer. Eis um trecho da descrição de Marryat:

*Foi então que Edith começou a perceber uma espécie de ligeira nebulosidade, semelhante à fumaça que, condensando-se gradualmente acima da cabeça, acabou por assumir as proporções, as formas e os traços da irmã moribunda, de modo a se lhe assemelhar por completo. Essa forma flutuava no ar, a pouca distância da doente. À medida que o dia declinava, a agitação da enferma minorava, sendo substituída, à tarde, por prostração profunda, precursora da agonia. Edith contemplava avidamente a irmã: o rosto tornara-se lívido; o olhar se lhe obscurecera, mas, ao alto, a forma fluídica purpureava-se e parecia animar-se gradualmente com a vida que abandonava o corpo. Um momento depois, a moça jazia inerte e sem conhecimento sobre os travesseiros, mas a forma transformara-se em Espírito vivo. Cordões de luz, no entanto, semelhantes a florescências elétricas ligaram-se ainda ao coração, ao cérebro e aos outros órgãos vitais.*

*Chegando o momento supremo, o Espírito oscilou algum tempo de um lado para outro, para vir, em seguida, colocar-se ao lado do corpo inanimado: ele era, em aparência, muito fraco e mal podia sustentar-se.*

*E enquanto Edith contemplava essa cena, eis que se apresentaram duas formas luminosas, nas quais reconheceu seu pai e sua avó, mortos ambos nessa mesma casa. Aproximaram-se do Espírito recém-liberto, romperam os cordões de luz que o ligavam ainda ao corpo e, apertando-o nos braços, dirigiram-se à janela e desapareceram.*

Vamos relatar, a seguir, alguns exemplos práticos de desencarnação colhidos nos livros psicografados por Chico Xavier; são ensinamentos narrados pelos Espíritos Superiores e testemunhos de desencarnados recém-libertos, que nos instruem quanto aos estágios do morrer e nos estimulam preparação da própria viagem.

## CASO DIMAS

Já vimos que os processos de desencarnação e de encarnação obedecem à Lei Natural. Com a repetição, por milhares de vezes, esse

programa é cada vez mais, automatizado.

Não foi sem razão que a dra. Kübler-Ross observou:

*A experiência da morte é quase idêntica à do nascimento. É como nascer para uma vida diferente, que pode ser vivida com muita simplicidade. Por milhares de anos, você foi levado a “acreditar” nas coisas do além. Mas, para mim, já não se trata de acreditar, mas de saber. (7)*

Embora automática, existem inúmeras equipes espirituais especializadas em auxiliar a desencarnação das pessoas. Corresponderiam às verdadeiras parcas. Segundo a mitologia grega, as Moiras ou Parcas são as três severas mensageiras do Destino: Cloto fia, desde o nascimento até o fim, a trama da existência humana; Láquesis define a passagem dos homens por este mundo, fixando um dado ponto nessa trama, determinando, dessa forma, a duração de cada existência; Átropos, a inexorável, marca a hora da morte, o momento definitivo de abandonar-se o corpo.

O assistente Jerônimo, no livro *Obreiros da Vida Eterna*, faz referências à semelhança do trabalho que realizam, ele e sua equipe, que acompanharemos a seguir, com o das parcas da tradição mitológica.

**Dimas** (8) morava em uma casa muito simples, em pequena cidade próxima do Rio de Janeiro. Tinha pouco mais de cinquenta anos. Nascido em berço pobre, frequentou apenas os primeiros anos de escola.

*Acostumado, desde cedo, à infância sem mimos, desenvolveu o corpo, entre deveres e abnegações constantes.*

Desde muito jovem, teve de auxiliar o sustento próprio e nesse mesmo regime constituiu família, com muito sacrifício. Despendeu enorme energia para a subsistência, mas, mesmo assim, dedicou-se aos que sofrem.

Foi médium espírita e procurou servir à coletividade. *Conviveu com desalentados e aflitos de toda sorte.* Dedicou-se à causa dos mais necessitados, esqueceu-se de si mesmo no serviço de amor ao próximo. Acometido de cirrose hepática, estava partindo, deste mundo, um pouco mais cedo do que o previsto por causa dos grandes sacrifícios que teve de enfrentar, ao longo desses poucos mais de cinquenta anos.

Uma equipe espiritual, porém, estava atenta a todo o bem que ele

havia plantado e veio recebê-lo, nos umbrais do além, auxiliando-o a desatar os fios da existência corpórea e a adaptar-se aos primeiros dias da vida nova.

O assistente Jerônimo, chefe da equipe espiritual, fazia-se acompanhar do padre Hipólito, da enfermeira Luciana e do médico estagiário André Luiz.

Inicialmente, o primeiro obstáculo a vencer era afastar a esposa do quarto do enfermo, uma vez que as correntes de força exteriorizadas por ela alimentavam, com vida aparente, os centros de energia vital do marido, já em adiantado processo de desintegração. Era preciso cortar essa fonte de revitalização.

Jerônimo procurou contornar o impasse, melhorando o estado físico do enfermo, com o auxílio de passes longitudinais que desfizeram *os fios magnéticos que se entrecruzavam sobre o corpo abatido*. Com as forças surpreendentemente renovadas, o próprio doente aconselhou a esposa ao descanso, dizendo-se mais animado. Reconfortada por vê-lo mais lúcido, rendendo-se ao cansaço, buscou o leito, no que foi seguida pelos familiares, todos exultantes pelas melhoras alcançadas. Felizmente, agora, o enfermo estava só, entregue à assistência da equipe espiritual. O assistente distribuiu trabalho a todos.

Hipólito e Luciana, depois de tecerem *uma rede fluídica de defesa, em torno do leito, para que as vibrações mentais inferiores fossem absorvidas*, permaneceram em prece ao lado, enquanto André Luiz colocava a mão direita sobre o plexo solar do agonizante.

Antes de iniciar as operações decisivas, Jerônimo propiciou a Dimas um momento de oração, tocando-lhe, demoradamente, na parte posterior do cérebro. Logo o agonizante passou a emitir *pensamentos luminosos e belos* e orou, sentidamente, ante a partida da qual se apercebia em nível inconsciente e chorou muito, ante o desenlace imediato. Na prece, recordou-se de sua genitora e pediu à Mãe dos Céus que lhe concedesse a graça de revê-la no minuto de partir!

Nesse momento, graças ao poder oculto da oração, que só a providência divina saberia explicar, a porta do quarto deu entrada a venerável anciã, coroada de luz, que se aproximou de Jerônimo e, após desejar-lhe a paz divina, informou: - *Sou a mãe dele...*

Sentara-se a velhinha no leito, depondo a cabeça do moribundo no colo, afagando-a com as mãos carinhosas.

Com esse reforço precioso, Hipólito e Luciana deslocaram-se para velar pelo sono da esposa, de modo que as suas emissões mentais não alterassem o trabalho em curso. Iniciou-se, então, o processo desencarnatório.

As primeiras providências do assistente junto ao agonizante foram tomadas: *insensibilizou inteiramente o vago, para facilitar o desligamento nas vísceras. A seguir, utilizando passes longitudinais, isolou todo o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, as fibras inibidoras no cérebro.*

Explicou Jerônimo, na ocasião, que existem três regiões orgânicas fundamentais a merecerem todo cuidado nos serviços de liberação da alma: 1) O centro vegetativo (sede das manifestações fisiológicas), ligado ao ventre; 2) O centro emocional (zona dos sentimentos e desejos), sediado no tórax; 3) O centro mental: sede da alma (o mais importante) situado no cérebro.

O assistente *começou a operar sobre o plexo solar, desatando laços que localizavam forças físicas.* Com isso, *uma certa porção de substância leitosa extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticaram-se os membros inferiores, com sintomas de esfriamento. Dimas gemeu, em voz alta, semi-inconsciente.* Nesse momento, os familiares acorreram, assustados.

Jerônimo agiu rapidamente: *com passes concentrados sobre o tórax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sobre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprendia-se do corpo, do epigastro à garganta (...)*

André Luiz conta que *todos os músculos trabalharam fortemente contra a partida da alma, opondo-se à libertação das forças motrizes, em esforço desesperado, ocasionando angustiada aflição ao paciente.*

Foram chamados, às pressas, o médico e os parentes. Dimas estava em coma. Houve um reduzido tempo de descanso, e Jerônimo voltou para aquela que seria a última etapa:

*Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias, e brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada. Quis fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil*

*fixá-la com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as forças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. E, à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer, de todo, como se representasse os princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espalhando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispirítico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, das novas dimensões vibratórias.*

Quando isso ocorreu, *Dimas-desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto.*

Dimas morrerá inteiramente. Mas a operação ainda estava incompleta.

Como já afirmamos, a morte física é relativamente simples, mas a desencarnação envolve um processo muito mais complexo.

O liame fluídico ou cordão de prata deveria permanecer até o dia imediato. O “morto” não estava preparado para um desenlace mais rápido.

Vendo-o debilitado pelo esforço, deliberou o assistente confiá-lo à mãe até o dia seguinte, quando, então, cortaria o cordão e conduzi-lo-ia à Casa Transitória de Fabiano, posto de socorro situado na zona umbralina, região nevoenta mais próxima da crosta, onde ficaria por alguns dias até que todos pudessem partir rumo à Colônia Nosso Lar.

*Por enquanto repousará ele na contemplação do passado, que se lhe descortina em visão panorâmica no campo interior,* observou o assistente. Dimas estaria a rever um filme único, com todos os detalhes, o da própria existência que acabara de deixar.

No dia seguinte, a equipe espiritual regressou, duas horas antes do cortejo fúnebre. (O corpo espiritual aperfeiçoara-se, narra André Luiz, pois o cordão fluídico entre o cérebro perispirítico e o do cadáver permitia que o desencarnado absorvesse princípios vitais do campo

fisiológico). Jerônimo, agindo como clínico experimentado, examinou-o e auscultou-o, cortando em seguida, o liame final. O perispírito de Dimas passou a receber *as últimas forças do corpo inanimado, enquanto este, por sua vez, absorvia algo de energia do outro, que o mantinha sem notáveis alterações.*

Dimas parecia um convalescente ao despertar, estremunhado, acordando de longo sono. A mãe contou-lhe a verdade: já havia feito a passagem.

Todos acompanharam os despojos até o cemitério, inclusive o próprio Dimas que orou, sentidamente, agradecendo ao corpo físico.

A função de acompanhar os despojos materiais, segundo os mentores, não é apenas a de adestramento do desencarnado para os movimentos iniciais de libertação, mas é também de defesa dos restos mortais, contra os ataques de malfeitores desencarnados, a fim de que não se apoderem dos resíduos vitais, ou seja, do duplo etérico.

Jerônimo extraiu do cadáver e dispersou todos os resíduos de vitalidade do cadáver. Finalizado o enterro, era hora de partir: Dimas, amparado pela comitiva, rumou para a Casa Transitória de Fabiano. Andrew Jackson Davis descreveu esse mesmo processo desencarnatório de modo semelhante:

*Consta, depois, o processo por meio do qual o Espírito se destaca do corpo. O cérebro atraiu os elementos de eletricidade e de magnetismo, movimento, vida e sensibilidade espalhados em todo o organismo. A cabeça como que se iluminou, e, ao tempo que as extremidades do corpo se tornavam frias e obscuras, o cérebro tomava um brilho particular.*

*Em torno dessa atmosfera fluídica, que cercava a cabeça, vi formar-se outra cabeça, que se desenhava cada vez mais nitidamente. Tão brilhante era, que eu mal podia fitá-la, à medida, porém, que ela se condensava, desaparecia a atmosfera brilhante. (...) Do mesmo modo pelo qual a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, vi formarem-se, sucessivamente, o pescoço, os ombros, o tronco, enfim, o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se evidente, para mim, que as partes intelectuais do ser humano são dotadas de uma afinidade eletiva que lhes permite reunirem-se no momento da morte. As deformidades e os defeitos do corpo físico tinham, quase inteiramente, desaparecido no corpo fluídico.*

Davis afirma que os sofrimentos do agonizante são fictícios, apenas provinham da partida das forças vitais e intelectuais, que se retiraram de

*todo o corpo para se concentrarem no cérebro e, depois, no organismo novo.*

## CASO FÁBIO

A mesma equipe espiritual escalada para levar Dimas, também incumbiu-se de realizar a desencarnação de **Fábio** (9), um senhor na idade madura, casado, com dois filhos menores de oito e seis ano presumíveis, portador de tuberculose em estado avançado. Morador em um bairro pobre e menos populoso do Rio de Janeiro, Fábio foi um autodidata em Espiritismo, sempre se consagrou aos estudos transcendentais da alma e às obras do bem. Livre de sectarismo, disciplinado, soube preparar a família para a sua morte, que ele sabia estar próxima, introduzindo o Evangelho no lar, desde os primeiros tempos do matrimônio.

Silveira, pai de Fábio, juntou-se à equipe do assistente, acompanhado de mais dois amigos.

Jerônimo repetiu o mesmo processo de libertação praticado em Dimas, mas conseguiu fazê-lo com muito mais facilidade.

*Depois da ação desenvolvida sobre o plexo solar, o coração e o cérebro, desatado o “nó vital”, Fábio fora completamente afastado do corpo físico. Por fim, brilhava o cordão fluídico-prateado, com formosa luz. Amparado pelo genitor, o recém-liberto descansava, sonolento, sem consciência exata da situação.*

A surpresa estava por vir. Uma hora depois da morte física, Jerônimo cortou o cordão prateado. Fábio estava mais preparado para a desencarnação do que Dimas.

Após o desligamento, o pai beijou o filho e entregou-o ao assistente para levá-lo à instituição socorrista, Casa Transitória de Fabiano, onde programara reencontrá-los.

Diferentemente do que ocorreu no caso Dimas, a equipe partiu, logo em seguida ao total desligamento, sem esperar pelo sepultamento, levando Fábio, adormecido, para a Casa Transitória.

## CASO CAVALCANTE

Um homem de mais de sessenta anos, virtuoso católico-romano, espírito abnegado e valoroso nos serviços do bem ao próximo, com

belos dotes morais. Assim, o assistente Jerônimo definiu Cavalcante (10), apresentando-o a André Luiz, enquanto ambos o observavam em um leito hospitalar, no Rio de Janeiro. Às portas da desencarnação, fora internado como indigente, em uma enfermaria com vários outros leitos, abandonado da parentela, em virtude de suas ideias de renúncia às riquezas materiais. Não fora esquecido, porém, do amor de Deus. A equipe ali estava, preparando-se para dar-lhe toda a assistência no desligamento dos liames materiais.

Antes de adentrar a enfermaria, onde o doente se acomodava, André Luiz e Jerônimo haviam varado a larga porta do movimentado hospital, defendido por grandes turmas de trabalhadores espirituais. ***Havia aí tanta atividade por parte dos encarnados, como por parte dos desencarnados, comenta André Luiz.***

Guardemos este ensinamento: toda vez que adentrarmos os pórticos de qualquer hospital façamos uma prece e respeitemos as equipes do além que aí mourejam e que necessitam da nossa cooperação espiritual.

Apesar de todo amparo dos abnegados amigos da Vida Maior e da bondade de seu próprio coração, Cavalcante não estava preparado para libertar-se da carne, mostrava-se exageradamente, sensível.

Aprendemos com este caso que a fé precisa ser educada para não originar ***deploráveis desequilíbrios da alma.***

Durante mais de quatro dias, Cavalcante lutava contra a morte. O problema intestinal agravara-se, enormemente, com a peritonite. O agonizante já estava cercado de emanções desagradáveis. O padre, chamado para ouvi-lo em confissão, abreviou o mais que pôde o contato junto ao leito. Afastando-se da enfermaria o sacerdote encontrou o médico que cuidava dele e iniciou o seguinte diálogo: –

– ***Afinal, que acontece ao Cavalcante? Morre ou não morre? Estou cansado de tantos casos compridos.***

– ***Tem sido gigante na reação – informou o clínico, bem humorado. – Considerando-lhe, porém, os males sem cura, venho examinando a possibilidade da eutanásia.***

– ***Parece-me caridade – redargüiu o religioso –, porque o infeliz apodrece em vida...***

Ouvindo o diálogo descaridoso, André Luiz comentou:

***A cena chocava-me pelo desrespeito. Ambos os profissionais, o da***

*Religião e o da Ciência, notaram situações meramente superficiais, incapazes de penetração nos sagrados mistérios da alma. Entretanto, para compensar tão descaridosa incompreensão, Cavalcante era objeto de nosso melhor carinho.*

Todavia, apesar de todos os esforços da equipe espiritual, Cavalcante, com medo da morte, não se rendeu à desencarnação, reagindo até o fim, em oposição a qualquer tentame nesse sentido.

Apesar da profunda desaprovação de Jerônimo, o mesmo médico que conversara com o sacerdote, pela manhã, aplicou no enfermo “uma injeção compassiva” impondo-lhe a morte física. Infelizmente, porém, *a personalidade desencarnante estava presa ao corpo inerte, em plena inconsciência e incapaz de qualquer reação.* Somente vinte horas depois, a equipe conseguiu retirar Cavalcante dos despojos corpóreos. Apático, sonolento, desmemoriado, foi conduzido à Casa Transitória de Fabiano. A injeção sedativa, com dose alta de anestésicos, afetou-lhe o perispírito, como se o desencarnado tivesse recebido uma descarga elétrica.

Os medicamentos estão saturados de energias eletromagnéticas, por isso têm repercussões mais ou menos profundas sobre o corpo espiritual. Por essa mesma razão, sofrem muito, no além, dependentes químicos e suicidas.

Quanto à eutanásia, a dra. Kübler-Ross exprime muito bem a nossa missão como médicos:

*Nossa função não é matar, mas sim ajudar os outros a viverem até morram. Sou totalmente contra qualquer forma de morte misericordiosa e de maneira nenhuma tomaria parte nisso.*

#### CASO ADELAIDE

A equipe do assistente Jerônimo estava incumbida ainda de levar mais duas senhoras – Albina e Adelaide.

Albina, senhora de convicção presbiteriana, de valiosos dotes morais e espirituais, havia conseguido, porém, graças às orações de intercessão de seu neto, ainda criança, a moratória de alguns meses, para permanecer na vida física. De modo que não foi nessa expedição que Albina foi libertada. Constatamos, assim, que a morte física pode ser adiada, conforme o merecimento da criatura encarnada e daqueles que a amam, tanto no plano físico quanto no espiritual.

Adelaide (11) era professora dedicada, amparara maternalmente os órfãos da instituição espírita-cristã, onde morava e dava assistência por decênios. Havia desenvolvido tarefas no campo da mediunidade, socorrendo os enfermos, apesar das duras pedradas recebidas por causa do belo trabalho desenvolvido em favor do bem. Por tudo isso, ela estava apta a realizar uma desencarnação rápida, sem dar maior trabalho à equipe, segundo observação de Bezerra de Menezes, seu guia espiritual. De fato, o único empecilho que teve de ser contornado foram os pensamentos de retenção dos amigos e colaboradores encarnados que não a deixavam partir. Depois que essa redoma de material mental foi retirada de seu quarto de dormir, pela conscientização dos queridos cooperadores de que sua missão chegara ao fim, Adelaide pode, enfim, desprender-se. E o fez de uma maneira inesperada. Ela mesma, sem a assistência de Jerônimo, desligou os centros perispiríticos do plexo solar e do coração.

A ocorrência singular que provocou o espanto de André Luiz, foi esclarecida por Jerônimo:

*– A cooperação de nosso plano é indispensável no ato conclusivo da libertação; todavia o serviço preliminar do desenlace, no plexo solar e mesmo no coração, pode, em vários casos, ser levado a efeito pelo próprio interessado, quando este haja adquirido, durante a experiência terrestre, o preciso treinamento com a vida espiritual mais elevada.*

Na desencarnação de Adelaide foi assim, o assistente só interferiu no momento de cortar o cordão prateado à altura do cérebro.

Antes de partir para a Casa Transitória de Fabiano, a grande servidora de Jesus orou, agradecendo às células do corpo pelos abençoados anos de aprendizado na Crosta.

Como constatamos, *não se verificam duas desencarnações rigorosamente iguais.* (12)

Por milênios consecutivos, o homem ensaia a desencarnação natural, progredindo vagarosamente, em graus de consciência, após a decomposição do corpo somático. (13)

## RECAPITULAÇÃO: HIPERMNÉSIA POST-MORTEM

A visão panorâmica, com todos os lances da existência finda, mesmo

aqueles julgados mais insignificantes, é obrigatória para todos os desencarnantes, indistintamente. Faz parte do “morrer” ou do “programa” natural da desencarnação. É conhecida nos círculos espirituais como **síntese mental**.

Assim como recapitula, nos primeiros dias da gestação, *todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longos horas,(...) durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro.* (14)

Toda vez que o Espírito vai recompor o perispírito, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, a mente revisa, automaticamente, todas as experiências pelas quais passou. Age, dessa forma, *imprimindo, magneticamente, às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam.*

Os inúmeros testemunhos de desencarnados que apresentaremos nos capítulos posteriores e os das pessoas que passaram pela experiência no limiar da morte asseguram a veracidade dessa revisão panorâmica.

Já vimos a impressionante recapitulação do dr. George Ritchie e tomamos conhecimento da mesma ocorrência com Dimas.

Vejamos a descrição do Irmão Jacob. (15)

Vejamos alguns relatos referentes a essa hipermnésia:

a) Irmão Jacob (Frederico Figner) - Depois de contar os primeiros passos do seu processo desencarnatório, detendo-se, especialmente, no abalo indescritível que sentiu, na parte posterior do cérebro, quando o centro mental foi desligado, irmão Iacob descreve:

*Vi-me diante de tudo o que eu havia sonhado, arquitetado e realizado na vida. Insignificantes ideias que emitira, tanto quanto meus atos mínimos, desfilarão, absolutamente precisos, ante meus olhos aflitos, como se me fossem revelados de roldão, por estranho poder, numa câmara ultra-rápida instalada dentro de mim. Transformara-se-me o pensamento num filme cinematográfico misteriosa e inopinadamente desenrolado, a desdobrar-se, com*

*espantosa elasticidade, para seu criador assombrado que era eu mesmo.*

b) **Luiz Antonio Biazio** (16) desencarnou aos 29 anos, em Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo. Gozando, aparentemente, de boa saúde, terminava sua bolsa de estudos para residente três no Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas dessa cidade, quando teve morte súbita, levando à desolação os familiares, amigos e colegas. Cerca de um ano depois de sua morte, enviou uma comovedora carta à sua mãe Leda, da qual destacamos:

*Alguma ruptura de vasos me atingira, porque, por mais que buscasse falar, no mais encontrei a possibilidade de qualquer expressão, dentro da noite alta.*

*Rememorei meus estudos de medicina, revisei os meus doentes, os meus apuros na psiquiatria para definir-lhes as emoções e, em seguida, querida mãezinha, as recordações da infância e do lar desfilaram diante da minha visão íntima.*

*De tudo me lembrei (...) De seus sacrifícios e dos sacrifícios do papai Caetano para que eu pudesse cumprir o meu ideal num curso de ordem superior; reví a querida irmãzinha Maria Clara, a perguntar-me sobre o que eu preferia para essa ou aquela merenda, e não me esqueci de nossas preces do tempo de criança...*

*O estudo, as exigências da vida e as lutas naturais de um rapaz que deseja atingir a própria maturação de um dia para outro, tudo, tudo estava ali comigo naqueles instantes, nos quais me sentia naufragar num mar de névoa...*

Durante o coma ou mesmo na enfermidade prolongada, o paciente já pode estar fazendo uma espécie de preparo do desligamento próximo, um inventário da própria vida, tal como o fez o dr. Luiz Antônio Biazio, no momento da desencarnação.

A dra. Kübler-Ross detectou esse dado em seus seminários: (17)

*Muitos de meus pacientes moribundos têm revivido experiências de sua vida pregressa. Penso que se trata de um período em que o paciente desligou todo o fluxo externo de entrada, em que começa a desligar-se, a ficar introspectivo, em que tenta relembrar incidentes e pessoas importantes para ele, e em que repassa mais uma vez sua vida passada, numa tentativa de resumir talvez o valor dela e buscar seu sentido. Descobrimos que pequenos momentos e lembranças marcantes com*

*peessoas queridas são de grande valia para o paciente nos seus derradeiros dias.*

## CORDÃO DE PRATA

***Alongando o raio de meu olhar, verifiquei a existência de prateado fio, ligando-me o novo organismo à cabeça imobilizada.*** (18)

Assim comenta Jacob a torturante emoção que sentiu ao constatar a duplicidade de corpos, interligados por ***um fio de forças vivas***, semelhante ao cordão umbilical. Algumas horas antes do enterro, os benfeitores espirituais cortaram esse cordão prateado.

Bezerra de Menezes, o excelso benfeitor, esclareceu que ***na maioria dos casos, não seria possível libertar os desencarnados tão apressadamente, que a rápida solução do problema liberatório dependia, em grande parte, da vida mental e dos ideais a que se liga o homem na experiência terrestre.*** (19)

Como já vimos nos casos anteriores, Dimas teve o fio prateado cortado duas horas antes da saída do cortejo fúnebre; Fábio, uma hora depois do desligamento do centro mental; e Adelaide imediatamente, enquanto Cavalcante precisou de um prazo maior do que o de todos os seus companheiros de excursão.

Segundo informações do benfeitor Emmanuel, a grande maioria das criaturas humanas necessita de 50 a 72 horas para que esse corte se concretize. (20)

Qual a função do cordão de prata? Analisando o caso Dimas, André Luiz observou: (21)

***Tive a nítida impressão de que através do cordão fluídico, de cérebro morto a cérebro vivo, o desencarnado absorvia os princípios vitais restantes do campo fisiológico.*** E acentuou:

***O apêndice prateado era verdadeira artéria fluídica, sustentando o fluxo e refluxo dos princípios vitais em readaptação. Retirada a derradeira via de intercâmbio, o cadáver mostrou sinais, quase de imediato, de avançada decomposição.***

Fazendo uma correlação entre o estudo da metamorfose da alma, de crisálida a borboleta, e o desligamento dos três centros de força mais importantes, concluímos que a manutenção do cordão de prata está diretamente relacionada ao processo de histogênese espiritual. O perispírito que serviu de intermediário ao espírito para modelar o

organismo biológico e atuar sobre ele, tem, agora, de passar, por modificações estruturais, especialmente no aparelho digestivo (sistema digestório) e nos músculos, para servir-lhe de veículo na vida do além.

O sono, a revisão panorâmica e o cordão de prata estão diretamente implicados nessas modificações, ou seja, na construção desses órgãos novos, que, por sua vez, obedecerá sempre ao estado mental ou ao patrimônio espiritual alcançado pelo desencarnado.

Aprendemos que esse processo transformador do corpo sutil não termina, necessariamente, aí, no limiar da vida nova, mas prossegue ao longo da vida espiritual. Enquanto esses órgãos novos do corpo espiritual não estiverem concluídos, pelo menos na sua tecitura básica, a alma permanece em estado de pupa ou crisálida, incapaz de sair do próprio casulo.

Quanto mais longa a permanência na erraticidade, a demora na retomada de um novo corpo físico, mais o perispírito incorpora elementos da outra dimensão. Para ingressar novamente no corpo físico, o espírito deverá despojar-se desses elementos. A esse respeito, há referências detalhadas no livro *Missionários da Luz* quando trata da reencarnação de Segismundo.

#### UM SONO PROFUNDO, IRRESISTÍVEL, ARRASADOR...

Se há uma unanimidade nos 500 testemunhos **post-mortem**, sem dúvida, é esta: praticamente todos mencionaram um sono profundo, compulsivo, irresistível, pesado, suave, arrasador..., no limiar da Vida Nova.

Nas questões de 163 a 165 de *O Livro dos Espíritos* há instruções sobre o estado de perturbação pelo qual a alma passa, após a morte, em tempo variável, conforme a elevação de cada um.

Carlos Alberto Andrade Santoro tinha 20 anos quando faleceu de acidente aviatório. Fazia, então, o curso de piloto civil e iniciaria o da Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga, cidade do interior de São Paulo, onde residia. No mesmo acidente, sucumbiu Denizard Vidigal, seu instrutor de pilotagem. Enviou ele uma carta a seus pais, na noite de 11 de março de 1977, em Uberaba, cinco anos após a sua

desencarnação. Há dados impressionantes nessa mensagem. Teremos oportunidade de voltar a eles no decorrer deste livro. Por enquanto, vamos nos ater ao seguinte trecho (22):

*Eu sabia que esse “nunca mais” se referia ao corpo e não a mim, o espírito imortal que sobreviveria ao desastre, mas, ainda assim, o gosto do adeus é por demais amargo para que a gente o sinta sem chorar (...)*

*Chorei, dentro de uma imobilidade que eu não saberia descrever, e, em seguida, notei que mãos de enfermagem me anestesiaram. Era o sono, o sono da bênção, porque, entre a morte do corpo e o renascimento na Vida Espiritual, Deus colocou um desmaio providencial. Quando acordei, me vi sem qualquer ligação com nosso amigo Denizard e com a nossa gente amiga de Votuporanga.*

Às vezes, esse sono, desmaio ou torpor, é agitado por pesadelos. Vejamos alguns depoimentos a respeito.

**Yolanda Carolina Giglio Villela**, conhecida como Lauda, era formada em Letras e exercia o magistério; cultivava a música e a poesia, interessava-se pelos assuntos espirituais, mantendo o coração sempre livre de todo rancor. Aos 27 anos, desencarnou em acidente automobilístico.

Vejamos um trecho de suas notícias enviadas a seus pais e ao seu irmão caçula, quando estes visitaram o médium, em Uberaba (15/10/76): (23)

*Um choque difícil de descrever e, depois aquela ideia de que o desmaio era natural e inevitável, um sono agitado por pesadelos, porque a gente não se despede do corpo, sem desatar muitos laços e nem se desliga com muita facilidade do ambiente querido em que se nos desenvolveu a experiência familiar.*

Pelos depoimentos, ficamos sabendo também que este sono do limiar da Vida Nova está relacionado com a revisão panorâmica da existência. Vejamos:

**Nestor Macedo Filho**, mais conhecido como Nestorzinho, era estudante do 2º ano da Faculdade de Medicina, de Mogi das Cruzes, quando foi colhido por uma imensa tragédia. No dia 1º/11/79, na estrada que liga São José dos Campos a Ilha Bela, no interior de São

Paulo, um caminhão basculante, que trafegava na contramão, em alta velocidade, bateu frontalmente contra o veículo que dirigia. No acidente, faleceram também sua mãe Ivanir, sua avó Julieta e seus irmãos, Sâmadar e Gustavo. Apenas sua noiva, Elisa Helena, conseguiu se salvar, após suportar extensos cuidados médicos. Em questão de segundos, seu pai, Nestor Macedo, corretor de imóveis em Ribeirão Preto, perdeu a família inteira.

Cinco meses depois, Nestorzinho voltou dessa tragédia, através do lápis mediúnico, enviando a primeira mensagem em 9/4/80 e a segunda, em 14/5/80. Nelas, confessa-se edificado com o exemplo de seu amado pai, que resistiu estoicamente a tão dolorosa prova, um verdadeiro herói que acatou a vontade divina, embora trouxesse o coração dilacerado pela dor e pela saudade.

Nestorzinho ressalta (24):

*Num lance veloz de tempo revi toda a minha vida curta de rapaz e em seguida me arrojai num sono pesado de que s despertaria dias depois, afim de me conscientizar quanto ao total da verdade, ciente de que me achava em uma organização hospitalar, quanto ao meu caso. Vim a me informar depois que a mãezinha, a vó Julieta e os queridos irmãos se encontraram em setor diferente.*

Outras vezes, esse sono pode estar eivado de sonhos e devaneios, que podem ser reais, resultantes de visitas que o desencarnado faz, com o corpo sutil, ou sonhos mesmo. Vejamos depoimentos que relatam uma mescla desses estados:

**Carlos Alberto da Silva Lourenço**, o Tato, filho único, aluno do 1.º ano de Engenharia Mecânica da Faculdade de Engenharia Industrial de São Bernardo do Campo, era um jovem estudioso, afável, amigo de todos. Falava fluentemente o inglês e era um dos colaboradores da Instituição Braille de Santos, onde lecionava para os cegos, anonimamente, sem mesmo o conhecimento de seus pais. Pouco depois de completar 18 anos, desencarnou subitamente, durante um jogo na quadra de basquete da faculdade, em consequência da ruptura de um aneurisma cerebral. Quatro meses depois, voltou, trazendo provas irrefutáveis pela psicografia. Eis um trecho (25):

*Ouvi os companheiros de bola gritando por mim (...) Alguém se ajoelhava, procurando meu corpo para massagens, no entanto,*

*escutava os chamamentos de carinho e sentia várias mãos em meu peito, mas a voz morrera na garganta e chorei (...) Chorei passando a um sono que me pareceu vir de uma injeção de anestésicos. Então dormi muito, mas sonhei que fui ao encontro da nossa casa e do no nosso caro dr. Marins, caminhando livre, mas desorientado pela praia do Embaré e ao longo de outras praias, como se eu fosse feito de um material muito leve e flutuante, a transferir-me de um lugar para outro conforme a minha vontade. Em seguida, apaguei-me e nada senti senão repouso sem nenhuma recordação.*

*Mais tarde, vim a saber por meu avô e por antigo e querido professor padre, que conheci no Colégio Santista e reencontrei aqui, que me achava de pensamento liberto, num estado diferente que as definições do mundo ainda não podem apreender.*

Há também os que não dormem imediatamente.

**Ramiro Viana** tinha notícia do sono arrasador típico do limiar da morte, através da comunicação de diversos amigos que o precederam e que enviaram notícias pelo médium, mas, no seu próprio caso, estranhou o fato de sentir cansaço, mas *nenhuma inclinação para dormir*. (26)

O filho, que o recebeu no limiar do mundo espiritual, esclareceu-o sobre o fato. Ramiro relata na mesma mensagem: *o repouso viria depois, de vez que os meus dias longos de doença me haviam preparado uma certa consciência da própria libertação da experiência física*.

Só depois de rever os amigos da vida espiritual, de ter chorado de alegria, havia, finalmente, encontrado o sono dos desencarnados.

São centenas de exemplos, como esses. Para cada Espírito, porém, o sono tem um significado diferente.

**Irmão Jacob** (Fred Figner), em *Voltei* (27), narra sua própria experiência:

*(...) não tive a impressão de dormir, qual o fazia no corpo de carne. Permanecera sob curiosa posição psíquica, em que jornadaera longe, contemplando pessoas e paisagens diversas. Supunha, assim, não ter estado num sono propriamente dito.*

Em seguida transmite ele as oportunas explicações do irmão Andrade

sobre o assunto. Inicia enfatizando que *o repouso para os desencarnados varia ao infinito*.

Ficamos sabendo também que o Espírito demasiadamente ligado aos interesses humanos, tem necessidade de amplo mergulho na inconsciência, quase total, depois da morte. Essa é a posição dos seres mais primitivos, os que estão despreparados para a vida no Além.

Os criminosos e viciados de toda sorte também não se adaptam às indagações de natureza elevada e têm necessidade do torpor quase absoluto. *Finda a batalha terrena, entram em período de sono pacífico ou de pesadelo torturado (...)*. Esse período varia, de acordo com a probabilidade de reerguimento moral ou de maiores quedas por parte desses espíritos.

O instrutor Andrade chamou esse período de *hibernação da consciência*. Depois dele, os desencarnados podem voltar à carne, ou permanecer em educandários, nos círculos inferiores, para colaborarem dentro de suas possibilidades.

Com o Espírito de evolução média, dá-se maior lucidez nas esferas do além-túmulo, e tanto maior será quanto mais e melhor procurar atender aos desígnios divinos, durante a experiência material.

Assim, quanto mais evoluído é o Espírito, menos descansa após a morte física. Seu grau de conscientização é maior, por isso existem almas que se transferem para regiões mais altas da Espiritualidade, após a morte física, sem necessidade de passar pelo repouso tonificante.

Em *Os Mensageiros* (28), André Luiz escreve sobre pavilhões inteiros com espíritos que dormem profundamente, após a morte, por anos a fio. Somente em *Campos da Paz*, Posto de Socorro da região umbralina, existem cerca de 2.000 deles, em sono profundo. *São as criaturas que nunca se entregaram ao bem ativo e renovador (...) os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno*.

Todos os que dormem às vezes, por decênios, entregam-se a pesadelos, a *horríveis visões íntimas*.

\*\*\*

Aí está sumariado o processo do morrer. São vários estágios a percorrer, que podem ocorrer simultaneamente e cujas dimensões,

no tempo, variam ao infinito, em decorrência da grande heterogeneidade evolutiva, característica do nosso planeta.

Creemos que é preciso aprofundar o estudo do transe, ou dos estados alterados de consciência, uma vez que a morte física representaria, por assim dizer, o clímax desse processo. Basta lembrarmos o estado cataléptico e a sua simulação da morte para compreendermos a relação com esses desacoplamentos progressivos do Espírito. Neste final de milênio, três quartas partes da humanidade terrena continuam negando a morte e, infelizmente, cultuando a matéria como gozadores contumazes. Temos necessidade imperiosa de escolas que ensinem as criaturas a morrer, mas que possuam janelas escancaradas para o infinito, apontando para a perenidade da vida espiritual e a necessidade de vivência do amor ao próximo.

A dra. Kübler-Ross tem chamado a atenção sobre esse aspecto. Ela observou, em seus Seminários, que algumas pessoas que cultivavam religiões tradicionais, diferiam pouco das outras não religiosas, quanto à aceitação da morte:

*A variável importante não é o “quê” se acredita, mas sim o “quanto” se acredita essencial e genuinamente. As pessoas que acreditaram na reencarnação, ou que descendiam de culturas e religiões orientais, geralmente aceitaram a morte com uma paz e serenidade incríveis, mesmo na juventude, ao passo que muitos dos nossos pacientes cristãos sentiam dificuldade de aceitar a morte. (29)*

Ter uma religião, portanto, por si só não basta. Antes de tudo, é preciso que ela seja transformadora. E só a vivência do amor aos semelhantes consegue esse estágio superior de consciência, no qual o título religioso é o que menos importa.

#### **Notas**

- 1) *Obreiros da Vida Eterna* - cap. XI, p. 172.
- 2) Ver *O Livro dos Espíritos* - todo o cap. III.
- 3) *O Céu e O Inferno* - cap. I da segunda parte.
- 4) *Evolução em Dois Mundos* - cap. XI.
- 5) *A Morte: Um Amanhecer* - p. 11 e 12.
- 6) Ver no livro de Cairbar Schutel, *A Vida no Outro Mundo*, o cap. “O Mistério da Morte”, no qual há referências a Davis, Moses e Marryat.
- 7) *A Morte: Um Amanhecer* - p.10.

- 8) *Obreiros da Vida Eterna* - cap. XI e XV.
- 9) *Idem*, cap. XI e XVI.
- 10) *Idem* - cap. XI e XVIII.
- 11) *Idem* - cap. XI e XIX.
- 12) *Idem* - cap. XV, p. 239.
- 13) e 14) *Evolução em Dois Mundos*- cap. XII, pp. 92 e 93
- 15) *Voltei* - cap. 2
- 16) *Vozes da Outra Margem* - p. 47
- 17) *Perguntas sobre a Morte e o Morrer* - p.38
- 18) *Voltei* - cap.3, p. 39.
- 19) *Idem* - cap.5.
- 20) Ver *O Consolador e Caminhos de Volta*.
- 21) *Obreiros da Vida Eterna* - cap. XV.
- 22) Ver *A Vida Triunfa* - caso 14; *Viajores da Luz* - 1ª carta-mensagem, p. 17.
- 23) *A Vida Triunfa* - caso 13; *Enxugando Lágrimas* - p. 19
- 24) *Eles Voltaram* - p.109 a 132. A 2ª mensagem também pode ser vista na *Folha Espírita* (agosto de 81);
- 25) Ver *Jovens no Além* - p. 81: O comunicante refere-se aos esforços do professor de Educação Física, Néelson Menoni, para reanimá-lo; ao amigo dr. Marins que realmente se encontrava na praia do Embaré, em Santos, na hora do desenlace e que ficara abalado, sentindo a presença de Carlos Alberto; o comunicante refere-se também ao avô Lourenço e ao padre Galdino Viliotto.
- 26) *Tempo e Amor*- p.
- 27) *Voltei* - cap. 9.
- 28) *Os Mensageiros* - cap. XXII - *Os que dormem*.
- 29) *Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer* - p.167.

**A Travessia (I):  
Preparativos**

*Agora estou melhor. Morrer é acordar.  
Ontem foi noite, hoje é um novo dia.* Ilda Mascaro Saullo

Uma vez liberta do casulo, a alma está preparada para a grande travessia? Qual o seu destino? Ficaria na crosta terrestre ou demandaria outras paragens? São muitas as questões mas, basicamente, a resposta é sempre a mesma: tudo depende da condição evolutiva do Espírito.

O “peso específico” do corpo espiritual, tecido pelo processo laborioso da mente na desencarnação, determinará sua morada na vida do além.

Antes, porém, de nos determos em alguns aspectos da travessia ou do estacionamento nos caminhos do além, é preciso lembrar algumas ocorrências ligadas aos estágios do morrer, especialmente à transição.

O sono profundo ou a ruptura do cordão prateado podem não se verificar, imediatamente. Já vimos que, de um modo geral, o desligamento total dá-se de 50 a 72 horas, após a morte física. Nesse período, o espírito goza de relativa liberdade para comunicar-se.

Muitos fenômenos psíquicos no momento da morte têm aí a sua origem. Vejamos um exemplo recolhido na narração que faz André Luiz no livro *Nos Domínios da Mediunidade*: (1)

Elisa agonizava, lentamente, até que a desencarnação verificou-se pela contração final das coronárias. Em um breve minuto, reviu apressadamente o passado: todas as cenas da infância, da mocidade e da madureza, ensejando-lhe escrupuloso exame de consciência.

Os membros inferiores já estavam inteiriçados, quando se projetou

para o mundo espiritual, mantendo-se unida ao corpo físico pelo cordão prateado. Concentrou, então, todo o seu poder mental para dizer adeus à última irmã consanguínea que lhe restava na Terra. Afastou-se, volitando, no rumo à cidade onde ela morava, vencendo dezenas de quilômetros, instantaneamente. Lá chegando, o único meio de comunicação que encontrou foi vibrar algumas pancadas no leito da irmã, que acordou de chofre, compreendendo de imediato que Elisa se viera despedir. A seguir, voltou imediatamente para casa, como nos casos comuns de desdobramento astral, mas já não pode assumir o próprio corpo físico, conservando-se ligada a ele pelo cordão prateado. A desencarnação já, então, havia se consumado.

Esse processo é igual à Experiência Fora do Corpo (EFC) e, de certa, forma, semelhante ao que ocorre durante o sono físico, neste estado fisiológico que se constitui em um preparo diário para a morte. Em ambos os casos, o Espírito desvencilha-se da matéria, conservando o cordão prateado e, neles, entram em jogo diferentes graus de consciência. Pode haver amnésia total, lacunar ou intermitente.

Ernesto Bozzano pesquisou dezenas de casos, como o de Elisa, de comunicações no leito de morte, publicadas de 1906 a 1923 na revista *Luce e Ombra*.

Vamos buscar nas cartas-mensagens as descrições de andanças espirituais, não necessariamente despedidas como essa no leito de morte, mas que ocorreram antes do grande torpor, ou da travessia para outras paragens.

**Alexandre Augusto Pandolfelli** - chamado de Alex na intimidade, foi encontrado morto na rua, quando caminhava da praia à casinha de seu pai, onde se hospedava, em Caraguatatuba, litoral de São Paulo. Era o dia 13 de julho de 1982, ele contara somente 19 anos. Nascido a 8 de junho de 1963, cursava o 2º ano colegial.(2)

*Senti o coração parar no peito, ao modo de um motor que se apaga em plena marcha do carro.*

*Quis reagir, recalcitrar, mas onde a energia para isso?*, conta na carta dirigida a seu pai Jules e à sua mãe Elvira. E descreve:

*Via meu próprio corpo e me espantei com semelhante dualidade. Fora acomodado num leito duro, pois o necrotério não teve para mim a feição de qualquer ambiente em conexão com a morte. Aquela mesa,*

*a meu ver, era um ponto de repouso diferente dos nossos em casa.*

*O assombro, no entanto, me desorientava, porque não sentira qualquer dor, a não ser uma espécie de estalo surdo na caixa torácica. E em torno de mim, via pessoas e até mesmo conhecidos que não me viam. Dirigia-me a um e outro dos presentes, solicitando que a sua presença e a presença da mamãe Elvira viessem ao meu encontro.*

O jovem ainda não se dera conta do sucedido, e relata mais adiante: (...) *vi uma senhora e outra que me conheceram e me dirigiram a palavra: “Alex”, disse uma delas, “você precisa descansar”. De quem seria a frase? Da vovó Jacira?*

*Quis duvidar de mim mesmo; no entanto, a frase estava carregada de carinho e valera por hipnose irresistível. (...) A morte, ao que parece, é cercada por leis de Compaixão Divina, porque me rendi a um sono providencial, qual se houvesse sorvido uma taça enorme de sedativos.*

Antes do sono arrasador, Alex teve consciência da dualidade de corpos.

**Dialma Coltro** - vítima de infarto do miocárdio, Dialma deixou a vida física aos 62 anos.

Através do médium Chico Xavier, explicou à esposa, Julia Pereira Coltro, como foram seus primeiros momentos no além, acentuando em determinado trecho da carta (3): *Vendo-me de pé, fitei o meu corpo inerte e escutei as suas súplicas ardentes para que o seu velho ficasse. Eram muitos os companheiros que compartilhavam de nossas reuniões, a me sorriram, até que um deles me convidou a segui-los para a recuperação de que eu estava necessitando.*

*Meu Deus, é muito difícil a desencarnação para quem se achava consciente, qual me via, (...)*

E mais adiante confessou sua dificuldade em deixar o lar:

*Como se fosse um prisioneiro que recusasse a própria libertação, desejando continuar na cadeia física, expliquei que não queria sair de casa e que o lar para mim era um lugar sagrado e não um cárcere. Mas os amigos me permitiram voltar ao leito e aplicaram-me passes novamente, (...) Suponho que demorei longo tempo naquele repouso obrigatório (...)*

Observa-se que o espírito não tem condições de manter a consciência por muito tempo, logo após a morte física, porque o sono invencível logo se instala.

**Angelo Di Sarno** - dirigia-se à cidade de Valinhos, quando, no viaduto de entrada da Rodovia dos Bandeirantes, acidentou-se com o seu veículo, vindo a falecer aos 25 anos. Em carta dirigida à sua mãe Rosa, descreveu o acidente e falou da situação estranha de estar vendo tudo (4):

*Os desconhecidos que me rodeavam lamentaram o meu desconforto, outros queriam ver o veículo e se puseram a examiná-lo, até que os agentes da polícia do trânsito chegassem e me anotassem a posição de imobilidade e falaram em morte, o que realmente me assustou.*

*Quis reagir, explicar que eu estava vivo, que decerto as escoriações deviam estar vertendo muito sangue, mas não consegui.*

*Uma inesperada fraqueza me assaltou e perdi o controle de mim próprio. Eu devia estar muito quebrado e ferido, porque não pude articular palavra.*

Pelo estudo das cartas-mensagens, percebe-se que a desencarnação por doença física favorece mais esses voos conscientes, essa visão mais nítida dos dois corpos já desligados. Não é comum, na desencarnação traumática, o Espírito ter esse grau de consciência, como ocorreu a Ângelo. Apesar do desastre automobilístico, ele anotou o que se passava à sua volta.

Mas como vimos nesses exemplos, o sono acaba prevalecendo e o desencarnado rende-se a ele, inexoravelmente.

Nos casos de EQM, os sobreviventes lembram-se, perfeitamente, de todos os detalhes.

As pessoas que passaram por essa experiência, nas centenas de casos acompanhados pela dra. Kübler-Ross, da Austrália à Califórnia, conforme seu relato (5), *têm plena consciência de ter deixado o corpo físico e de que a morte, como a entendemos em linguagem científica, na realidade não existe.*

O mesmo podemos acompanhar nos relatos dos sobreviventes a todos os outros pesquisadores - Moody, Ring, Saboto, Morse, Grey - daí a transformação que ocorre na vida deles: o maior desapego aos bens materiais, a ausência de medo da morte etc.

A EQM é um ensaio para a morte. O grau de aprofundamento do transe ou do estado alterado de consciência leva a essa experiência.

Nela, não há os desligamentos dos centros perispiríticos, com vistas à histogênese espiritual, nem, é óbvio, a ruptura do cordão de prata.

Com a iminência da separação física, verifica-se um transe profundo, um desligamento muito acentuado do Espírito, o que leva à abertura do “programa” desencarnatório.

Melvin Morse acredita que o lobo temporal esteja ligado aos eventos da EQM. Não duvidamos dessas implicações. cremos, no entanto, que a epífise ou pineal, como glândula da vida mental, deve tomar parte ativa no aparecimento da EQM, assim como no desencadeamento da própria desencarnação, liberando as enzimas próprias à separação do corpo. Suas conexões com inúmeras regiões cerebrais, inclusive com os lobos temporais, explicariam os fatos observados.

### COMISSÃO DE RECEPÇÃO

Se há algo realmente confortador na morte é a presença dos seres amados, dos parentes e amigos queridos, domiciliados no mundo espiritual, os que fizeram antes a grande romagem, estendendo os braços para acolher o viajante cansado, ao término da jornada terrestre.

Eles fazem parte da comissão de recepção no limiar da Vida Nova e associam-se às equipes encarregadas dos traslados para a grande travessia. Às vezes, essa comissão resume-se apenas a um único parente ou amigo, mas há sempre alguém acenando do “outro lado”.

Os Espíritos Superiores esclareceram a Allan Kardec que esse encontro do desencarnado com os amigos e familiares que o antecederam dá-se imediatamente após a morte, de acordo com a afeição que se votavam reciprocamente, sendo que muitos o *ajudam a desligar-se das faixas da matéria.*

*É uma graça concedida aos bons Espíritos o lhes virem ao encontro dos que o amam, ao passo que aquele que se acha maculado permanece em insulamento, ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.(6)*

Nas pesquisas de William Barrett e Hyslop no início do século XX, e naquelas efetuadas por Karlis Osis e Haraldson, nas décadas de 1960 1970, as visões no leito de morte nada mais são do que a presença dos familiares no limiar da Vida Nova, com a tarefa precípua de receber os entes queridos nos momentos de transição.

Assistindo a milhares de agonizantes ao redor do mundo, a dra. Kübler-Ross detectou-os de forma muito clara:

*Na hora da transição, os seus guias, os seus anjos da guarda, as pessoas que você amou e que já se foram estarão ali para ajudá-lo. Podemos comprovar isso sem sombra de dúvida, e é na qualidade de cientista que faço essa afirmação (...) Às vezes, são pessoas que você nem sabia que já estavam “do outro lado” (7)*

William F. Barrett iniciou suas pesquisas exatamente por causa de uma observação semelhante à da dra. Ross. A esposa de Barrett era obstetra e relatou ao marido o caso de uma paciente em estado terminal que vira, em seu leito de morte, o pai, desencarnado há algum tempo, e a irmã que falecera, enquanto ela estava no hospital. A família a havia poupado, devido ao agravamento do seu estado, e nada lhe contara acerca do falecimento dessa irmã, somente quando a viu no leito de morte a agonizante soube que ela já estava “do outro lado”.

Vamos ressaltar alguns trechos das 500 cartas psicografadas por Chico Xavier para compreendermos melhor como os parentes e amigos atuam e quais os meios de resgate de que se utilizam, nos casos de acidentes para o recolhimento dos doentes.

**Angelo Di Sarno (8) - relata: *Então, senti que mãos amigas me carregavam e me puseram dentro de outro carro, sem que eu pudesse saber, de momento, que era uma ambulância. Notei vagamente que o carro se pusera em movimento e que me transportaram para algum lugar.***

Uma senhora, falando um harmonioso italiano, convidou-o ao repouso:

***Você está cansado e precisa repousar. Durma. Pode dormir sem medo (...) Você será transportado, durante o sono, para o lugar de nossa moradia. Durma... Durma!***

***Dormi pensando que eu ainda teria chance de ir a nossa casa para abraçá-la e abraçar o Papai Aniello, e os irmãos Giovani e André, mas acordei numa outra paisagem. Não mais me senti dentro do carro e, sim numa casa acolhedora cercada por um bonito “giardino”.***

***Embora muito fraco, perguntei quem era aquela senhora que me socorrera no veículo, dirigindo-me a ela mesma. Ela medisse sorrindo:***

***– Meu filho, somos tantos corações aqui reunidos que para alcançar a sua compreensão, direi apenas que sou avó da avó de sua avó Ana Maria e deixei a Itália há muitos anos.***

**Vítor Fernando Stocco Júnior** – o Vitinho nasceu dia 13 de fevereiro de 1974 e faleceu aos 15 anos, a 8 de setembro de 1989. Nesse dia, ele estava em um Clube de Campo, na cidade de Itapevi (SP) em companhia de casais amigos de sua família e de seus filhos. Na manhã do dia 8, ao sair da barraca de acampamento, foi acometido de um mal súbito e caiu, sendo levado a um pronto-socorro próximo ao Clube, mas já chegou em óbito. Os médicos consideraram como *causa-mortis* a ruptura de aneurisma cerebral. Escrevendo a seus pais Vítor Fernando Stocco e Lúcia Regina Romano Stocco, o adolescente descreveu o socorro que recebeu (9):

*Entre o abatimento e o sono, vi que um senhor de idade madura me abraçou e disse:*

*– Não se aflija. Sou seu “bi” e aqui me encontro para cooperar com o papai e a mãezinha.*

*Eu não tinha intimidade com ninguém que pudesse se apresentar naquela condição. Quase balbuciando as palavras indaguei sobre que “bi”; e ele me respondeu:*

*– Sou seu bisavô Vítor e vim convidar você para o repouso.*

*Aí, carregou-me nos braços; foi quando falei àquele parente:*

*– Sou também Vítor e desejo a sua paz.*

Aquele “bi” era o bisavô paterno, Nicanor Vitor Stocco, desencarnado, que veio em auxílio ao bisneto nos umbrais do além.

**Laura Maria Machado Pinto** - acompanhada das filhas, do pai, João Evangelista Lana, e da afilhada de casamento, Zélia Aparecida Lana Pontes, retornava, na noite de 22 de julho de 1982, à fazenda de seu genitor, em São Sebastião do Paraíso, pela rodovia Cândido Portinari, quando um caminhão colidiu frontalmente com o carro que dirigia. Com o choque terrível, o carro pegou fogo e tudo virou chamas em questão de minutos.

De um momento para outro, o sr. Henrique Pinto perdeu toda a sua família. Segundo declarou a Rubens Germinhasi, autor do livro *Continuidade*, tinha ideia de acabar com tudo, inclusive com a própria vida. A mensagem da esposa, porém, trouxe-lhe *calor, ânimo e vida*:

Vamos destacar um trecho da carta de Laura ao marido (10):

*Tivemos instantes de lucidez, fora da vestimenta corpórea, no entanto, a Providência Divina jamais nos abandona. Lá mesmo, ante*

*a visão do campo aberto, uma equipe de enfermeiros nos aguardava. Agarradas comigo, as nossas queridas filhas Patrícia e Beatriz me tomaram a alma toda. Gritos e lamentações surgiam próximos de nós, no entanto, as ambulâncias que não conhecíamos nos recolhiam com pressa. (...)*

*Sentia-me exausta, com o cérebro rangido por alucinações de pavor (...), quando uma senhora de semblante simpático se abeirou de mim e notificou-me que o acidente imprevisível na Terra, fora anotado na Vida Espiritual antes de vira ser e que ela estava junto de nós, com o fim de estender-nos mãos amigas.*

*Apesar do espanto que me arrasava diante daquele montão de cinzas e objetos fumegantes, ainda tive meios de perguntar-lhe a que vinha e quem era que com tanta bondade se interessava por nós. Ela me informou ser a vovó Carmela. (...) Abracei-me a ela, a avó que naquele momento se me fazia desconhecida e só então consegui dar vazão às lágrimas que meu peito represava.*

**Rodrigo Junqueira Alves de Souza** - um trágico acontecimento também abalou Frutal (MG), no dia 3 de fevereiro de 1985, quando um “fusca” foi colhido por um caminhão “Scânia”, matando os seus cinco ocupantes, todos adolescentes de tradicionais famílias da cidade.

Rodrigo (Didido), 14 anos, um dos atingidos, voltou, através do médium Chico Xavier, trazendo notícias confortadoras para seus pais.

Eis como descreveu o socorro (11):

*Lembro-me de que saltamos do corpo, tão de improviso, que a cena me lembrou o amendoim quando salta da casca.*

*Vimo-nos todos de pé, ao lado de pessoas que pareciam nos esperar.*

*Estávamos tontos e inseguros. (...)*

*Fomos então carregados para uma ambulância de grande tamanho, mas o ambiente estava diferente.*

*As pessoas que nos aguardaram, ao que parece, sabiam que nós todos íamos tombar ali mesmo, porque nos abraçaram qual se fôssemos crianças, e seguiram conosco, à pressa, na direção da ambulância. (...)*

*Assim, que a ambulância deu partida, caímos todos num sono esquisito (...)*

*Quando acordei, (...) vim a saber que o homem que carregara o*

*Português (...) era o dr. Sandoval de Sá. (...)*

*Ele me esclareceu que estávamos sob a proteção de nossas parentas, e falou-me que a vovó Minerva me havia suportado nos braços; que o Romêro havia sido transportado do carro para a ambulância pela nossa avó ou bisavó Filhuca; que a tia Geralda carregara o Guto desmaiado; e a tia Luizinha havia se encarregado de conduzir o Nadinho nos próprios braços.*

**Ivan Sérgio Athayde Vicente** - também voltou pela psicografia para contar a seus pais a recepção que tivera no limiar da Vida Nova. Ele partira deste mundo no dia 9 de dezembro de 1976, antes de completar 20 anos, quando pilotava um avião na rota Londrina-Pirassununga. Em um dado trecho da comunicação contou (12):

*A sensação de desmaio, de estranha fuga de mim próprio, me fazia tombar sem qualquer iniciativa. Creio que benfeitores nos aguardaram na paisagem, à maneira de amigos em ambulâncias nos aeroportos, quando o perigo se faz mais grave; no entanto, isso é raciocínio que somente acolhi depois de acordar devidamente hospitalizado num pronto socorro da vida espiritual. Aquele despertar se fazia diferente. Tive a ideia de rever toda a minha existência, como num sonho que estivesse vivendo acordado, até que as minhas lembranças se condensaram na rememoração do acidente que me transtornava a cabeça.*

*Interpelei médicos e enfermeiros sobre o que me acontecia, recebendo convites à calma, até que o vovô Vicente e a querida vó Maria, avós de meus avós, me cercassem de carinho, advertindo-me quanto à minha nova situação. O espanto em mim rebentou em lágrimas e os conflitos comigo mesmo se intensificaram por muito tempo.*

*Sentia-me telepaticamente ligado à nossa casa e sofria com a tristeza que passara a comandar-lhes a vida.*

Como vemos, a intercessão dos entes queridos no limiar da Vida Nova reflete a misericórdia divina em nosso favor.

Notas

- 1) *Nos Domínios da Mediunidade* - cap. XXI.
- 2) *Caravana de Amor*- pp. 67 a 74.
- 3) *Novos Horizontes* - pp. 15 a20.

- 4) *Novos Horizontes* - pp. 25 a 30.
- 5) *A Morte: Um Amanhecer*- p 39.
- 6) *O Livro dos Espíritos* - n.º 160 e 289.
- 7) *A Morte: Um Amanhecer* - p. 41.
- 8) *Novos Horizontes* - pp. 25 a 30.
- 9) *A Volta* - p. 100 a 104.
- 10) *Continuidade* - pp. 10 a 24.
- 11) *Estamos Vivos* - p. 28 a32.
- 12) *Eles Voltaram* - p.138 e 139.

**A Travessia (II):  
Rumo à Ponte Iluminada**

*Imagine que esperei tanto pela entrada nos Planos do Céu, embora não desejasse morrer. E quando me vi sem a nossa casa, filha querida, compreendi que o Céu é o amor como nos queremos uns aos outros.* Emília Rodrigues

Segundo estatísticas espirituais (1), existem mais de 20 bilhões de Espíritos compondo a humanidade desencarnada. Sabemos também que mais da metade das criaturas encarnadas é constituída de Espíritos semicivilizados ou bárbaros, enquanto apenas um terço está apto a trilhar os caminhos da espiritualidade superior (2).

Torna-se fácil, portanto, compreender que a proporção se mantém igualitária para os dois planos e deduzir também que as regiões sombrias, em torno do nosso planeta, são ainda muito extensas.

Para termos uma ideia, ainda que muito pálida, das faixas mais densas onde estagiam os espíritos inferiores, vamos nos valer também das informações do Espírito Efigênio S.Vítor. (3)

*Acima da crosta terrestre comum, temos uma cinta atmosférica classificada por “cinta densa”, com a profundidade de 50 quilômetros; além dela, estende-se a “cinta leve” com a profundidade de 950 quilômetros.*

Nesses 1.000 quilômetros, acima do plano onde nos encontramos, há um grande mundo aéreo composto de almas desencarnadas e *variadas espécies de criaturas sub-humanas, ainda em desenvol-*

***vimento mental no rumo da Humanidade.***

Em toda travessia para dimensões mais altas, é preciso levar conta essa imensa faixa, que circunda imediatamente o plano dos homens, para que se avalie melhor os imensos obstáculos a vencer.

Quanto ao ***mar aéreo que rodeia a vida física do planeta***, a que se referem os Espíritos, queremos ressaltar um apontamento no livro ***Obreiros da Vida Eterna*** feito por Dimas, cuja desencarnação descrevemos em capítulo anterior.

Certa noite, antes de se retirarem do planeta – Dimas, Fábio, Cavalcante, Albina e Adelaide – sob a tutela do Assistente Jerônimo e equipe – realizaram uma excursão de adestramento até a “Casa Transitória de Fabiano”, aproveitando os momentos de sono físico.

Dos cinco doentes, Adelaide e Fábio eram os únicos que revelavam consciência mais nítida da situação; os demais não tinham uma noção clara do que estaca acontecendo. O assistente organizou a corrente magnética, tomando a posição de orientador e cada irmão do plano físico localizou-se entre dois dos desencarnados. De mãos entrelaçadas partiram, utilizando a volitação e ganhando altura.

Fixemo-nos na seguinte descrição de André Luiz (4):

***Atravessada a região estratosférica, a ionosfera surgia-nos à vista, apresentando enorme diferença, por causa do afluxo intenso dos raios cósmicos em combinação com as emanções lunares.***

***Espantado, Dimas perguntou em voz alta:***

***– Que rio é este? Ah! tenho medo! não posso atravessá-lo, não posso, não posso!...***

***O impulso magnético inicial fornecido por Jerônimo era, no entanto, excessivamente forte para sofrer solução de continuidade, ante tão débil resistência; e o grupo avançou, avançou sem recuos, até que, muito além, alcançamos o asilo de Fabiano, onde a irmã Zenóbia nos acolheu de braços carinhosos.***

Este relato, associado ao do irmão Jacob, que descreveremos a seguir, e ao de outros Espíritos, parecem indicar que a ionosfera está ligada de alguma forma a ***esse mar*** que circunda a Terra. Interessante notar que a Casa Transitória está muito além dessa camada estratosférica.

Tomemos agora, como exemplo, a travessia de dimensões efetuada pelo irmão Jacob e seus companheiros, após a desencarnação. (5)

Acompanhado da filha Marta, anjo bom que viera recebê-lo nos

minutos finais da existência física, Jacob demandou a praia, onde deveria encontrar-se com os benfeitores espirituais, Bezerra de Menezes e irmão Andrade. Em meia hora, congregaram-se, ali, amparados por Espíritos guias, quinze *convalescentes da morte*". Treze destes tinham *o olhar vitrificado e se movimentaram maquinalmente*.

Segundo explicações do Irmão Andrade, alguns deles já haviam sido liberados há alguns dias, mas não se apresentavam em condições de seguir adiante, senão naquela noite que se apresentava particularmente, bela e pacífica.

É muito difícil abandonar o plano dos homens sem ajuda, é preciso experiência na espiritualidade superior. Por isso, cremos no assessoramento da espiritualidade superior aos irmãos que vivenciam uma EQM.

Os próprios *pensamentos desordenados de milhões de almas encarnadas e desencarnadas do ambiente humano criam verdadeiros campos de imaginação* dos quais a alma não consegue livrar-se, facilmente. Em virtude das turbulências, os Espíritos superiores fizeram cordão de isolamento, a fim de que o grupo pudesse partir em paz.

Andrade explicou também que, dada a circunstância adversa de estarem conduzindo irmãos quase inconscientes, a rota da expedição deveria se realizar, sobre o campo ou sobre as águas, uma vez que a atmosfera, ao redor desses elementos, é *mais simples, mais natural*.

Finalmente, o grupo completou-se com a chegada da última recém-liberta, ladeada por dois benfeitores, e plenamente desperta para seguir viagem. Era respeitável senhora, de semblante calmo e sereno, que havia sido professora na existência finda e refletia invejável elevação espiritual. Seu corpo sutil emitia luminosidade sublime, o que não acontecia com nenhum dos outros *convalescentes*. Mas tal era a sua modéstia, que parecia aflita por esconder sua evidente superioridade. Jacob sentiu o impacto de sua presença:

*Bezerra cumprimentou-a, bondoso, e confesso que, reparando aquela mulher de maneiras simples e afáveis, emitindo luminosidade sublime, inopinado sentimento de inveja me assaltou o coração.*

Reconsiderou, porém, a emissão mental negativa, ante o olhar de reprimenda de sua filha Marta.

Bezerra de Menezes deu, então, as últimas instruções, enfatizando a

necessidade de serenidade e desapego para que não caíssem em sintonia com as forças da ignorância, inimigas do bem, uma vez que, entre os recém-libertos, somente a irmã que chegara por último tinha “irradiação luminosa”, garantia contra o assédio das trevas. Lembrou que, se haviam manifestado, na existência finda, certo esforço no serviço da crença religiosa, foram, na verdade, mais apaixonados pela ideia elevada que propriamente realizadores dela no mundo.

Encontravam-se, agora, num campo diferente de matéria, onde só os conquistadores de si mesmos, no bem ao próximo, guardavam posição de realce e domínio. Era preciso centralizar, portanto, os recursos íntimos na sublimação da vida para não ficarem retidos nos círculos inferiores. Essa jornada, que estavam em vias de empreender, era, portanto, o primeiro grande teste, para saber se desejavam, realmente, prosseguir para o alto, deixando para trás as coisas perecíveis do mundo.

A advertência de Bezerra calou, fundamente, em todo o grupo. Estavam prontos para partir.

O irmão Andrade e Marta sustentavam Jacob com os braços, lado a lado. Todos os recém-desencarnados, dois terços do total da expedição, estavam amparados, um a um, por amigos espirituais.

***A capacidade de voitar está intimamente associada à força mental, porque após sentida oração do supervisor, começamos a flutuar, acima do solo, guardando comigo a nítida impressão de que o rigoroso pensamento de Bezerra nos comandava.***

Assim descreveu Jacob o início da travessia, com a utilização da capacidade de voitar. Seguiram não em formação de cordão contínuo, mas em grupos de dois, três e quatro, unidos entre si.

***Em breves minutos, tínhamos as águas sob os pés, elevando-nos, vagarosamente, à maneira de “peixes humanos no mar aéreo”***

Jacob não via embaixo dos pés senão uma sombra muito espessa, rodeando o plano humano. Andrade explicou-lhe que, durante o dia, a visão é outra, porque o sol bombardeia as criações negativas dos homens e da natureza, deixando mais límpida a paisagem. A emissão dessa substância negra é diferente sobre a cidade, sobre o campo ou sobre o mar.

O autor do livro *Voltei* expressou ainda a sua convicção de que não seguiam pela verticalidade ou pela esfericidade, na verdade, não

possuía palavras para explicar o tipo de excursão que faziam.

Ruídos de vozes desagradáveis, formas monstruosas – bem piores que as relatadas na mitologia – região vulcânica, solo com erupções, tudo isso passava sob seus pés, na singular viagem. Andrade confirmou-lhe que atravessavam a vastíssima região do umbral.

De repente, a expedição estacou ante uma ponte maravilhosamente iluminada. Era preciso atravessá-la para adentrar a região superior, a terceira esfera, onde os moradores eram mais felizes. Espíritos inferiores acercaram-se da ponte, fazendo muito barulho, dispostos a impedir a sua travessia e aos gritos:

– ***Vigiem a ponte! Assassinos não passam, não passam!***

Um dos irmãos “convalescentes” vacilou, acreditando não estar à altura de cruzar a ponte, porque tinha assassinado uma pessoa.

Bezerra interveio dizendo que ele havia trabalhado, durante 30 anos, em prol da regeneração íntima e do bem do próximo e que seu ato infeliz já deveria pertencer ao seu passado espiritual.

A pedido do benfeitor, Jacob proferiu sentida prece, lembrando o Salmo 23: ***Ainda que andemos pelo vale da sombra e da morte, não temeremos mal algum, porque Ele, o Senhor, está conosco; a sua vontade e a sua vigilância nos consolam.***

Logo em seguida, o grupo voltou a levitar, alcançando a magnífica ponte. Atravessou-a, a poucos pés de altura acima do arcabouço em que é estruturada, conservando-se o tempo todo em prece, dada a forte atração exercida pelo abismo.

Todos os que faziam aquela travessia pela primeira vez, choravam copiosamente. Afinal haviam conseguido ultrapassar as zonas atormentadas do umbral e adentrar as regiões mais inferiores do Céu! Amigos surgiram de toda parte para abraçar os caravaneiros.

***As explosões de carinho com que éramos recebidos faziam-me acreditar no ingresso no paraíso,*** confessou Jacob.

Palavras? Onde encontrá-las para exprimir tanta emoção?

## O TÚNEL E A LUZ

A respeito do corpo sutil iluminado, como o da professora Adelaide, o de Bezerra de Menezes e demais benfeitores, o fenómeno não tem passado despercebido das pessoas que vivenciam uma EQM.

Melvin Morse destaca, logo no prefácio do livro *Transformados pela*

Luz, no 5.º item, “Seres da Luz”, um pequeno trecho de um depoente:

“No final do túnel, encontrei um grupo de pessoas. Todas brilhavam interiormente como lanternas. Todo o local resplandecia da maneira, como se todas as coisas estivessem cheias de luz. Eu não conhecia nenhuma das pessoas que encontrei ali, mas todas pareciam me amar muito.”

Observa-se que nas chamadas EQMs transcendentais escatológicas os sobreviventes realmente ultrapassam as dimensões “mais pesadas”, ou as regiões umbrais e divisam aspectos mais iluminados do mundo espiritual, mantendo contato com os seres mais evoluídos: depois disso, retornam ao corpo, continuando a vida terrestre com lembrança total daquela vivência.

Na EQM, muitos descrevem o episódio do túnel escuro que se entreabre para a luz.  
(6)

Creio que, nessa experiência, a alma realiza a travessia através da volitação, fenômeno comum na Experiência Fora do Corpo (EFC). O processo é igual ao que ocorreu com Elisa, no momento da morte, no qual, “**milhares de quilômetros foram vencidos instantaneamente**”.

Vimos também a volitação no caso da caravana dos *convalescentes da morte*, da qual fez parte o irmão Jacob. Os dezesseis recém-desencarnados volitaram amparados por Espíritos protetores até a ponte iluminada, passando depois para uma outra dimensão.

A Teoria da Relatividade de Einstein, com suas previsões acerca do espaço e do tempo, permitiu a antevisão dos buracos negros e, mais que isso, apontou para a possibilidade de existirem verdadeiros túneis no seio do espaço vazio. São essas “passagens internas” que os físicos teóricos conhecem como *warmholes* (buracos de verme).

Não há que admirar-se da existência de túneis semelhantes na vida além-túmulo. Antes das EQMs virem à tona, os médiuns já descreviam viagens através deles, patrocinadas por Espíritos, para possibilitar-lhes experiências no mundo espiritual. Dante Alighieri, o famoso vidente florentino, descreveu nas páginas de *A Divina Comédia* a visão das almas entrando em um deles, rumo ao paraíso.

Muitos dos sobreviventes da EQM descrevem o túnel escuro ou algo assim; alguns chegam a afirmar terem sentido como se estivessem atravessando um caminho constituído de canos muito largos,

semelhantes aos colocados para a circulação de água ou esgoto. Creio que a volitação, nesses casos, deve ser semelhante à trajetória de um torpedo, porém com desenvolvimento de altíssima velocidade, superior à da luz, e as rotas devem ser facilmente identificáveis e reconhecidas pela prática e pelo automatismo, sobretudo tendo em vista o assessoramento de Espíritos desencarnados tarimbados. Embora os depoentes não se apercebam dela, acredito que, em muitos casos, essa assessoria existe. Falo por experiência própria e a de amigos acostumados à EFC.

**André Albertini** (1955-1981) - era filho do advogado italiano Lino Santos Albertini, que foi presidente da Academia de Estudos Jurídicos e Econômicos Cenáculo Triestino e da Junta Diocesana da Ação Católica de Trieste. Em junho de 1981, quando fazia uma curta viagem de descanso antes das provas finais de seu curso de Direito, foi assassinado. A sua família católica foi induzida por monges católicos a procurar notícias de seu filho por meio da mediunidade, o que veio a ocorrer quando encontrou uma médium de nome Anita. A pedido da dra. Paola Giovetti, conhecida parapsicóloga, o pai submeteu algumas questões a respeito das sensações da morte e da entrada na vida espiritual, obtendo respostas significativas. Do livro que veio a publicar **l'Aldilà; Un'eccezionale Testimonianza Rigorosamente Documentata**, e tornou-se um **best-seller** na Itália (publicado em 1988 alcançou no mesmo ano sua 12ª ed., a partir da qual se fez a tradução brasileira – *O Além Existe* –, publicado pela editora jesuíta “Edições Loyola”), transcrevemos (7):

*Eu posso contar-lhe o que aconteceu a mim pessoalmente, porque há diferentes maneiras de morrer. Na verdade, a minha situação estava feia, à mercê de indivíduos perigosos. Quando fui morto não me apercebi, porém, via a cena do alto e acompanhei todo o acontecimento com desapego e indiferença. Isso durou bastante, até a minha alma embocar pelo longo túnel.*

Em seguida, respondendo ao pedido de esclarecimento acerca do túnel, acrescentou:

*A entrada atrai porque vê-se uma grandiosa Luz que chama, mas nem sempre se consegue logo alcançar a Luz. Os mais afortunados, como eu, que são acolhidos por amigos ou parentes, sim. Outro, no entanto, devem*

*esperar muito tempo e isso faz sofrer, porque sabe-se que, além do túnel, tudo é maravilhoso e se gostaria de chegar lá quanto antes. pp. 48-49 e 134)*

Na mesma esteira, lembro o fenômeno de tunelamento dos elétrons, na microscopia eletrônica, quando estes tomam caminhos imprevistos e insuspeitados, surgindo nos lugares mais inusitados, sem passar pelas rotas tridimensionais detectáveis.

O teletransporte, antes abordado como fato comum, apenas nos seriados de ficção científica, como *o Jornada nas Estrelas*, recentemente teve a sua primeira experiência científica comprobatória. Físicos, na Áustria e na Itália, conseguiram, pela primeira vez, teletransportar uma propriedade de um fóton – partícula de luz proposta por Einstein – de um ponto a outro no espaço, de forma instantânea.

É certo que estamos falando de fótons, e não de seres humanos ou de espíritos, no entanto, a possibilidade existe, tornando menos incompreensíveis esses deslocamentos estranhos.

E, mais que isso, a EFC e a EQM, tanto quanto as revelações através da extraordinária mediunidade de Chico Xavier estão indicando tipos de deslocamento ainda insuspeitados para a grande maioria das pessoas no mundo.

#### CHEGANDO À PAISAGEM DIFERENTE

Os Espíritos chegaram à ponte iluminada utilizando a volitação e a atravessaram andando normalmente. Valeram-se, portanto, de diferentes recursos, conforme as circunstâncias, sempre coadjuvados pelos Benfeitores Espirituais.

Uma vez transposta a extensa ponte, a escuridão, quase absoluta, ficou para trás. Tudo modificara-se de forma surpreendente: a atmosfera noturna tornara-se mais leve, mais clara, o ar estava impregnado de perfume.(8)

Cânticos de alegria eram entoados pelos amigos do “outro lado”, que traziam as boas-vindas, muitos deles ostentando tochas acesas, que lhes realçavam os semblantes sorridentes. A exemplo da parábola de Jesus, era como se recebessem os filhos pródigos.

Jacob sentia uma *certa fadiga sem dor*. Aquelas vozes, porém, revigoraram-lhe as energias.

*Que fizera no mundo para merecer o devotamento dos amigos e as*

*ternuras de minha filha?*, indagava-se interiormente.

Sentia que deveria ter semeado o bem e a luz, mais intensamente, na causa que abraçou, o que fizera parecia-lhe muito pouco naquela hora.

Cito bando de criancinhas – semelhantes a pássaros alados – veio buscar a professora, cujo corpo espiritual irradiava luz. Segundo notícias dos pequeninos, uma outra escola, muito mais linda, a esperava num parque celestial. Aventurosa mulher orou em prantos de reconhecimento a Deus. Todos os caravaneiros seguiam-na, tocados de intensa emoção. Finalmente, despediu-se e partiu, acompanhada dos pupilos, para região desconhecida da Pátria Infinita.

A expedição prosseguiu volitando. Já divisaram um extenso casario com belas e espaçosas moradias. De distância a distância, as comissões do “outro lado” compareciam para receber os amigos, pronunciando seus nomes. Abraços de despedida e prosseguimento do voo, até que um grupo de quatro pessoas, à margem do caminho, pronunciou o nome de Jacob. Nova pausa na jornada, e Bezerra, sorridente, conduziu-o até elas. Eram Guillon Ribeiro e Leopoldo Cirne, Inácio Bittencourt e Antônio L. Sayão, companheiros queridos das lides espíritas no Rio de Janeiro.

Abraços efusivos e emocionados, como se estivessem no cais do porto, revendo-se após longa viagem.

Depois da alegria do reencontro, finalmente Jacob chegou ao lar. Uma casa acolhedora, cheia de paz e ventura, onde os tapetes, móveis, adornos e iluminação revelavam-se de bom-gosto, mas sem luxo. Extenuado, foi conduzido pelo Irmão Andrade e por Marta, ao quarto de dormir, onde encontrou, finalmente, o repouso. Iniciava-se para Jacob a etapa de adaptação à Vida Nova.

#### MEIOS DE TRANSPORTE

Para efetuarem um dos pontos cruciais da travessia, o irmão Jacob e os demais companheiros da expedição utilizaram-se da ponte iluminada que liga os dois planos. Por que não puderam sobrevoar o abismo, sem utilizá-la, uma vez que eles haviam conseguido flutuar acima da substância inferior, na direção do mais alto, por algum tempo? Andrade explicou que isso teria sido possível se o grupo fosse constituído *apenas por entidades adestradas na vida espiritual, com*

*as faculdades de volitação plenamente desenvolvidas.*

Naquele grupo, todavia, *a maioria dos recém-desencarnados, longe estava de ampliar as próprias possibilidades nesse terreno, pela densidade das paixões, embora sublimáveis, de que eram portadores.*

Vimos, no capítulo anterior, o socorro prestado às vítimas de acidentes, através de ambulâncias e automóveis, presentes no campo da desencarnação, mesmo antes da ocorrência da tragédia, como se obedecessem a uma organização perfeita. E, de fato, isso acontece, demonstrando que a desorganização é patrimônio único dos círculos terrestres e das regiões inferiores do plano espiritual.

Em geral, o recém-desencarnado, traumatizado por morte física violenta e repentina, não descreve a travessia propriamente dita. Nas mensagens dirigidas aos familiares, não há referências a ela, a não ser por um ou outro detalhe apreendido posteriormente, na fase de adaptação ao novo plano. Verifica-se a travessia enquanto eles adormecem pesadamente. Somente alguns dias ou mesmo meses depois, o desencarnado vai tomar conhecimento de sua nova situação.

Na *coleção André Luiz*, há descrição de trenós puxados por animais, automóveis e ônibus de modelos diversos, helicópteros e aeronaves de formatos variados. Uma destas é utilizada para visita aos encarnados, como se pode verificar no livro *E a Vida Continua...*

#### **Notas:**

- 1) *Roteiro* - cap. p.39, revelação de Emmanuel.
- 2) *Voltei*- cap. 9
- 3) *Instruções Psicofônicas*. mensagem de Efigênio S. Vítor: “Um irmão de regresso”, cap. 31, pp. 130 e 131.
- 4) *Obreiros da Vida Eterna* - cap. XII.
- 5) *Voltei* - caps.6 e 7.
- 6) Ver *Espaço-Tempo e Além*.
- 7) O Além Existe; testemunho extraordinário rigorosamente documentado, pp. 48-49 e 134
- 8) *Voltei* - cap. 8.

**A Travessia (III):  
Quando o Caminho  
não leva à Luz**

*Aprender a desfrutar, sem possuir negativamente, é a fórmula ideal para o encontro com a paz.* Luiz Antônio Biazio

Os Espíritos Superiores responderam a Allan Kardec que a alma nada leva deste mundo *a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela fez da vida. Quanto mais pura for, melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.* (1)

Com vimos, ela não se desprende bruscamente do corpo, *não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade* (2), porque o envoltório perispirítico destaca-se *com uma lentidão variável conforme os indivíduos.* (3)

Há alguns casos, exemplificados anteriormente, de desprendimento bastante rápido, outros mais lentos e outros ainda que se demoram algumas vezes dias, semanas e até meses. A vida destes últimos foi *toda material e sensual* (4), conforme assinalou Kardec, tornando-se, neste caso, penosa para o Espírito a separação da matéria, dada a sua perfeita identificação com ela.

Compreende-se, assim, que *o estado de perturbação que se segue à separação do corpo depende da elevação de cada um, sendo que a sua duração está diretamente ligada à prática do bem e à consciência pura.* (5)

Blaise Pascal, em um texto simples, de clareza meridiana, que faz parte de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* enfatiza: (6)

*O homem não possui de seu senão o que pode levar deste mundo. O que encontra ao chegar, e o que deixa ao partir, goza durante sua permanência na Terra; mas, uma vez que é forçado a abandoná-lo, dele não tem senão o gozo e não a posse real. Que possui ele, pois? Nada daquilo que é para uso do corpo, tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais; eis o que traz e que leva, o que não está no poder de ninguém lhe tirar, o que lhe servirá mais ainda no outro mundo do que neste; dele depende ser mais rico em sua partida do que em sua chegada, porque daquilo que tiver adquirido em bem depende sua posição futura.*

Temos, pois, vários pontos importantes a considerar, quando desejamos compreender a razão pela qual a alma estaciona nas zonas inferiores, conservando-se mais ligada à crosta terrestre, incapaz de ascender a planos mais altos, onde a luz é constante.

A identificação com a matéria faz com que ela se torne gozadora contumaz, aficionada das causas perecíveis, egoísta, desinteressada da prática do bem. Essa disposição mental vai trazer-lhe, fatalmente, problemas de desequilíbrio, uma vez que a reta consciência só funciona com base na lei universal do amor. Não basta não praticar o mal, é preciso fazer o bem.

Allan Kardec sintetizou o Código Penal da vida futura, em três princípios: (7)

1) *O sofrimento é inerente à imperfeição.*

2) *Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.*

3) *Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.*

*A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: tal é a lei da Justiça Divina.*

Compreendemos assim que *a alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado feliz ou desditoso é inerente ao seu grau de pureza ou impureza.*

*Na verdade, a alma traz em si mesma o castigo ou prêmio, onde quer*

*que se encontre (...), de modo que o inferno está por toda parte em que haja almas sofredoras e o céu igualmente onde houver almas felizes.*

Vejamos um exemplo, entre os muitos entrevistados pelo Codificador.

**Um Espírito avarento** – A Revista Espírita de outubro de 1859, editada por Kardec, traz o depoimento de Pai Crépin, conhecido avarento, acerca de sua vida no além. Eis um trecho resumido de sua mensagem: Não posso mais tocar no meu ouro, contá-lo e guardá-lo (...) Ainda estou muito preso à Terra e é difícil arrepender-me. (...) Minha única ideia estava ligada às riquezas; visando acumulá-las, jamais pensei em separar-me delas. (...) meu coração ainda é muito terreno e ainda experimento um certo prazer em ver o meu ouro. Mas não posso apalpá-lo. Isto é um começo de punição na vida em que estou. (...) Parece que quanto mais tempo se passar, mais sofrerei por minha avareza terrena.

O Codificador, valendo-se de médiuns confiáveis, entrevistou centenas de Espíritos, em graus evolutivos diversos, realizando, assim, pesquisa própria, que lhe trouxe vasto conhecimento da vida que se desdobra no além.

#### DOLOROSO APRENDIZADO

Se, durante a vida terrena, a alma passou distraída, sem outra preocupação senão a de satisfazer seu próprio egoísmo, após a morte, pode não ultrapassar os planos grosseiros. Nesse caso, o estacionamento verifica-se na extensa zona a que nos referimos no capítulo anterior, que possui 1.000 quilômetros de profundidade. Isto sem nos referirmos às zonas das trevas, em regiões ainda mais densas e inferiores:

Há um certo amargor, quando isso ocorre, porque herdeiros da luz, intuitivamente, todos desejamos usufruir das moradas sublimes criadas pelo coração amoroso de nosso Pai Celestial.

André Luiz, médico e cientista desencarnado no Rio de Janeiro, passou oito anos nas zonas inferiores, antes de ser recolhido à área hospitalar de Nosso Lar. Ele descreveu a região umbralina, onde se encontrava, pouco antes de ser recolhido para tratamento na esfera mais alta: (8)

*A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacentas, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios*

*de sol aquecessem de longe.*

Depois de muito sofrimento, compreendeu que os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos apresentavam-se agora como extremamente secundários para a vida humana. O problema religioso era prioritário. Tinha sede de fé.

Não fora um criminoso, mas esteve absorvido pela filosofia do imediatismo; segundo sua própria avaliação, não teria passado do um egoísta: *Filho de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhava os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguira situações estáveis que garantissem a tranquilidade econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência. Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas não lhe restituíra ceitil do débito enorme. Tivera pais, cuja generosidade e sacrifícios por mim nunca avalei; esposa e filhos que prendera, ferozmente, nas teias rijas do egoísmo destruidor. Possuía um lar que fechei a todos os que palmilhavam o deserto da angústia. Deliciara-me com os júbilos da família, esquecido de estender essa bênção divina à imensa família humana, surdo a comezinhos deveres da fraternidade.*

Durante esse período na região nevoenta, muitas vezes pensou enlouquecer. No entanto, a consciência continuara vigilante. Vivera em um estranho vórtice... Caminhara sempre, sem destino, presa do medo. Raras vezes conseguira dormir; sentira fome, aqui e ali colhera verduras que lhe pareciam silvestres; a sede castigara-lhe as entranhas, atirara-se, então, aos filetes de água na paisagem escura. Muitas vezes, sugou a lama da estrada. Frequentemente, escondeu-se das enormes manadas de seres animais, que passavam em bando, sedentos como feras.

Ouvira acusações cruéis:

– *Que buscas infeliz! Aonde vais, suicida?*

Não conseguia compreender a pecha de suicida, já que lutara bravamente, por muitos dias, no leito hospitalar, contra a morte que se instalara a partir de um câncer intestinal. Mais tarde, veio a saber que malbaratara o corpo físico e que partira da Terra antes do tempo, pelo suicídio inconsciente.

Lembrava-se da última cena que precedera ao grande sono: sua esposa e os três filhos contemplando-o no terror da eterna separação.

***Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem-fim.***

Em seu caso, passou diretamente do grande sono para a região umbralina.

Embora não tivesse escolta visível, sua mãe o acompanhara, durante todo o tempo, das regiões superiores onde habita, enquanto o Ministro Clarêncio, ilustre morador de ***Nosso Lar***, conhecia-lhe todos os passos na zona nevoenta. A Comissão de Recepção agia de forma oculta, acompanhando-lhe, a distância, mas de forma solícita e solidária, as disposições íntimas de mudança.

Finalmente, oito anos após a desencarnação, alquebrado pelo sofrimento, suas últimas resistências foram vencidas.

***Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor-próprio, a que me consagrara orgulhoso.***

Colado ao lodo da Terra, de mãos postas, feito criança, orou, então, com todas as suas forças, ao Supremo Autor da Natureza, pedindo lhe estendesse mãos paternas.

Não soube dizer por quanto tempo ficou ali.

***Ah! é preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança.***

Um emissário dos Céus surgiu, em resposta à sua ardente súplica: era ClarEncio, o velhinho simpático, protetor e amigo, que lhe sorria, paternalmente.

***Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.***

Nesse momento, André Luiz foi recolhido em alvo lençol e a caravana demandou ***Nosso Lar***, a cidade que o acolheria a partir de então e à qual ele serviria com desvelado amor por mais de 50 anos...

## DIMENSÕES ESPIRITUAIS INFERIORES

A primeira dimensão ou esfera está rente à Terra, pertence ao Umbral denso ou grosso e localiza-se em uma profundidade de 50 quilômetros, conforme já vimos. São regiões purgatoriais muito dolorosas e delas não temos muitas informações. (9)

A segunda abriga o Umbral leve, tem 950 quilômetros de profundidade e nela localizam-se os postos de assistência, muitos já descritos em páginas anteriores ou que serão citados posteriormente. Há, nessa esfera, zonas localizadas a grande distância da Crosta, mas todas sofrem a influência mental da humanidade encarnada.

A terceira dimensão ou esfera não deixa de ter urna faixa-limite ou de transição incrustada no Umbral. A cidade *Nosso Lar* pertence àquela dimensão, mas possui psicofera diferente, mais leve, diáfana, exalando paz e equilíbrio.

As duas primeiras são regiões sombrias, onde há escuros precipícios, aves horripilantes e Espíritos com aspecto assustador, mais do que o dos monstros mitológicos conhecidos.

Em relação a essas regiões inferiores, Aniceto teve a oportunidade de explicar a André Luiz: (10)

*Todo este mundo que vemos é continuação de nossa Terra. Os olhos humanos veem apenas algumas expressões do vale em que se exercitam para a verdadeira visão espiritual, como nós outros que, observando agora alguma coisa, não estamos igualmente vendo tudo.*

E acentuou:

*A percepção humana não consegue apreender senão determinado número de vibrações. Comparando as restritas possibilidades humanas com as grandezas do Universo Infinito, os sentidos físicos são muitíssimo limitados. O homem recebe reduzido noticiário do mundo que lhe é moradia.*

E ressaltou de modo muito especial:

*Há, porém, André, outros mundos suas, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar-se perceptível. A eletricidade e o magnetismo são as duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos*

*potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos de êxito completo.*

Mas é precioso levar em conta a existência de zonas ainda piores que as do Umbral.

Denominam-se “Trevas” as regiões mais inferiores conhecidas.

Localizam-se abaixo da superfície terráquea. É preciso lembrar que o Espírito também obedece a princípios de gravitação, de modo que, nesses casos, o “peso específico” do perispírito só vai lhe permitir a localização nessas regiões mais densas.

*A Terra não é somente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso bel-prazer. É organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. É claro que a alma esmagada de culpas não poderá subir à tona do lago maravilhoso da vida.* (11)

Quais seriam, então, os habitantes dessas regiões tormentosas?

O Instrutor Druso responde (12): *nas zonas inferiores propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, com o louco propósito de ludibriarem o próprio Deus.*

Assim, para ele, *o inferno é vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa.*

O livro *Libertação, de André Luiz* descreve, de forma completa, as regiões das Trevas e seus habitantes, constituindo-se em um dos mais belos compêndios de estudo da vida no Além.

Vejam os exemplos de almas que enveredaram pelo caminho do crime e a situação em que vieram a encontrar-se depois da desencarnação, conforme as confissões feitas através da mediunidade de Chico Xavier, recolhidas no livro *Vozes do Grande Além*.

#### UMA ABORTEIRA

**R. S. - entidade não identificada** - utilizou suas cordas vocais e seu cérebro para comunicar-se na sessão mediúnica do Grupo Meimei, em Pedro Leopoldo, cidade natal do médium, mensagem essa que se encontra na íntegra no livro *Vozes do Grande Além* e da qual reproduziremos parte (13).

*Deus de bondade e de amor, dai-me forças para que a minha voz*

***não trema na confissão-ensinamento, a que me sinto obrigada!...***

***(...) Meus irmãos, fala-vos pobre mulher desencarnada que, até agora, tem vagueado no charco de choro e sangue...***

R. S. inicia, assim, a comunicação. Em seguida, contou que era médium, na encarnação que deixara, tendo recebido a benção do conhecimento espírita; fora preparada pelos Benfeitores Espirituais para servir aos semelhantes, através de suas faculdades de cura mediúnica, de forma gratuita, em especial para as parturientes.

Renascera em lar pobre, em sua vida privada era uma simples lavadeira. Viúva aos trinta anos, com uma filha para criar, trabalhava nessa função modesta, conhecendo muitos sacrifícios. Com o tempo, porém, deixou-se seduzir pela ideia do dinheiro fácil, esqueceu-se das lições doutrinárias e engajou-se em senda tormentosa.

***Muitas senhoras reclamaram-me a colaboração e muitas outras foram chegando, que me pediam o concurso para a delinquência disfarçada em salvação social***

***Moças de diversas procedências, damas jovens acostumadas à preguiça e à irresponsabilidade, ofereciam-se à minha porta, pagando alto preço por meus serviços.***

***O dinheiro era tentador e as somas eram largas.***

***A atividade era fácil.***

***O passe magnético com a administração de algumas drogas, aparentemente simples, davam resultados perfeitos.***

***E sem ouvir as sugestões do nosso amigo dr. Bezerra, que procurou afastar-me das sombras, enquanto era tempo, devotei-me de corpo alma às trevas crescentes que se avolumaram em minha porta.***

Sua filha Edmeia tornara-se menina e moça. R. S. procurou poupá-la do trabalho digno, internando-a num colégio elegante e ofertando-lhe chapéus, vestidos, joias e adornos, tudo que estivesse à altura de sua beleza física. Sua filha era bela e devia brilhar no campo social, assim pensava. Para obter sempre mais dinheiro, R. S. trabalhava na indústria do aborto.

Dez anos se passaram. A conta bancária avolumara-se; expandira os negócios para outros bairros, auxiliada por duas companheiras, devidamente treinadas para procurá-la somente nos casos difíceis.

Estava construindo o palacete que sempre sonhara para a filha, escolhendo tapetes e telas caras, ao gosto da jovem.

Edmeia tinha seu próprio carro, comparecia a festas e reuniões mundanas, impressionando sempre pela beleza bem adornada.

Tudo parecia correr a contento, quando, certa noite, alguém lhe bateu à porta.

Era uma de suas auxiliares, dizendo-lhe que havia atendido mal uma cliente. R. S. insistiu em saber se realmente a moça podia pagar, para dar-lhe a devida atenção, recebendo resposta positiva.

Quando lhe trouxeram a moça desmaiada, a esvaír-se em sangue, reconheceu o corpo de Edméia, sua própria filha.

*Minha filha era também uma cliente da indústria do aborto. (...)*

*Em vão, tentei o socorro tardio (...)*

*Tudo estava no fim. (...)*

*Edmeia morreu em meus braços. (...)*

*Tombei desalentada. (...)*

*A dor rompeu-me um vaso importante e por dois meses agonizei, até que a morte me arremessou à sinistra região em que me vejo cercada por largas nuvens de lodo e sangue, escutando os comoventes vagidos de criancinhas assassinadas... (...)*

*Nunca pude pisar no palacete que minha filha e eu mandáramos construir... (...)*

*Tenho vivido num lago de sangue, de treva, de dor, de angústia, de maldição...*

*Somente agora, depois de muito orar e padecer, ouvi novamente a voz de dr. Bezerro, o nosso amado benfeitor (...)*

*Um novo serviço ser-me-á confiado.*

*Devo, por dez anos, trabalhar nos lupanares e nos gabinetes em que o aborto se transformou em criminoso negócio, no sentido de amparar as jovens irrefletidas e as mulheres desorientadas.*

*Devo evitar que o infanticídio se processe, oferecendo minhas forças para que algum entezinho possa escapar à foíce sanguinolenta manejada pela mulher esquecida da própria alma.*

*Devo servir por dez anos nesse laborioso caminho cujas misérias conheço, para, depois, experimentar, por minha vez, a dor de tantas crianças que as minhas mãos sufocaram!... (...)*

*Minha palavra não tem outro objetivo senão este: implorar a esmola da oração em meu benefício e acordar as mulheres, nossas irmãs, para que não se afastem da bênção de Deus.*

## UM FRATRICIDA

Outro depoimento feito através de Chico Xavier, recolhido também pela psicofonia. A mensagem é do Espírito F. Cunha.

O Espírito comunicante apresentou-se com forte fixação mental, repetindo constantemente as cenas destrutivas das quais foi protagonista e que desestruturaram o seu psiquismo (14):

*(...) Onde estou?*

*Que vozes imperativas são essas que ordenam a exteriorização de minha palavra?*

*(...)*

*(...) Sinto-me extremamente cansado...*

*Não tenho ideia de rumo.*

*Perdi a noção do caminho.*

*Sequei a fonte de minhas lágrimas.*

*Estou cego.*

*(...) Bati à porta da oração, inutilmente...*

*(...) Confessar-me para que ouvidos?*

*(...) Basta lembrar o recomeço...*

*Vejo a sala de nossa casa.*

*Tudo iluminado dentro da noite...*

*Desejava desfazer-me de minha irmã solteira.*

*Herdáramos grande fortuna. Devia ela associar-me ao destino...*

*Desejava, contudo, senhorear a sós o patrimônio financeiro que nos favorecia o mundo familiar.*

*Angelina era meu obstáculo.*

*Arquitetava planos de modo a eliminar-lhe a presença, até que uma noite minha irmã veio confessar-me um amor infeliz.*

*Amara e não era amada. (...)*

*Maquinado meu crime, roguei-lhe renunciasse àquela afeição malnascida. (...)*

*Preparei deliberadamente o fratricídio.*

*Conduzi-a para a nossa pequena sala de leitura e de música.*

*Pedi-lhe, em nome de nossa grande amizade, escrevesse uma carta de despedida ao ingrato que lhe não acolhera a ternura...*

*Como valorizar um homem que lhe menoscabava o coração?*

*Convenci-a.*

*Angelina, em pranto, grafou a missiva de adeus.*

*Leu-a, comovidamente, para mim.*

*Aprovei-lhe os termos (...)*  
*Em seguida, roguei-lhe tocasse ao piano velha música triste de nosso ambiente doméstico.*  
*Desejava preparar meu delito.*  
*Angelina tangeu suavemente o teclado.*  
*Em uma valsa de despedida, predileta de meu pai que nos deixara, a caminho do sepulcro, seguindo os passos de nossa mãe.*  
*Logo após, aconselhei-lhe o recolhimento.*  
*Sentia dores, repetiu (...)*  
*Prometi-lhe uma fricção de óleo balsâmico no tórax, tão logo se visse recolhida ao leito.*  
*Angelina obedeceu sem tergiversar.*  
*Na penumbra, preparei o revólver.*  
*Envolvi minhas mãos em dois lenços para evitar qualquer vestígio que me denunciasse à autoridade policial.*  
*Na sombra do quarto, procurei no peito o local dolorido e desfechei-lhe um tiro certo no coração (...)*  
*Ela morreu como uma ovelha imbele no matadouro.*  
*O sangue borbotou em torrentes.*  
*Com cautela, prendi-lhe a arma à mão flácida (...)*  
*Preparei o ambiente e, depois de algum tempo, clamei por socorro.*  
*A tese do suicídio que eu apresentara foi amplamente aprovada.*  
*Depois dos funerais, a visão do ouro superou o remorso.*  
*Eu era, enfim, o dono de enorme fortuna.*  
*Podia dispor dela à vontade.*  
*E assim fiz.*  
*Governei largos haveres.*  
*Sufoquei a consciência.*  
*Gozei a vida como melhor me pareceu. Despendi largas somas (...)*  
*Viajei (...) Dominei (...) Fiz o que meus caprichos reclamaram (...)*  
*Até que, um dia, num desastre, não sei que gênios perversos me situaram o carro à frente de um abismo no qual me despenhei (...) Meu corpo também foi aniquilado entre ferros torcidos.*  
*Mas, desde então, sou como que uma esfera sombria. (...)*  
*Pergunto às trevas a que me recolho, onde está o poder do tempo, para fazer que minhas horas recuem, a fim de que meus braços se imobilizem antes da fatal deliberação (...)*

*Pergunto onde vive a morte, para que ela, com seu ancinho infernal, me decepe a consciência (...)*

*Ninguém me responde. Ouço gargalhadas.*

*Ouço gênios infernais que talvez estejam associados ao meu crime, mas que eu não posso divisar em sua feição exterior, porque, se tudo ouço, nada vejo (...)*

*Estou mergulhado nas trevas.*

*Minhalma sente-se jungida ao remorso, assim como a lenha está presa ao fogo que a consome. (...) Já gritei minha desdita aos quatro cantos da Terra.*

*Suplico um amparo que nunca chega.*

*Trago comigo o inferno no coração. (...)*

*O remorso persegue-me, inalterável! (...)*

*Reveio o crime praticado (...)*

*(...) Sangue (...) Sangue em minhas mãos (...) Sangue na minha vida (...) Sangue no meu coração (...)*

*(...) Aonde irei? Para quem repetirei minha terrível história? Sou um fantasma no cárcere do remorso tardio! (...)*

*(...) A culpa é meu aguilhão! (...)*

As histórias verídicas de R.S. e F. Cunha ilustram o drama dos que vivem nas regiões inferiores.

Resta-lhes apenas a oportunidade de recomeçar, em uma nova vida, quando a roda do destino assim o permitir.

No livro de nossa autoria, *A Obsessão e suas Máscaras*, tivemos oportunidade de analisar alguns reflexos do complexo de culpa sobre a fisiologia do corpo espiritual e nos processos graves de fixação mental e monoideísmo. O Caso Antonio Olímpio e do filho Luiz é extremamente ilustrativo quanto aos desvarios da consciência culpada. (14)

Recomendamos vivamente os livros *Instruções Psicofônicas* e *Vozes do Grande Além*, todos com mensagens recebidas por Chico Xavier, através da incorporação ou psicofonia. Como os Espíritos inferiores não devem dar testemunhos pessoais pela escrita, aí, nesses livros citados, o leitor poderá acompanhar depoimentos impressionantes de alguns destes que habitam as zonas inferiores e que receberam ajuda e encaminhamento nas sessões de desobsessão do Grupo Meimei, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais.

Há também a descrição dessas regiões atormentadas e relato de casos, enfocando seus habitantes, em vários livros da *coleção André Luiz*.

**Notas:**

- 1) *O Livro dos Espíritos* - n.º 150.
- 2) *O Livro dos Espíritos* - n.º 155.
- 3) e 4) - Comentários de Kardec ao n.º 155 de *O Livro dos Espíritos*.
- 5) *O Livro dos Espíritos* - n.ºs 163,164,165.
- 6) *O Evangelho segundo o Espiritismo* - cap. XVI.
- 7) *O Céu e o Inferno* - 1ª parte, cap. VII.
- 8) *Nosso Lar* - caps.1 e 2.
- 9) *Cidade no Além* - cap. IV.
- 10) *Os Mensageiros* - cap. XV.
- 11) Explicação de Lísias no livro *Nosso Lar* - cap. 44.
- 12) *Ação e Reação* - cap. I, p. 17.
- 13) *Vozes do Grande Além* - pp.149 a 156.
- 14) *Idem*, pp.143 a 148.
- 15) Ver *A Obsessão e suas Máscaras*- caps. 10 e 11 e *Ação e Reação* caps. III e VIII.

Adaptação à Vida Nova (I): Recebendo Assistência

*A Vida é um fio cujo novelo deve estar com Deus, porque não se ouve por aqui ninguém a falar de morte e sim de vida estuante e bela.* Sérgio Tadeu R. Bacci

A adaptação “ao outro lado” da vida varia de acordo com o grau evolutivo do Espírito. Para a imensa maioria dos desencarnados de evolução espiritual mediana, ela não se faz senão lentamente, influenciada por inúmeros fatores.

Para os de condição inferior, a permanência nos planos da sombra representa sofrimento em graus diversos, vida desorganizada, sevícias cruéis ou aprofundamento nos caminhos improdutivos da ignorância, com requintes de maldade.

Os assuntos pendentes de toda ordem – financeiros, emocionais, afetivos e, principalmente, o complexo de culpa – trazidos da Crosta, vão exercer papel preponderante no estado de ânimo dos convalescentes espirituais, influenciando, diretamente, na adaptação deles Vida Nova.

Mais adiante, baseando-nos, especialmente, nos depoimentos dos desencarnados, destacaremos alguns tipos mais comuns de interferência recíproca negativa entre a humanidade encarnada e a

desencarnada, bem como ressaltaremos as ações positivas de ambos os lados, que os elevam e equilibram. Teremos oportunidade também de discutir o aguilhão da consciência culpada, nos casos de suicídio e analisar outros casos especiais de adaptação.

Antes, porém, destacaremos os tipos diversificados de assistência oferecidos pelo mundo espiritual aos merecedores dela, internados nos seus institutos especializados, sempre ricos em tecnologia e solidariedade, e que são indispensáveis no refazimento e na reconstituição do psicossoma ou perispírito, logo após a desencarnação.

Vejamos alguns depoimentos das cartas-mensagens.

**Carlos Alberto Andrade Santoro - *Acordei, achava-me num educandário-hospital dirigido por antigos benfeitores de São José do Rio de Preto. Meu bisavô Santoro me afagava e minha tia Maria me falava com bondade, mas não precisaram doutrinar-me quanto à Grande Renovação. (...) compreendi que, mesmo nós, os espíritas da mocidade e da madureza, ao que penso, não nos achamos assim tão preparados para transferência de plano, como julgamos, porque o choro do Antoninho Carlos me arrasava e as lágrimas do senhor e de minha mãe catam sobre minha alma como se fossem gotas de algum ácido que me queimam por dentro todos as energias do coração.***

Esse é mais um trecho da carta do nosso já conhecido **Carlos Alberto** (cap. 3), dirigida a seus pais. Sem acompanhar, conscientemente, a travessia, **Carlos Alberto** acordou no hospital, no qual foi internado para tratamento (1). Ele não precisou que o doutrinassem para se inteirar da verdade, mas lamentou a falta de preparo dos seres humanos para a morte, inclusive dos que estão convictos da imortalidade, como ele próprio. Este é um traço característico, constante da imensa maioria dos habitantes dos dois planos.

**Mauro Lira** - desencarnado aos 15 anos, por atropelamento, em julho de 1977, em São Bento do Sapucaí (SP), expressou sua decepção ao perceber que a escola-hospital onde estava internado não pertencia à crosta terrestre (2):

***A princípio, sofri o que não esperava. O choque foi nosso porque na segunda-feira o atropelamento me estendeu no chão. Não tive dores.***

*Tive ansiedade. (...) um sono que me tomou inteiramente. Acordei numa escola-hospital, acreditando que o desastre me deixara com possibilidade de recuperação, mas quando os médicos daqui observaram que melhorava minhas disposições íntimas, foi o estalo maior no coração. Sabendo-me em uma espécie de vida, chorei como quando em criança (...). Mamãe me parecia tão viva por dentro de mim, a chorar e a perguntar-me quanto ao porquê da provação que experimentávamos, como se eu tivesse um espelho no pensamento e um telefone nas entranhas do coração: “Meu filho, por quê, porquê?”*

Observa-se o cuidado dos desencarnados em contar ao recém-chegado que ele já deixou o corpo físico e também a enorme repercussão dos pensamentos dos encarnados, sobretudo os de sua mãe, sobre o convalescente.

**Wilson William Garcia** - estava casado há pouco mais de 12 meses, completaria 25 anos de existência uma semana depois de sua morte, quando desencarnou, no incêndio do edifício Joelma, no dia 1º de fevereiro de 1974. Na carta aos familiares, referiu-se ao Edifício Joelma como sendo um templo de transformação para Deus. A princípio, conforme explicou, deixou-se conduzir pelo desejo natural de escapar, de lutar pela sobrevivência. (3)

*Depois, foi a tosse, o cérebro tomado, como se houvesse sorvido uma bebida forte e, em seguida, um sono com pesadelos (...) Os pesadelos das telas em derredor que vocês podem imaginar como tenham sido (...)*

*Posso dizer a você, Mamãe, que pensávamos em helicópteros que nos retirassem das partes altas do edifício e com espanto, quando acordei ainda estremunhado, fui transportado para um aparelho semelhante, junto de curtos amigos. Era assim tão perfeita a situação do salvamento que fui alojado num hospital, como se estivéssemos num hospital da cidade para recuperação, antes do regresso à nossa casa.*

Relatou, então, que viu o avô, recordou cenas dos tempos de criança, viu-se menino, na memória, e compreendeu que estava na Vida Espiritual.

**O hospital não era mais daqueles que conhecemos no mundo.**

Viu e abraçou os antigos mestres do Colégio São Bento, entre eles dom Lourenço Zeller.

**Os que acreditam aí no mundo que a morte seja uma cortina de sombra e esquecimento, saibam que das cinzas do mundo surgem os nossos agradecimentos e os grandes benfeitores delas renascem para ajudar aos que caminham em passos vacilantes para as verdades maiores.**

Na Vida Nova, a convalescença em hospital-escola, a presença de Parentes e amigos, com seus conselhos e *diálogos terapêuticos*, ao lado da modificação mental do recém-desencarnado, constituem fatores importantes na sua adaptação.

**José Roberto Pereira da Silva** (Beto) - iniciara o curso na Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes, quando um acidente ferroviário, a 8 de junho de 1972, ceifou sua existência terrena, aos 18 anos.

Ele relata aos pais seu despertar no além (4):

*Como que prosseguia, a dormir, na viagem que parecia não terminar, até que minhas impressões se transformaram num pesadelo, do qual acordei num leito de tranquila enfermaria, com uma faixa a me resguardar a cabeça.*

*Despertei sentindo dor, e imaginei que fora acidentado, sem a certeza disso. Remédios vieram de mãos amigas e dormi de novo para depois acordar com mais calma...*

*Entretanto, aí fora nossa casa, a se revelar por dentro de mim. O senhor e a mamãe chorando e clamando, sem que eu nada pudesse responder...*

**Acyllino Luiz Pereira Neto** - desencarnou em Anicuns (Go), juntamente com seu irmão Fausto, em decorrência de um choque de veículos. Seu pai, Celso Luiz Pereira é de Mossâmedes, cidade histórica de Goiás, à qual se refere o comunicante nas linhas que transcrevemos (5):

*O sono veio rápido, um sono de injeção maciça quando a pessoa se vê obrigada a entregar-se sem qualquer resistência. Depois, nada mais vi senão que despertava com meu avô Acylino e com um amigo que me lembra parte de seu nome Luiz Pereira. Tia Raquel Bailão me disse que Fausto e eu fôramos transportados para urna Escola-Hospital ligada à Mossâmedes, informando que estávamos sob a proteção de Santa Damiana da Cunha.*

**José Roberto Pereira Cassiano** - era muito ligado a Deus, através da Arte, tendo desenvolvido, na vida terrena, atividades como desenhista, projetista, pintor, decorador e fotógrafo, em cursos realizados em faculdades paulistas - Protec, Faap, Iadê e Enfoco.

No dia 9 de março de 1974, um sábado à noite, esse jovem sensível deixou o mundo terrestre, em virtude de traumatismo craniano, provocado por acidente automobilístico na Via Anchieta, em S. Paulo. Como estivesse sem documentos, José Roberto foi enterrado como Indigente, apesar da busca desesperada de seus pais. Todos esses fatos desconhecidos do médium foram descritos pelo Espírito durante a comunicação. E mais, o apelido Shabi, que havia incorporado ao próprio nome, era detalhe totalmente ignorado pelo médium, no entanto, José Roberto não se esqueceu de ajuntá-lo ao prenome na assinatura final.

Após a morte no acidente da Anchieta, ele fora recolhido, inicialmente, em um posto de assistência junto a São Bernardo do Campo, não longe do local onde havia sofrido a queda. Depois, foi transferido para outro lugar. Ele mesmo descreveu (6):

*Um hospital-escola ou, melhor, um educandário de recuperação espiritual me abriu as portas e desse recanto de paz e amor consegui sair, devidamente acompanhado, para visitar papai na Beneficência Portuguesa.*

É que seu pai tinha sido internado às pressas, com problemas cardíacos, no Hospital Beneficência Portuguesa, um dos mais conceituados da capital paulista.

#### TRATAMENTO E CONVALESCENÇA

Como temos visto nas cartas-mensagens, são inúmeras as referências a hospitais e postos de refazimento, onde os recém-desencarnados recebem assistência. Essas instituições oferecem excelente qualidade de atendimento como podemos constatar por vários testemunhos.

**Carlos Gataz Stur** - desencarnado aos 17 anos, em São Paulo, dirigiu-se aos pais, contando sobre o tipo de assistência que recebeu (7): *áí no mundo temos apenas um xerox da pessoa que realmente somos. Tudo aqui mudou e, ao mesmo tempo, preciso dizer que a mudança*

*não é assim sensacional.*

*Estou muito bem tratado num hospital maior que o Sírio Libanês, e onde os aparelhos para as minhas melhoras não me castigam tanto o estômago e os intestinos.*

O jovem refere-se ao Hospital Sírio-Libanês, um dos mais importantes do País, onde esteve internado em seus últimos dias terrestres.

## RECOMPOSIÇÃO DO PERISPÍRITO

É possível também, através das mensagens, listar os fatores que interferem na recomposição do psicossoma.

### Falta de Preparo Íntimo

**Wellington Ramon Monteiro Rodrigues** - cursava a Faculdade de Engenharia de Bauru, no interior paulista, quando veio a desencarnar de acidente automobilístico na rodovia Piratininga, aos 21 anos. Filho caçula de d. Helena (Edna) e do dr. André Monteiro Rodrigues, enviou várias mensagens através do médium Chico Xavier. Eis um trecho de uma delas (8):

*Posso dizer-lhes que o nosso corpo aqui não está isento dos resultados difíceis que remanescem dos acidentes.*

*Não temos um corpo de impressões e, sim, um veículo de manifestação com fisiologia maravilhosamente organizada. E a qualquer estrago obtido no mundo, nos casos de impacto, somos obrigados a tratamentos laboriosos, como acontece em qualquer hospital de Ourinhos.*

As observações de Wellington são justas. Em muitos casos, o perispírito ou psicossoma demora meses e até anos para se recompor, de acordo com o preparo mental.

**Volquimar Carvalho dos Santos** - escreveu à sua mãe Walkyria, abordando o mesmo assunto. Aos 21 anos, ela também foi uma das vítimas do pavoroso incêndio do Edifício Joelma em São Paulo, no dia 1º de fevereiro de 1974.

Depois de recordar todo o drama pelo qual passou naquele triste dia, referiu-se aos demais companheiros que estavam ainda mais desesperados, ante o cerco do calor, das chamas e da fumaça, e revelou

que no seu íntimo ela sabia que era preciso aceitar a passagem. E aceitou-a (9):

*Meu avô e meus amigos me ajudaram e prossigo na recuperação necessária.*

*Os irmãos hospitalizados, os que se refazem do choque, os que se reconhecem desfigurados por falta de preparação íntima na constituição da própria forma e os que se acusam doentes são ainda muito.*

Volquimar ressaltou um ponto importante: *a falta de preparação íntima*. A mente, sendo a indutora do processo de reconstituição do perispírito, não fica difícil concluir que a falta de preparo espiritual leva a desfigurações e desequilíbrios, conforme o relato da jovem.

### Duração do Tratamento

Como já vimos, em muitos casos, o tratamento é laborioso. Recolhamos alguns exemplos mais:

**Marco Antonio Peres Fernandes** - falecido, aos 21 anos, de acidente automobilístico, em Caraguatatuba (SP), explicou a seus pais a extensão do seu tratamento no mundo espiritual (10):

*O trauma que sofri foi bastante longo, não sei precisar de quantos meses. Ainda me vejo na posição de convalescente que muito pouco se refaz no domínio das próprias forças.*

**Tania Paes Leme de Barros** - desencarnou no Rio de Janeiro, aos 22 anos, vítima de acidente automobilístico, escrevendo aos familiares contou que ainda estava hospitalizada (11):

*(...) Estamos como quem se abraça num cais de muito carinho e de muito amor, acenando lenços molhados de nossas lágrimas. Lágrimas de gratidão a Deus, porque, graças a Deus, não choramos sem conformação. (...)*

*Estou bem. Ainda hospitalizada. Seis meses não dão para o refazimento que se precisa.*

**Celso Maeda** - desencarnou, aos 39 anos, de acidente aéreo, no dia 18 de agosto de 1992, em Navegantes (SC), juntamente com seu irmão Francisco.

Depois de descrever todos os lances do triste acontecimento, patrocinado por um ciclone de grandes proporções, Celso Maeda referiu-se à fugaz esperança que tiveram vendo o mar à frente, para logo depois caírem sobre um banco de areia, onde todos os ocupantes do avião terminaram seus dias terrestres. Mas eles não estavam esquecidos de Deus (12):

*A água marinha encharcada de areia penetrava-nos os pulmões e quando me vi totalmente esmagado, nada sabendo de meu irmão e dos companheiros que nos aguardavam a viagem, quando no auge do meu desespero íntimo, vi que uma senhora caminhava naturalmente sobre as águas e, ao abraçar-me, solicitou-me concentrar na fé em Deus e me disse:*

*“Meu filho, você está conosco. Sou a sua avó Ai, que venho retirá-lo da areia. Seu avô Tsunezaemon retirará seu irmão. Haverá socorro para vocês todos. O piloto e o co-piloto serão resguardados”.*

*Depois de pronunciar estas palavras, aquela mulher que me parecia tão frágil me carregou nos braços, colocando-me em terra firme. Francisco chegou depois ao mesmo local em companhia do avô.*

Celso continuou descrevendo a missão de socorro que se estendia aos dois pilotos, o seu espanto ao ver dois corpos franzinos como os de seus avós conduzindo-os nos braços e acentuou: *fomos transportados por outro avião mais complexo até um abrigo hospitalar que nos recebeu com espírito de inesperada beneficência, onde estamos até hoje em reajustamento, mas com a possibilidade de visitar as nossas famílias e confortar os nossos entes amados.*

*Esperamos para bom tempo a matrícula em uma legião de trabalhadores na Seara do Bem.*

Quando deu esta comunicação através do médium Chico Xavier, a 26 de fevereiro de 1993, da qual extraímos um pequeno trecho, já haviam se passado sete meses desde o acidente, e Celso Maeda ainda estava em tratamento, embora de forma mais atenuada.

### Influência do Estado de Espírito

**Marco Antonio Migotto** - caso nº 23 de *A Vida Triunfa*, afirma, pela psicografia, à sua mãe, Lucila:

*É preciso praticar a aceitação como se exercita qualquer esporte.*

De fato, a aceitação da desencarnação é uma das frentes de luta da

dra. Kübler-Ross no trato com os pacientes terminais. Como se vê, esse é um imperativo nos dois planos da vida.

**Adelmo Franco Thomé** - jovem engenheiro civil, formado pela Universidade de Santa Cecília, na cidade de Santos (SP), foi lançado para fora, quando o carro que dirigia capotou, enquanto sua noiva Mary, permanecia dentro dele. Ele desencarnou, ela sobreviveu.

Recolhido ao mundo espiritual, um enfermeiro, que velava por ele, incumbiu-se de dizer-lhe que perdera o corpo físico. (13)

*Chorei muito, à feição de um menino contrariado, mas o companheiro inesperado me advertiu que as minhas melhoras teriam o tamanho de minha conformação. Comecei a esforçar-me por aceitar o acontecimento e, com poucos dias, pude retornar a falar e conversar. Penso que a morte do corpo está muito longe da compreensão dos que ficam na retaguarda. (...) estou quase bem e estarei bem quando as saudades não me oprimirem o íntimo com tanta força.*

O fato de esforçar-se para aceitar abriu ao jovem Adelmo um novo campo mental, porque, em última análise, aceitação significa submissão à Vontade Divina, às Leis de Deus. Com ela, a adaptação à Vida Nova dá-se com mais facilidade.

**Juraci Borges Mendonça de Almeida** - desencarnou, aos 43 anos, na UTI do Hospital Santa Helena, de Uberaba (MG), a 4 de setembro de 1987, vítima de angioma cerebral. Como já ressaltamos, a doença prolongada prepara melhor o Espírito para a aceitação, embora não seja regra geral. No caso de Juraci, houve esse preparo. Muito ligada à sua prima Magda Borges Terra, em várias encarnações, dirigiu a ela várias cartas, através do bondoso Chico. Eis um trecho da primeira (14):

*Digo a você que apenas passei por um remanejamento de hospital para hospital, com a diferença justa de ambiente.*

Explicou, então, que o regime no mundo espiritual é diferente:

*Não estou entre as quatro paredes da cela curativa de nosso acolhedor Santa Helena, mas sim numa instituição mais ampla, na qual os convalescentes, entre os quais me vejo, podem sair em determinados horários, cada dia, para respirar o ar puro do grande parque que nos rodeia. (...) Estamos desencarnados, mas não*

*desvinculados, porque o amor é um laço de luz que nos prende uns aos outros, libertando-nos ao mesmo tempo pelas ideias novas que nos insufla.*

#### Diálises no Tratamento da Leucemia

**Luiz Paulo Alves Reis** - desencarnou aos 11 anos, em Ribeirão Preto, em consequência de leucemia. Eis parte da linda carta dirigida aos seus pais (15):

*Não pude mais. Chegou um momento, em que me vi cercado por irmãos franciscanos, pois eram eles, aos meus olhos, enfermeiros novos, que me assistiam. Um deles colocou uma das mãos sobre a minha cabeça e adormeci. Passei por um tempo de esquecimento que não entendi até hoje. (...) estava num aposento amplo com o meu avô Armando, a minha avó e a minha tia, estendendo-me os braços a falarem frases de bênçãos e boas vindas.(...)*

*Quase descrendo de quanto via e ouvia, fui tratado por medicina que me reavivou o animo para retomar a vida; entretanto, passei por uma espécie de diálise, em que todo o meu sangue foi reconstituído.*

**Sandra Regina Camargo** - uma linda menina, que deixou o corpo físico aos nove anos, na cidade de Goiânia, aos 10 de agosto de 1977, também em consequência de leucemia, teve um tratamento idêntico. Ela escreveu à sua avó Julieta Pereira Muniz, no dia 17 de janeiro de 1981. Vejamos o destaque (16):

*A vovó Mariquinha me trouxe até aqui para contar-lhe que estou bem. A saúde voltou. Aqui me mudaram todo o sangue - não sei se você pode compreender isso - mas é assim mesmo. Dizem que a leucemia é um empobrecimento curável aqui, com a substituição do sangue que é nosso. Como é isso eu não sei dizer, como também aí em nossa casa eu nunca soube explicar o que era meu sangue e porque deveria tê-lo em minhas veias.*

Sandrinha informou também que está crescendo no mundo espiritual.

**Gilberto Teixeira da Silva Júnior** - desencarnou, aos 21 anos, também em consequência de leucemia, submetendo-se, no mundo espiritual, ao mesmo tratamento. Durante quatro meses fez diálises

bi-semanais, em um instituto de tratamento espiritual, nos arredores de São Paulo (17).

Meu sangue era retirado para ser retemperado em recipiente próprio e depois voltava ao meu sistema vascular, com uma dor para a qual era inútil que eu solicitasse sedativos. Devia readaptar-me à minha própria natureza, diziam os mentores médicos mais experientes. Nada que me proporcionasse alívio imaginário, porque as células de meu novo corpo não retomariam a normalidade precisa.

Afinal, depois de quatro meses de sofrimento e valentia suposta, estava sem traços da moléstia que se me fizera hóspede por tanto tempo.

## Cirurgias no Além

Escrevendo para a filha, d. Sarah Buganeme ressaltou, entusiasmada (18):

***Temos aqui hospitais melhores que os melhores do mundo. Se alguma felicidade encontramos aqui, essa é a aquela que nasce de nossos pequenos esforços no amor ao próximo.***

De fato, o tratamento hospitalar é de primeira. Vejamos alguns casos que necessitaram de cirurgias no corpo espiritual.

**Hilário Sestini** - nasceu em Rio Preto, a 18 de dezembro de 1921, deixando a existência corpórea na noite de 30 de março de 1976, aos 55 anos, vítima de infarto do miocárdio. Voltou pelo lápis mediúnico, trazendo informações preciosas, em carta-mensagem dirigida à sua mãe e aos parentes: Gérson e Hilda, seus irmãos, Romeu, cunhado e Carmelo, pai deste último.

Na visão panorâmica de recapitulação, logo após a desencarnação, Hilário reviu sua infância em São José do Rio Preto, na década de 1920; abraçou um amigo dessa época, o França, da Pharmacia Nossa Senhora do Carmo, sempre amparado pelo avô Sestini. Foi, então, conduzido à Casa de Saúde Santa Therezinha que, curiosamente, reassumia a forma pela qual a conhecera na infância, embora não mais existisse no plano físico, no momento da sua desencarnação.

Hilário descreve o tratamento (19):

***Um leito alvo e um médico, que me disse ser companheiro de nosso estimado dr. Marat Descartes Freire Gameiro, me cirurgiou o tórax. Estive alguns dias acamado. Descrever as visitas e as pessoas que reencontrei é tarefa impraticável para mim, por enquanto. Dois***

***médicos me declararam estar na posição de auxiliares dos nossos amigos dr. Fritz Jacobs e dr. Aguinaldo Pondé, e ainda me pergunto quem são.***

Como vemos, o comunicante refere-se a fatos muito curiosos em sua carta. Além da cirurgia espiritual pela qual passou, procedimento pela primeira vez descrito pela psicografia, Hilário descreve duas construções que não existem mais: a Pharmácia Nossa Senhora do Carmo e a Casa de Saúde Santa Therezinha. Depois de exaustiva pesquisa, seu irmão, Gerson Sestini, descobriu-as nos arquivos da Rio Preto antiga e suas fotos constam do mesmo livro que publicou a longa mensagem - ***Vida no Além***. Aliás, é preciso ressaltar que a cirurgia foi realizada na “Casa de Saúde Santa Therezinha” situada na esfera espiritual.

Esse dado é muito importante porque nos dá ideia da repercussão das construções terrenas no ambiente imediatamente contíguo à crosta e de como elas são conservadas.

Procurado pela família Sestini, para esclarecimentos sobre esses fatos, Chico Xavier deu esta explicação que consta do mesmo livro: ***os Amigos Espirituais costumam se referir a construções antigas que permanecem na retaguarda de construções atualizadas, até que as entidades ligadas a esses conjuntos habitacionais os abandonem por não mais necessitarem deles nos vínculos mentais que, de certo modo, os retêm a determinadas paisagens do seu próprio pretérito.***

Faz sentido, portanto, a informação do Técnico, entidade que se comunica através da transcomunicação instrumental em Luxemburgo, quando diz que os Espíritos necessitam de determinadas construções para adaptarem-se ao ambiente terrestre. Na verdade, o problema é de adaptação mental. Tivemos oportunidade de analisar este assunto, mais detalhadamente, na *Folha Espírita* (fevereiro de 1998).

Neste artigo da *FE*, referindo-me ao duplo dos objetos materiais, chamei a atenção para mais duas informações importantíssimas relatadas por Chico Xavier.

Certa vez, falando de suas experiências, o médium fez esta síntese: ***vejo um mundo dentro de outro***. Esta informação sempre nos intrigou, sem que a compreendêssemos muito bem. E está ratificada no livro ***Os Mensageiros*** já referida por nós em outra parte: ***(...) Há, porém, André, outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros,***

***maravilhosas esferas que se interpenetram.***

Ainda assim é preciso buscar explicação para os “duplos” dos objetos inanimados. Eles ganhariam “vida” a partir do molde mental? Por quanto tempo persistiriam?

Outro ponto para meditação. No livro *Mandato de Amor*, Chico Xavier narra um fato curioso que dá o que pensar. Certa vez, dr. Inácio Ferreira, ilustre psiquiatra que dirigira o Sanatório Espírita de Uberaba, durante mais de cinquenta anos, desencarnado em 27 de setembro de 1988, procurou o médium, de madrugada, no dia 11 de janeiro de 1989, pedindo-lhe o concurso, para mandar um recado à dona Maria Aparecida V. Ferreira, sua esposa. Ela morava na mesma casa onde deixara sua biblioteca, patrimônio importante de sua existência terrena. O médium seguiu com ele, madrugada afora, desdobrado, e falou com dona Maria Aparecida, em espírito. Pediu a ela, em nome do dr. Inácio, que não doasse seus livros, porque ele estava ali, pedindo-lhe isso. Ao lado do médium, o médico insistia (20):

***Diga a ela que, em meus momentos de descanso, este é o pouso bendito que busco para rever os velhos assuntos, a meditar na bondade divina. Eu preciso de meus livros, Chico!.***

Ficamos pensando, quando lemos este relato: se ele utiliza os livros para leitura e se não os tira do lugar, de que forma os consulta? Existiriam duplos desses livros que pudessem ser compulsados?

Estamos segura de que conhecemos muito pouco do mundo espiritual e das coisas que nos cercam. Aliás, os Amigos Espirituais afirmam isso: (21)

***Nos círculos carnavais, para atendermos aos nossos enigmas evolutivos ou redentores, somos fracos prisioneiros do campo sensorial, prisioneiros que se comunicam com a Vida Infinita pelas estreitas janelas dos cinco sentidos. Não obstante o progresso da investigação científica entre as criaturas terrenas, o homem comum apenas conhece, por enquanto, uma oitava parte do plano onde passa a existência. A vidência e a audição, as duas portas que lhe podem dilatar a pesquisa intelectual, permanecem excessivamente limitadas.***

Só conhecemos uma oitava parte do plano terrestre!

Mais do que nunca, vemos que Newton tinha razão, ao referir-se à pobreza do conhecimento humano, em relação ao universo, à sua própria natureza e às coisas que o rodeiam: o grande físico sentia-se

como alguém catando conchinhas na praia, diante do imenso oceano a ser desvendado.

Na verdade, estamos no be-a-bá das realidades do mundo espiritual.

Mas voltemos à análise das cirurgias espirituais e deixemos este assunto intrigante para um próximo trabalho.

## Meningite x Cirurgia

**Gabriel Espejo Martinez** - contava 25 anos, quando foi vítima de uma meningite fulminante. Era filho único e residia em Campinas, interior de São Paulo.

Eis um trecho de sua carta (22):

*Minhas sensações por dentro estavam intactas. Ouvia tudo o que se falava em derredor de meu leito.*

*Reconheci que me transportavam para socorro no rumo do amparo hospitalar, no entanto, pouco a pouco, entrei num sono profundo do qual não podia me desvencilhar. (...)*

*O resto ainda não sei, a não ser que acordei numa sala de tratamento com a cabeça enfaixada.*

*Chamei por meu pai, por minha mãe, pedi o apoio de alguém que esclarecesse sobre as ocorrências das quais não tinha consciência, mas um enfermeiro me advertiu que fora cirurgiado por um médico, o dr. Mario Gatti.*

*Lembrei-me que esse benfeitor já não era da Terra e asserenei-me o quanto pude.*

*Um pouco mais tarde tomei contato com o amigo da medicina que me amparava, além de outro benfeitor que se identificou como sendo outro médico, o dr. Guilherme da Silva.*

*Aconselharam-me. Esclareceram-me que a meningite fora patente em meu caso, com todo o seu impacto fulminante, além disso, trazia em meu cérebro estruturas complexas que haviam exigido trabalho operatório.*

Dr. Mario Gatti era cirurgião nascido na Itália e falecido em Campinas, em 1964, enquanto que o dr. Guilherme da Silva era médico sanitário, nascido na cidade do Rio de Janeiro e desencarnado também em Campinas, em 1912.

Esse trecho da primeira carta de Gabrielzinho faz-nos pensar que o conhecimento do corpo espiritual vai levar a um outro tipo de

terapêutica. Nós sabemos que o tratamento de meningite não é cirúrgico, no entanto, as análises feitas por médicos no mundo espiritual impuseram essa medida, no caso de Gabrielzinho, para a cura dos tecidos no corpo sutil. Fica aí a anotação.

**Luís Roberto e Paulo Fernando Haddad França** - com 15 anos e 19 anos, respectivamente, residentes em Franca (SP), despediram-se da vida física no mesmo acidente de carro, no dia 3 de julho de 1982. Escrevendo a seus pais a 28 de abril de 1984, Luis Roberto teve oportunidade de dizer (23):

*Depois de dois dias, após o nosso despertar, referindo-me ao Paulo e a mim, fomos transportados para uma clínica de socorro, não longe da nossa cidade, onde Paulo e eu fomos cirurgiados na cabeça e nas regiões lesadas pelo choque havido. Soube, então, que estávamos amparados pelos médicos dr. Antonio Ricardo Pinho e dr. Júlio Costa, benfeitores da comunidade francana.*

*Em pouco tempo nos reconhecíamos perfeitamente bem, mas começaram as saudades a se me acumularem no peito.*

### Cirurgia Cesariana

**Maria das Graças Gregh** - estava às vésperas de dar à luz ao terceiro filho, quando desencarnou, juntamente com o marido, as duas filhas e amigos, em um trágico acidente, a 16 de dezembro de 1975, quando o carro em que viajavam foi colhido por um caminhão. A família residia em Jardinópolis, interior do Estado de São Paulo, onde seu esposo, Valdir Gregh, era distinto funcionário do Banespa.

O acidente com a família Gregh ocorreu a 16 de dezembro de 1975, cerca de 22h30min., entre Ribeirão Preto e Jardinópolis, quando regressaram de um clube de campo, em companhia de um casal com uma filha de oito meses. Todos faleceram no acidente, consternando aos que os conheceram, conforme explica o dr. Elias Barbosa, co-autor do livro *Quem São*.

Vejamos como descreveu à mãe a cesariana pela qual passou no mundo espiritual. Na primeira comunicação, um bilhete enviado a 4 de agosto de 1978, deu a seguinte indicação:

*O Gregh, Ana Paula, Alessandra, com o meu Gregh Júnior, estão quase bons.*

Depois, na carta mais longa, psicografada a 17 de maio de 1979, explicou (24):

*Foi um sono indescritível, porque me vi, como num pesadelo, arrastada para fora de um turbilhão de destroços e acomodada em grande maca, na ideia de que continuava em meu corpo físico, a caminho de um hospital.*

*Por mais estranho que possa parecer, o meu pesadelo-realidade era feito de impressões e dores condicionadas de um parto prematuro.*

*Achava-me dopada por medicamentos ou forças que até hoje não sei explicar, e senti perfeitamente que uma cesariana se processava.*

*Sentia-me fora do desastre, entre o reconforto de ser mãe novamente e a dor da dúvida sobre o Waldir e sobre as crianças que ficavam na retaguarda.*

*Depois disso, veio o sono de verdade, do qual acordei perplexa, perguntando pelos meus.*

*A criança repousava junto de mim.*

Na segunda carta, a comunicante enfatizou ainda uma vez:

*Chamo Júnior o caçula que se me desgarrou do seio aqui na vida espiritual.*

Comentando esse tópico da carta da filha, com o dr. Elias, d. Leonor Teixeira afirmou que é de uma autenticidade muito grande, porque, quando estava encarnada, Maria das Graças havia lhe dito, por várias vezes, que torcia para ter um filho homem para dar-lhe o nome do marido.

## Apresentação

Qual seria a nossa apresentação morfológica na verdadeira pátria? Continuaremos a envogar um envoltório de características femininas ou masculinas, como na Crosta?

E nossas feições, seriam jovens, adultas ou senis?

O reflexo mental dominante em cada ser determinará a apresentação morfológica.

Assim, todos os Espíritos que estiveram em situação inversiva, durante a encarnação, envogando corpos de sinais psicológicos trocados, para efeito de provação necessária, voltam à condição primitiva no mundo espiritual.

A imensa maioria, porém, mantém as características femininas ou

masculinas trazidas da Terra.

O predomínio, como já foi ressaltado em capítulos anteriores, é sempre da mente. Ela comanda todo o processo desencarnatório, escolhendo, inclusive, qual a cor da pele do corpo psicossomático.

Nos planos inferiores, onde o progresso mental não é acentuado, a personalidade desencarnada mantém a mesma plástica que usava entre os homens, demorando-se nessa apresentação durante tempo indefinível.

Nos planos relativamente superiores, os traços fisionômicos podem sofrer alterações lentas ou mais rápidas, dependendo da vontade do Espírito.

André Luiz resume (25) a situação, afirmando que o velho vai gastar algum tempo para desfazer-se dos sinais da senectude corpórea, do mesmo modo que o jovem deve esperar para conseguir os traços da madureza; são ajustes no envoltório que necessitam de tempo mais ou menos longo de acordo com o progresso espiritual alcançado. É o caso da imensa maioria dos Espíritos deste globo.

Quanto mais elevado, porém, é o grau de progresso, mais amplo poder plástico tem o Espírito sobre as células do perispírito, nesse caso ele opera *em minutos certas alterações que entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar*.

Há casos de deformidades do corpo espiritual. Muitos estagiam nos planos inferiores por tempo variável, e depois são recolhidos em cidades ou moradas nas zonas mais altas, onde adentram carreando marcas, mutilações, desfigurações, inibições e moléstias diversas, são tratados e encaminhados posteriormente à reencarnação (26).

Quanto à indumentária, varia ao infinito, conforme o gosto de cada Espírito. Os mais superiores, pelo domínio que exercem sobre as células do perispírito, podem adotar a que julguem mais apropriada para a obra que realizam.

*Decerto, não falta indumentária digna às criaturas que se emanciparam do vaso físico, roupagem, toda ela, confeccionada com esmero e carinho por mãos hábeis e nobres da esfera extrafísica*, lembra André Luiz.

Acompanhemos a seguir um caso primoroso de tentativa de rejuvenescimento.

## REJUVENESCIMENTO

*Acho engraçado chegarmos aqui tão envelhecidos e recebermos instruções para pensar em mocidade e saúde, robustez e agilidade mental e os professores e médicos dos setores em que me vejo ensinam que tudo isso está dentro de nós mesmos e que somos obrigados a reviver as células adormecidas de nosso envoltório espiritual.*

*Em muitas ocasiões, chego a rir de mim, no entanto, faço o que me mandam. Não nego que certas energias em mim estão acordando como se estivessem paradas num grande sono. (27)*

Esta linguagem saborosa é de Carmelo Grisi, contando seus exercícios de rejuvenescimento, no mundo espiritual, após longa permanência na vida terrena - 86 anos (1894 - 1980).

Seu livro - *Carmelo Grisi, Ele Mesmo* - contendo suas cartas aos familiares, é um brinde à alegria e à simplicidade, como se fora uma pequena cachoeira ruidosa, plena de vida, a refrescar-nos por dentro.

Conforme conta Gérson Sestini, no intróito dele, Carmelo era natural da bela província de Trecchina, próxima ao Golfo de Policastro, no sul da Itália, tendo abandonado sua terra natal, com seus irmãos, ainda adolescente, para fixar-se no Brasil, particularmente, no interior do Estado de São Paulo, na cidade de São José do Rio Preto. Em 1918, já casado com Elvira Grisi, portadora de grande potencial mediúnico destinado à cura dos obsediados, converteram-se ao Espiritismo, trabalhando ambos, desde então, extensamente, na seara das boas obras, em Rio Preto e região.

Em 1954, enviuvou, tendo se consagrado inteiramente aos familiares e às tarefas do Lar Irmã Elvira, fundado com o auxílio dos filhos, na cidade de Votuporanga.

Alma valorosa, “agitava” os ambientes por onde passava, com sua alegria contagiante.

*- Era alegre sem imprudências, edificando esperança e otimismo em todos aqueles que se lhe faziam ouvintes.*

*- Era particularmente o homem das boas obras, sempre pronto a servir.*

*- Amigo, foi um servidor leal e devotado, agindo, onde estivesse, em favor dos outros. (...)*

*- Foi humilde sem subserviência, corajoso na travessia das provações do mundo*

*Compreensivelmente não era um ativista da morte, mas dedicado cultor da vida, como se depreende das comunicações que tem trazido até agora, através da mediunidade, confortando e levantando almas que as tribulações da existência venham a ferir.*

Essas são algumas referências sinceras feitas pelo Benfeitor Emmanuel, em um pequeno trecho do belo prefácio que lhe dedicou.

Nossa família, durante a breve passagem por São José do Rio Preto, na década de 1940, teve a oportunidade de conviver com o casal Grisi seus dedicados filhos e colher dessa amizade, que perdura até hoje, nos dois planos da vida, lições inesquecíveis, comprovando as assertivas corretas do admirável guia de Chico Xavier.

Mas continuemos a usufruir das cartas de Carmelo. Vejamos o que de diz aos filhos, sobre o mesmo assunto: rejuvenescimento:

*Caro Romeu, vou melhorando e trabalhando. Rejuvenescer por aqui é um fato viável, mas exige muita disciplina do Espírito. E essa disciplina não era o meu forte.*

Em outra mensagem, ainda aponta para a mesma dificuldade, mas medida que se avança na leitura do livro, surpreende-se a verdadeira causa, a sua luta interior, o grande conflito íntimo, em separar-se dos filhos queridos e da vida terrena que deixou:

*Estou balançando, gosto demais dos filhos queridos para me esquecer daí; no entanto, não me sinto bem aqui, já que vocês me faltam. Estou “psicado».*

Nesse estado psicológico torna-se difícil, para ele, os conselhos do dr. Orlando Van Erven Filho, médico amigo de São José do Rio Preto, que lhe presta assistência no além:

Comunico a vocês que ando cansado das instruções do dr. Orlando para que me rejuvenesça. *É muita ginástica e muitas privações de recursos imaginários que sendo imaginários não deixam de ter consistência para nós que os forjamos. Para a elevação é preciso ter vindo nas condições de um santo homem, já que não posso falar que eu poderia me apresentar por homem santo, nem mesmo por brincadeira.*

De outra feita, Carmelo dá notícias de Maria Sestini, mãe de Hilda, sogra de Romeu, seu filho, que desencarnara três meses antes e não perde a oportunidade de explicar que as mulheres são muito mais disciplinadas:

*A nossa estimada dona Maria está muito bem acompanhada pelos*

*tratamentos do dr. Orlando e pela assistência do nosso Hilário. Em breve estará tão jovem quanto antigamente, porque noto aqui que as mulheres são mais hábeis para a obediência às instruções da Vida Espiritual, cumprindo-lhes as determinações, o que não acontece com os homens, principalmente com um homem de meu naipe, sempre duro de molejo.*

*O que acontece é que a gente, isto é, nós outros, os homens, vamos ficando para trás, mas com isso não me importo, porque sei que Deus criou o tempo para todas as vocações.*

Ao longo de oito anos consecutivos, Carmelo Grisi transmitiu 17 mensagens, a primeira delas sete meses após o desenlace, em 18 de outubro de 1980, e a 17ª, em 26 de novembro de 1988. Nesta última, nota-se que continua *ele mesmo*:

*Eu ainda não me habituei com o meu problema. Elvira é uma santa, protege muita gente, mas eu não consigo bendizer o meu novo corpo, de vez que não tenho forças para as disciplinas necessárias. (...)*

*Digam a todos que estou no mesmo pé-de-valsa. Rodando sem sair da faixa de espaço que me serve de residência. Não digam, meus filhos, que a minha teimosia é um mal contra mim mesmo. Deixem-me na intransigência em que sempre vivi e vamos para frente. Espero que vocês atravessem os dois mil e viram aí por muitos e muitos anos.*

As cartas de Carmelo Grisi divertem, instruindo. Nelas são tratadas as duras realidades da vida espiritual com fina dose de humor.

Com elas, reforça-se, em nós, a certeza de que não é nada fácil a readaptação à Vida Nova.

#### **Notas:**

- 1) *A Vida Triunfa* - caso 14.o.
- 2) *A Vida Triunfa* - caso 27.0.
- 3) *Somos Seis* - pp. 231 e 232.
- 4) *Amor e Luz* - p. 118; *A Vida Triunfa* - caso 1º. Ver também *Filhos Voltando*
- 5) *Enxugando Lágrimas* - p. 50.
- 6) *A Vida Triunfa* - caso 8º. Ver também *Filhos Voltando*
- 7) *Vivendo Sempre* - p. 56..
- 8) *Assuntos da Vida e da Morte* - p. 103.
- 9) *A Vida Triunfa* - caso 3º.
- 10) *A Vida Triunfa* - caso 17º.

- 11) *Novamente em Casa* - p. 129.
- 12) *Dádivas Espirituais* - cap. 5.
- 13) *Renascimento Espiritual* - pp. 58 e 63.
- 14) *Porto de Alegria* - cap. 5.
- 15) *Gratidão e Paz*, - pp. 88 a 95.
- 16) *Estamos no Além* - p. 51
- 17) *Assuntos da Vida e da Morte* - pp. 92 e 93.
- 18) *Presença de Chico Xavier* - p. 23.
- 19) *Vida no Além* - p. 55.
- 20) *Mandato de Amor* - p. 103.
- 21) *Obreiros da Vida Eterna* - cap. X, p. 158. Ver também observações do Irmão Cláudio - em *E a Vida Continua...* - cap. 9
- 22) Ver *A Vida Triunfa* - caso nº 5; e também Gabriel, (com comentários de Elias Barbosa)
- 23) *Vozes da Outra Margem* (com comentários de Hércio C. Arantes) - pp. 95 e 96.
- 24) *Quem São* - (com comentários de Elias Barbosa), cap. CX, pp. 85 a 95.
- 25) *Evolução em Dois Mundos* - 2ª parte, cap. IV; ver também cap. V (indumentária).
- 26) Ver em nosso livro *A Obsessão e Suas Máscaras* uma análise mais completa, cap. 11
- 27) *Carmelo Grisi, Ele Mesmo* - pp. 6, 38, 43, 104, 120, 127 e 129.

**Adaptação à  
Vida Nova (II):  
Repercussões da  
Vida Terrena**

*O espírito reside onde tem preso o coração.* Celso Cassanha

Há fatores que influenciam enormemente o Espírito, no momento da transação e na sua adaptação à Vida Nova: os afetos deixados no plano terrestre, a formação religiosa ou os princípios filosóficos, existenciais e as ações deles derivadas.

Quando d. Maria João de Deus, mãe do médium Chico Xavier, respondeu aos apelos do filho, contando, através da sua mediunidade, como foram as impressões iniciais da sua vida no “outro lado”; ela trouxe muitos esclarecimentos sobre esses fatores mencionados. Vamos ver um trecho do livro *Cartas de Uma Morta* de sua autoria: (1)

*Para mim, meu caro filho, as últimas impressões da existência terrena e os primeiros dias transcorridos depois da morte foram muito amargos e dolorosos.*

*Quero crer que a angústia, que naquele momento avassalou a minh'alma, originou-se da profunda mágoa que me ocasionava a separação do lar e dos afetos familiares, pois, apesar de crer na imortalidade, sempre enchiam-me de pavor os aparatos da morte; e dentro do catolicismo, que eu professava fervorosamente, atemorizava-me a perspectiva de uma eterna ausência.*

*Lutei, enquanto me permitiram as forças físicas, contra a influência*

*aniquiladora do meu corpo; mas foi uma luta singular a que sustentei, como sói acontecer aos corações maternos, quando periga a tranquilidade dos seus filhos. Unicamente esse amor obrigava-me ao apego à vida, porque os sofrimentos, que já havia experimentado, desprendiam-me de todo o prazer que ainda pudesse me advir das coisas terrestres.*

A mãe do médium continuou a descrição das impressões dos primeiros momentos da desencarnação: o estado de torpor, os momentos de amnésia, o lento despertar, o fato de ver e ouvir os filhos, sem poder comunicar-se com eles, porque não a ouviam e, finalmente, mais de um mês depois da desencarnação, a sua percepção dos amigos do plano espiritual. Os Benfeitores sempre a acompanharam, mas, devido à sua dolorosa separação dos filhos, não conseguia detectar a presença deles. Desde o momento que passou a percebê-los, ouviu o seu mentor e guia espiritual, sem avistá-lo, propriamente, e descansou no regaço de sua mãe Francelina, onde conheceu a tranquilidade de sono brando e restaurador.

Acompanhando o extraordinário desenvolvimento de d. Maria João Deus em tarefas posteriores na vida espiritual, a grandeza de seu Espírito, visitando planetas distantes do sistema solar, concluímos que a formação religiosa e os afetos deixados na vida terrena realmente exercem um papel preponderante no limiar da Vida Nova. No seu caso, influíra a formação religiosa católica que lhe abria *a perspectiva de uma eterna ausência*, preocupando-a, e a dor de deixar os filhos pequeninos - eram nove e todos na faixa infante-juvenil. Em 1915, quando desencarnou, o médium Chico Xavier contara apenas cinco anos.

A saudade dói muito nos dois planos da vida!

## DESPREPARO PARA A MORTE

É muito comum os Espíritos não se darem conta de que morreram. No livro *E a Vida Continua...*, observa-se que extensa comunidade atendida, no plano espiritual, em vários pavilhões hospitalares, não tinha ideia da desencarnação. Para muitos, pairava uma dúvida no ar...

*Um fenômeno mui frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral é o acreditarem-se ainda vivos, podendo esta ilusão prolongar-se*

*por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e perplexidades da vida*, escreveu Kardec (2), tomando por base também suas investigações pessoais no trato com os desencarnados.

A dúvida quanto à própria morte está relacionada, como vimos, com a formação religiosa e o tipo de vida expresso nas atitudes.

Vejamos o testemunho de uma alma perturbada por sua formação religiosa:

**Evelina Serpa** - era uma jovem senhora quando desencarnou. Ela *despertou num quarto espaçoso, com duas janelas deixando ver o céu*. (3) Reconhecia-se estar voltando de uma amnésia profunda, a custo desempenhou os mecanismos da memória e passou a lembrar-se, vagarosamente. Reconheceu o pesadelo do princípio, decerto consequência de uma síncope inexplicável; depois a recapitulação de todas as fases de sua curta vida, como se um filme se desenrolasse da própria mente, a ponto de rever o pai chegando morto ao lar, quando contara somente dois anos de idade. Depois, a impressão de tremendo choque, algo como se lhe desatrelara do cérebro e vira-se flutuar sobre o próprio corpo adormecido; em seguida, o sono invencível do qual lhe parecia estar acordando somente agora. Não saberia dizer quantas horas gastara nesse torpor...

Acordara de modo inexplicável, nesse quarto de janelas com venezianas diferentes, talhadas de substância semelhante ao cristal de cor esverdeada, enfeitadas de cortinas leves, vendo, ao lado da cama, o vaso de rosas de perfume suave. Não sabia o que pensar!...

Não sentia traço da doença que tanto a fizera sofrer: um tumor canceroso da supra-renal.

Sentia-se feliz, saudável. Experimentava a sensação de fome, sinal evidente de que a saúde voltara.

Desejava gritar de felicidade, contar ao marido e aos pais que sarara. Mas onde estariam?

Tocou a campainha e diante da enfermeira que lhe respondeu ao chamado, desejou notícias dos familiares. Por mais que insistisse, não conseguiu as respostas diretas almejadas.

Essa descrição ilustra um dos inúmeros casos de Espíritos que desencarnaram, continuam a receber assistência no mundo espiritual

e não se dão conta do que se passou.

Evelina Serpa, a senhora em questão, encontrou Ernesto Fantini, que, na Terra, fora portador do mesmo mal, câncer da supra-renal, em tratamento em outra área do mesmo hospital do além. Ele também desconhecia sua real situação.

Mais tarde, ambos tomaram conhecimento da desencarnação, em “diálogo terapêutico” com o irmão Cláudio, que lhes dera a notícia com muito tato.

Para Evelina, foi um choque maior. Cláudio explicou: (4)

***– Entendo, a senhora, muito mais que o nosso irmão Ernesto, opõe firme recusa mental à verdade, à vista de suas convicções religiosas, louváveis mas provisórias, convicções que jazem solidamente estruturadas em seu espírito... Apesar de tudo, porém, tenho a obrigação de assegurar-lhes que não mais pisamos a Terra que nos em comum, e sim um departamento da Vida Espiritual.***

Quando quis se confessar com um sacerdote católico na cidade espiritual onde mora, a sra. Serpa foi alertada pelo Instrutor sobre a inviabilidade do pedido.

***Aqui, propriamente, os sacerdotes não a ouviriam em confissão de natureza religiosa. Enviá-la-iam a um dos nossos institutos de psiquiatria protetora, em que a irmã pode e deve ter a sua ficha para receber a assistência necessária...***

Ante o seu espanto, Cláudio explicou que os institutos especializados referidos existiam, ali, para oferecer aos desencarnados, tratamento e auxílio indispensáveis nos primeiros tempos de adaptação ao mundo espiritual.

E o Instrutor acentuou:

***A Igreja aqui está positivamente renovada, posto que possamos encontrar representantes de todas as religiões terrestres, aferrados a dogmas, concepções estreitas, preconceitos e tiranias diversas do fanatismo, nas áreas vizinhas em que se congregam milhares e milhares de inteligências rebeldes e perturbadas.***

Vemos, assim, que os preconceitos e o fanatismo ficam fora dos muros das cidades espirituais, restringindo-se às regiões inferiores.

Grande parte das convicções religiosas na crosta terrestre, não dá uma noção exata do que seja a vida espiritual. Evelina irá demonstrar, ao longo do livro citado, a grandeza do seu coração, trabalhando por

seus familiares, nos dois planos da vida, no entanto sofreu diante da notícia da própria morte e teve, em consequência, uma certa dificuldade de adaptação à vida espiritual.

Os sacerdotes católicos, verdadeiramente iluminados pela fé, trabalham intensamente no além, em favor de toda a comunidade onde vivem.

Nas cartas-mensagens, acompanhamos inúmeras referências a coisas tarefas beneméritas.

**Dráusio Rosin** - afirmou aos pais que foi muito auxiliado na transição por um desses abnegados sacerdotes, que deixou no Brasil uma vasta sementeira de bondade (5):

*O próprio dom Romualdo de Seixas comandava as providências iniciais e vi que ele e os outros nos davam passes que compreendi como sendo um bálsamo para nós.*

**Ítalo Scanavini** - dá-nos também seu testemunho. Em sua terceira carta dirigida à esposa, fez referências ao trabalho conjunto que se opera no espaço espiritual de Araras (SP): (6)

O padre Casemiro e o padre Alarico estão unidos a nós outros, os espíritas e os maçons, para a mesma utilidade e engrandecimento do progresso geral, com a felicidade possível para cada um (...)

*Hoje reconheço que não é possível perder tempo no Plano Físico, enquanto podemos fazer o bem, tanto quanto quisermos, como pudermos, com quem for e seja onde for, desde que a consciência tranquila esteja governando a colmeia de nossos pensamentos.*

Em pesquisa realizada, o dr. Hércio C. M. Arantes, co-autor do livro *Reencontros*, constatou que o primeiro nome citado na mensagem de Alceu, é o do padre Casemiro Continente Ross, falecido, em Araras, a 29 de setembro de 1945, com 31 anos de idade. O outro padre, Alarico Zacharias, exerceu o ministério em Araras, a partir de 1914 e foi o fundador do Asilo N. S. do Patrocínio.

## PAVOR DA MORTE

**Cremilda** - Há casos piores de falta de adaptação, sobretudo quando a bitola estreita da convicção religiosa leva ao pavor da morte. Foi o caso de **Cremilda** (7).

Desencarnada antes dos 30 anos, a jovem jazia, no necrotério, unida ao próprio corpo gelado e rígido, dominada por terrível pavor. A seu lado, o noivo, que a viera receber no mundo espiritual, tentava com todo o carinho fazer-se entender, no entanto, quanto mais falava de libertação, mais o Espírito da jovem se retraía, apavorado.

Aniceto, o Benfeitor Espiritual, chamado a intervir, observou que a jovem não havia dormido no desprendimento e mostrava-se amedrontada por falta de preparo espiritual. Mudou de tática. Afastou o noivo, acercou-se de Cremilda e propôs-lhe novo tratamento. A moça imediatamente abriu os olhos e exclamou:

*- Ah, doutor, graças a Deus! que pesadelo horrível! Sentia-me no reino dos mortos, ouvindo meu noivo, falecido há anos, chamar-me para a Eternidade!...*

Em seguida, Aniceto acalmou-a, aplicou-lhe passes calmantes e a jovem dormiu quase imediatamente. Só então o noivo pode levá-la para a casinha onde iriam morar nos espaços sem fim...

## MORTES TRAUMÁTICAS

Temos visto um grande número de depoimentos de pessoas que partiram deste mundo em circunstâncias absolutamente traumáticas, em sua grande maioria constituída de jovens. Observa-se que a quase totalidade não toma conhecimento da travessia; passa por longos processos de tratamento do envoltório espiritual, por “diálogos terapêuticos” prolongados, tentando desvencilhar-se dos traumatismos psicológicos diversos.

**Ivo de Barros Correia Menezes** (Ivinho) resumiu muito bem a situação da grande maioria que enfrenta essa prova. No dia 26 de novembro de 1978, dirigia-se, às 6 horas da manhã, de automóvel, à Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, na companhia de dois amigos, para praticar remo, quando um motorista de ônibus avançou o sinal e os colheu. Um dos amigos sobreviveu, Bernardo faleceu no local e Ivinho desencarnou 48 horas depois na UTI. Cursava, então, o primeiro ano de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Minas Gerais.

Após rápidas notícias em 15 de maio de 1982, voltou a escrever por várias vezes à sua mãe, Neide de Barros Correia Menezes, balsamizando-lhe o coração dolorido.

Em sua segunda carta, Ivinho, logo de início, deixa entrever a sua

dificuldade de adaptação à Vida Nova (8):

*Mamãe, é fácil morrer, mas não é fácil desencarnar. A pessoa continua tão profundamente ela própria que muita gente chega, por aqui, a não admitir haja deixado a roupa física para envergar outros trajes. É uma graça e uma lástima.*

E continua no mesmo tom:

*A mudança para quem não curtiu cama ou velhice, enfeitada de enxaquecas, há de ser lenta, e ainda estou nessa.*

A imensa maioria da humanidade terrestre ainda não sabe avaliar, adequadamente, os benefícios da moléstia prolongada. Indubitavelmente, há significativa diferença de adaptação, entre os que partem, tendo recebido os cuidados no leito hospitalar ou domiciliar, e aqueles que se retiram, repentinamente, em pleno vigor das forças físicas, nas mortes traumáticas acidentais. Assim como há compreensíveis diferenças entre os que se despedem da vida, em corpos jovens e os que permanecem mais tempo na jornada terrestre. Não se perdendo de vista, é claro, o fundamental: a evolução do espírito.

## REPERCUSSÕES DOS TRANSPLANTES

Por onde quer que andemos, no caso dos transplantes, as perguntas são, invariavelmente, as mesmas: “Há repercussão da retirada dos órgãos no perispírito?” “E se a equipe médica estiver apressando a minha morte?” “Devo doar, não devo?”.

Hoje, no Brasil, somos todos doadores de órgãos, em potencial, para não sê-lo, é preciso colocar na carteira de identidade ou na de motorista: “Não doador”.

Evidentemente, não há como decidir por ninguém. Essa é uma questão de livre-arbítrio, de foro íntimo.

Se há dúvidas, a lógica é a abstenção, e, no caso, deve deixar-se consignado em um desses documentos oficiais a disposição de não doar. Com o tempo, se houver mudança de opinião, é possível reconsiderar.

Quanto a apressar a morte, isto não acontece porque, hoje em dia, a Medicina possui dados muito precisos acerca da morte encefálica, além do que há exigência de que esse tipo de morte seja constatado por uma equipe cujos médicos não façam parte daquela que realizará

o transplante.

Nessa questão, como em todas as que concernem à vida humana, a mente é fundamental. É preciso que saibamos até que ponto estamos vinculados à existência corpórea.

Certa vez, falou-nos Chico Xavier sobre essa questão e sua resposta está consignada em nosso livro *Lições de Sabedoria* (9): *Sempre que a pessoa cultiva desinteresse absoluto por tudo aquilo que ela cede para alguém, sem perguntar ao beneficiado o que fez da dádiva recebida, sem desejar qualquer remuneração, nem mesmo aquela que a pessoa humana habitualmente espera com o nome de compreensão, sem aguardar gratidão alguma, isto é, se a pessoa chegou a um ponto de evolução em que a noção da posse não mais a preocupa, esta criatura está em condições de doar, porque não vai afetar o perispírito em coisa alguma.*

Evidentemente, o nosso objetivo não é discutir, neste livro, de forma detalhada, a questão dos transplantes. Nem poderia ser diferente. Desejamos tão-somente revelar o que existe sobre o assunto, nas 500 mensagens pesquisadas, de modo a ampliar o volume de informações, favorecer a reflexão e o debate e, conseqüentemente, facilitar a decisão de cada um.

Do universo pesquisado, selecionamos o depoimento de três jovens, que passaram por essa experiência, foram doadores de peças que serviram de elementos de reposição para corpos doentes de pessoas encarnadas que se beneficiaram, por algum tempo, com esse gesto de amor.

Esses jovens voltaram, através das mãos abençoadas de Chico Xavier, para contar como foi a experiência do ponto de vista espiritual.

**Roberto Igor Porto Silva** - em *Vozes da Outra Margem*, consta a mensagem psicográfica do jovem **Roberto**, cujo coração foi transplantado para o peito de Ari Vacari Zagar, naquela que se constituiu, historicamente, na primeira cirurgia de transplante cardíaco realizada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sua irmã Magali autorizou o transplante, e Sua mãe Izar ficara muito preocupada, com medo de que o gesto de sua filha houvesse prejudicado o Espírito de seu filho. Vamos transcrever um trecho desta mensagem (10):

*Mãe, deixei o meu corpo como quem se afastava de uma roupa que*

*se fizera imprestável, e logo de saída, conquanto me sentisse privado da visão, senti uma dor muito grande no tórax:.. Os amigos de meu pai me solicitaram esquecesse o vigor daquela agulhada que me transtornava todo o ser; no entanto, eles se apressaram em me auxiliar com o magnetismo curativo e a dor desapareceu. Soube mais tarde que naquele momento eu tivera o coração do corpo físico arrancado para servir ao transplante que favoreceria um homem que se avizinhava da morte”*

*Meu pai informou que a medida fora autorizada por minha irmã e deu-me a conhecer a utilidade da providência, de vez que eu não mais recuperaria o corpo quebrado até a medula. Explicou-me que era justo o trabalho que se fez, entregando-se o meu coração, que ainda pulsava, ao irmão doente que, com isso, poderia continuar vivendo, e esclareceu-me com tanta lógica que acabei aderindo, reconhecendo que a Magali, vendo-me quase morto do ponto de vista físico, permitira que o meu coração servisse para alguém que necessitava dele. Logo que me confessei agradecido e satisfeito com a medida, notei que o coração em meu corpo espiritual pulsava forte e robusto.*

*Conto-lhe a minha experiência para que não se impressione com o que aconteceu, porquanto da queda de que fora vítima não mais levantaria. Estou, Mãezinha Izar, satisfeito por ter tido oportunidade de doar o coração, que se abeirava da imobilidade, a uma outra pessoa que com isso se beneficiaria. Segundo pode o seu generoso coração concluir, seu filho está feliz por ter encontrado o ensejo de cooperar em auxílio de alguém na hora da liberação que se achava prestes a consumir.*

*Agradeça, mamãe, à Magali, por não haver vacilado no momento em que eu seria obrigado a largar o próprio coração ao endurecimento inútil, a praticar involuntariamente um ato que me fez mais confortado na Vida Maior, quando eu não mais teria oportunidade de revê-la junto de mim.*

*Estou reconhecido e pode crer que, se viesse a repetir-se a provação de que fui objeto, eu próprio teria pedido com acenos para que retirassem de meu corpo rodas as peças que se mostrassem suscetíveis de prestar auxílio a alguém.*

Esta carta foi recebida por Chico Xavier em 5/4/1985, em Uberaba, no Grupo Espírita da Prece.

## DOAÇÃO DE CÓRNEAS

**Wladimir Cezar Ranieri** - um outro jovem, Wladimir, testemunhou também a favor da doação. Conta-nos Rubens S. Germinhasi, co-autor do livro *Amor e Saudade: Wladimir deixou a Terra num gesto de infelicidade. Disparou um tiro de revólver contra o peito. Reconheceu no seu gesto infeliz estar envolvido, em hipnose, por parte de criaturas espirituais e entende a sua responsabilidade, considerada pelo livre-arbítrio.*

Por esse gesto nefasto, reconhece-se, na mesma posição de tantos outros irmãos em situação análoga, como um encarcerado sem algemas e sem prisão real, porque ninguém consegue fugir de si mesmo.

Desencarnado em 12 de maio de 1981, aos 25 anos, enviou carta aos seus pais, Dalva e Francisco, da qual destacamos um trecho (11):

*Sei que entrei num pesadelo em que via o meu próprio sangue a rolar do peito como se aquele filete rubro não tivesse recursos de terminar. Despertei num hospital, onde me encontro até agora, em tratamento e sou trazido pela vovó Verônica que se compadeceu de mim, de mim que me ajoelho em espírito diante da Mãezinha Dalva para rogar-lhe o perdão que não mereço. (...) Graças a Deus, melhorei da hemorragia incessante que me enlouquecia. Depois de algumas semanas de aflição, um médico apareceu com uma boa nova. Ele me disse que as preces de uma pessoa que se beneficiara com a córnea que doei ao Banco de Olhos se haviam transformado para mim num pequeno tampão que, colocado sobre o meu peito no lugar que o projétil atingira, fez cessar o fluxo do sangue imediatamente. Eu, que não fizera o bem aos outros, que me omiti sempre na hora de servir, compreendi que o bem mesmo feito involuntariamente por uma pessoa morta é capaz de revigorar-nos as forças da existência. Com essas lições vou seguindo à frente e com a proteção de Deus e a bênção dos pais queridos espero vencer-me, vencendo as dificuldades que me cercam para ser o filho e o irmão, o amigo e o companheiro que devo ser.*

**Christian W. Freiras Campos** - no livro *Continuidade*, há, entre outros testemunhos, o da senhora Regina Helena Freitas Kerr Amaral, residente em Santos, (SP). Seu filho, Christian falecido aos 15 anos,

quando sua moto foi atingida em cheio, por um caminhão em alta velocidade, enviou-lhe mensagem através de Chico Xavier. Frequentadora assídua da Igreja Batista, com certa relutância, dona Regina demandou Uberaba; ela mesma conta como foi o seu encontro com o médium: (12)

*Prevenida da maneira que eu estava contra a Doutrina Espírita, confesso que, se tivesse conversado e comentado alguma coisa sobre o acidente, eu não acreditaria, mas deu-se tudo ao contrário. As únicas palavras minhas foram para dar o meu nome e o de meu filho a Chico Xavier e nada mais. Nesse momento, Chico perguntou-me quem era vovó Maximínia. Queria falar comigo. Dizia que o menino estava bem e feliz. Pedia para não me desesperar.*

*Sorriu e disse-me ainda: **O menino está aqui, é muita luz, ele está feliz por ter uma mãezinha que o auxiliou a ajudar duas pessoas que agora estão enxergando. Por sua vontade, doei as córneas.***

*Ao ouvir aquilo, chorei muito e agradei a Deus por ter me aliviado a alma. À noite, voltei ao Culto do Evangelho no Grupo Espírita da Prece, achando já ter recebido minha dádiva, quando o Chico me chamou e leu a mensagem que meu filho havia enviado.*

## CREMAÇÃO

Desde que se aguarde o tempo justo, ao que tudo indica, a cremação não tem repercussão negativa sobre o perispírito, no caso das chamadas mortes naturais ou acidentais.

Já tivemos oportunidade de dizer que o período aconselhado pelos Espíritos Superiores, particularmente Emmanuel, é de 72 horas para que se efetue a cremação, tendo em vista que é o tempo necessário para o desligamento do cordão prateado (13).

Sabemos que nos fomos crematórios dos cemitérios especializados, o tempo de espera é maior do que esse período recomendado, em geral, 96 horas. Não há, portanto, com o que se preocupar, no que concerne ao desligamento do Espírito.

Nos casos de suicídio, o sofrimento estará presente seja qual for a destinação do cadáver, para a decomposição ou a cremação, dada a ligação estreita que persiste entre os corpos de expressão espiritual.

Irmão X é mais cauteloso na análise da cremação (14). Ele acha que *seria justo conferir algumas semanas de preparação e refazimento ao*

Espírito recém-liberto, tendo em vista os costumes a que está afeiçoado.

E explica os motivos: *para o comum dos mortais, afeitos aos “comes e bebes” de cada dia, para os senhores da posse física, para os campeões do conforto material e para os exemplares felizes do prazer humano, na mocidade ou na madureza, a cadaverização não é serviço de algumas horas... Demanda tempo, esforço, auxílio e boa vontade.*

Ficam aí expostas as explicações dos dois Benfeitores Espirituais. Que cada um medite sobre o assunto e tire suas próprias conclusões.

## NEGÓCIOS PENDENTES

**Avelino Ginjo** - desencarnou em 12 de março de 1978, aos 60 anos, em consequência de um infarto do miocárdio. Foi profissional de imprensa com 40 anos de atividades. A partir de 1959, chefiou o Departamento Fotográfico do Serviço de Imprensa do Governo do Estado; exerceu o cargo de Conselheiro do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo; recebeu inúmeros prêmios na sua especialidade, a fotografia, um dos quais pelas fotos que fez durante a chegada dos integrantes da Força Expedicionária Brasileira que combateram na 2ª guerra. Nos últimos 30 anos antes da sua desencarnação, todas as personalidades estrangeiras que visitaram São Paulo foram por ele fotografadas. A Câmara Brasileira do Livro instituiu o Prêmio Avelino Ginjo atribuído à melhor fotografia publicada na V Bienal Internacional do Livro.

Escrevendo na *Folha Espírita* (abril de 1980) sobre o amigo Ginjo, Freitas Nobre ressaltou: *Sua figura de jornalista e de cidadão, de amigo e de companheiro, cresce no tempo, na lembrança e na saudade.*

Agora, que através da psicografia de Chico Xauier ele volta ao diálogo com sua família, alegro-me porque sei que sua simplicidade, sua fraternidade, seu carinho de amigo, lhe permitem colher as flores que espalhou em vida e os frutos sazonados de tanto bem que plantou no caminho de sua existência terrena.

Na bela mensagem que enviou à esposa Lídia, em 28 de setembro de 1979, Avelino referiu-se a negócios pendentes que deixou (15):

*Sei que retornei à Vida Verdadeira quase que de improviso e quero manifestar-lhe a minha gratidão pelo devotamento e serenidade com que você me auxiliou a normalizar os problemas que fui constrangido*

***a deixar sem a devida solução.***

Dona Lídia esclareceu que o marido referia-se a um imóvel, que ele adquirira seis meses antes de seu falecimento, ainda com inquilino, que não havia sido regularizado.

Pensando, talvez, na necessidade de preparação para o Além, Avelino deixou esta ponderação que enfeixa muitos ensinamentos:

***O homem na Terra acredita que o momento terminal da viagem física certamente nunca chegará e, por isso, devem ser muito raros os que chegam, aqui, sem esse espanto angustiado de que me vi possuído quando reconheci que o meu campo de vivência se alterara de maneira sensível.***

## ALIMENTAÇÃO

O Espírito não tem necessidade de alimentação pastosa semelhante à da Terra para sustentar o seu envoltório. O reservatório da Natureza oferece os elementos apropriados à nutrição do corpo espiritual. Para captá-los, este utiliza-se da difusão cutânea, valendo-se, para tanto, da sua extrema porosidade e combinando os produtos hauridos com os raios vitalizantes e reconstituintes do amor.

***Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral.*** (16)

Este tipo de alimentação é mais comum entre os Espíritos de certo grau evolutivo ou que já possuam algum desprendimento da matéria.

Isso não quer dizer que não haja sucos ou outro tipo de alimentação um pouco mais substanciosa, em determinadas áreas das cidades espirituais, especialmente nas instituições hospitalares.

O corpo espiritual tem exsudação de resíduos pela epiderme e ou pelos emunctórios normais. O que não há são os excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos excretados pelo corpo humano.

Quando o Espírito não consegue abandonar a alimentação terrestre, para usufruir dela, necessita associar-se aos encarnados. Essa é a base da simbiose, uma das mais antigas associações entre as duas

humanidades. Tivemos oportunidade de me aprofundar um pouco mais sobre esse assunto em nosso livro *A Obsessão e Suas Máscaras* (cap.7).

O sexo é energia estuante presente em todos os seres.

***O instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução.***(17)

Cada criatura traz em si mesma, devidamente estratificada, a herança e um incontável número de experiências sexuais, vívidas nos reinos inferiores da Natureza. Tudo quanto o ser armazenou em experiências sucessivas, existência a existência, por séculos e séculos, ora como vegetal, ora como animal inferior, constitui seu patrimônio, quando atinge a razão, recebendo assim, na fase hominal, um mundo de impulsos genésicos que lhe compete educar e reajustar, diante das leis divinas que regem a vida.

Inicialmente, o ser humano lança-se em aventuras poligâmicas, mas, pouco a pouco, reconhece que o seu clima ideal de vivência é a monogamia, tendo em vista a sua necessidade de segurança e equilíbrio em matéria de amor, embora os estímulos sexuais perdurem em seu íntimo, muitos deles desajustados, reclamando educação e sublimação.

Assim, toda criatura na Terra transporta em si mesma determinada taxa de carga erótica, de que, em verdade, não se libertará unicamente ao preço de palavras e votos brilhantes, mas à custa de experiência e trabalho, de vez que instintos e padrões são energias e estados inerentes à alma de cada um, que as leis da Criação não destroem, e, sim, auxiliam cada pessoa a transformar e elevar, no rumo da perfeição. (18)

Os anjos ou Espíritos Puros atingiram o amor divino, de modo que neles já há a sublimação da carga erótica ou do magnetismo sexual e a forma pela qual trocam energias entre si ainda é totalmente desconhecida por nós outros, pobres mortais, em vias de evolução. Mas a meta do ser humano, sem dúvida, é a de alcançá-los.

A heterogeneidade evolutiva no planeta Terra é muito grande. Na sua psicofera medram Espíritos de toda natureza, sendo que dois terços do total deles apresentam graus predominantes de inferioridade. Desse modo, os problemas sexuais inferiores pululam

por toda parte. E não há ninguém que possa considerar-se totalmente isento de comprometimentos nessa área. Praticamente toda a comunidade humana encarnada e desencarnada precisa evoluir na expansão do amor e do sexo.

Cada criatura nasce com determinada carga de impulsos eróticos que lhe compete orientar para o bem. O sexo é *fonte viva de energias*, tanto permite a elaboração de formas físicas quanto oferece a usina de estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas necessárias à evolução.

Cada homem e cada mulher, em vias de evolução, na Terra ou no Mundo Espiritual, que não esteja bloqueado em suas possibilidades criativas, traz maior ou menor percentagem de anseios sexuais representados pela *sede de apoio afetivo*. Cada qual terá, assim, a sua própria experiência, com erros e acertos múltiplos, até alcançar a sublimação definitiva de sua carga erótica, transmutando-a em amor puro.

Embora não exista a procriação ou a geração de filhos, no mundo espiritual há casamentos, como detalharemos em tópico à parte, e há relacionamento sexual entre os cônjuges, mesmo nos planos superiores. Vejamos o que ensina André Luiz: (19)

*Enganam-se lamentavelmente quantos possam admitir a incontinência sexual como regra de conduta nos planos superiores da Espiritualidade. (...)*

*Nos planos enobrecidos, realiza-se também o casamento das almas, conjugadas no amor puro, verdadeira união esponsalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza, na edificação coletiva, e quando semelhante enlace dera ser adiado, por circunstâncias inamovíveis, os Espíritos de comportamento superior aceitam, na Terra, a luta pela sublimação das forças genésicas, aplicando-as em trabalho digno, com abstenção do comércio poligâmico, tanto mais intensamente quanto mais atiro se lhes revele o esforço no acrisolamento próprio.*

Por isso vemos muitas criaturas encarnadas que, embora separadas de sua alma gêmea, desenvolvem serviços de amor aos semelhantes, a fim de aplicarem de forma útil suas energias sexuais, até que, um dia, possa reencontrá-la, nas outras dimensões da vida infinita, e integrar-se em seu halo energético, na complementação ideal.

Na Terra, também para os casais que buscam a elevação espiritual, a união sexual tem conotação diferente daquela que impulsiona a grande maioria. O relacionamento sexual, nesses casos, é realizado em regime monogâmico, cujo traço marcante é a fidelidade entre os cônjuges, traduzindo *permuta sublime das energias perispirituais*. O casal sente-se alimentado mental e afetivamente, tendo como resultado dessa união não somente filhos carnis, mas também obras e realizações generosas da alma. Como ressalta o Benfeitor Alexandre no livro *Missionários da Luz* (20): *A procriação é um dos serviços que podem ser realizados por aquele que ama, sem ser o objeto exclusivo das uniões. O Espírito que odeia ou que se coloca em posição negativa, diante da Lei de Deus, não pode criar vida superior em parte alguma.*

Do mesmo modo que o Benfeitor Emmanuel, Alexandre desloca a concepção ao sexo dos órgãos do corpo físico para aquilo que denomina *qualidade positiva ou passiva, emissora ou receptora da alma*. Por isso mesmo, o sexo, para ele, é sobretudo mental e o que existe é uma *união de qualidades*. (21 )

Essa união de qualidades entre os astros, chama-se magnetismo planetário da atração, entre as almas denomina-se amor, entre os elementos químicos é conhecida como afinidade. Não seria possível, portanto, reduzir semelhante fundamento da vida universal, circunscrevendo-o a meras atividades de certos órgãos do aparelho físico. A paternidade ou a maternidade são tarefas sublimes; não representam, porém, os únicos serviços divinos, no setor da Criação infinita. O apóstolo que produz no domínio da Virtude, da Ciência ou da Arte, vale-se dos mesmos princípios de troca, apenas com a diferença de planos, porque, para ele, a permuta de qualidades se verifica em esferas superiores.

Infelizmente, porém, a vivência desse conceito sublimado sexo ainda é uma utopia na Terra. A imensa maioria dos encarnados menospreza *as faculdades criativas do sexo, desviando-as para o vórtice dos prazeres inferiores*.

Em suas observações, o Benfeitor Alexandre resumiu muito bem esse menosprezo (22):

*Todo ato criador está cheio de sagradas comoções da Divindade e são essas comoções sublimes da participação da alma, nos poderes criadores da Natureza, que os homens conduzem, imprevidentemente,*

*para a zona do abuso e da viciação. Tentam arrastar a luz para as trevas e convertem os atos sexuais, profundamente veneráveis em todas as suas características, numa paixão viciosa tão deplorável como a embriaguez ou a mania do ópio.*

Esse desregramento, infelizmente, é uma constante nos planos inferiores da vida, quer se trate da crosta terrestre ou das zonas sombrias do mundo espiritual e mesmo no inter-relacionamento entre encarnados e desencarnados.

Desde as tradições mais antigas, sabe-se da existência de íncubos e súcubos, demônios em forma masculina e feminina, respectivamente, que mantinham relações sexuais com as criaturas terrestres, nos momentos do sono.

A coletânea **André Luiz** traz caso de íncubo em *E a Vida Continua...* (23) e de súcubos em *Missionários da Luz* (24), e oferece também outras informações sobre o assunto.

Dante Alighieri na *Divina Comédia* reporta-se, entre as suas visões dos vários planos da vida espiritual, às regiões de licenciosidade, onde as relações sexuais entre Espíritos assemelham-se à poligamia embrutecente de muitas paisagens terrestres.

No devido tempo, todos os seres humanos desregrados sexualmente serão defrontados com a retificação natural, gerada pela Lei Universal do Amor, uma vez que, por esse dispositivo, o próprio desregramento gera sofrimento e perturbação.

Somente a evolução espiritual vai melhorar a qualidade da vida sexual no planeta.

## MATRIMÔNIO

O **Caso Tobias**, descrito no livro *Nosso Lar*, ilustra peffeitamente bem o tema que desejamos estudar. André Luiz foi convidado a visitar a casa de Tobias, após o expediente do serviço hospitalar a que ambos se dedicam, na cidade espiritual *Nosso Lar*. Na residência, conheceu duas senhoras, uma mais idosa, Hilda, a quem Tobias apresentou como esposa, e outra mais jovem, Luciana, nomeada como irmã. Todos moravam ali, em clima de fraternidade, mas na Terra ambas haviam sido esposas de Tobias. Quando Hilda faleceu, deixou-o com filhinhos pequenos, desposou, então, Luciana que cuidou deles e da família que se tomou maior. A princípio, Hilda não compreendeu

a substituição, mas depois de muita luta íntima e da colaboração de uma Benfeitora Espiritual conseguiu vencer o monstro do ciúme e vivem agora em perfeita harmonia.

Quando da visita de André Luiz, Luciana já estava prometida a um outro noivo que a aguardava na próxima encarnação terrestre para a qual voltaria um ano depois desse encontro (25).

**Dona Laura**, mãe de Lísias, também ali relatado, vivia na colônia espiritual *Nosso Lar* na companhia de Ricardo, seu marido, mas despediu-se dele, quando este voltou à reencarnação, para a qual ela também voltaria alguns anos depois.

O **Caso Odila-Zulmira**, relatado no do livro *Entre a Terra e o Céu* (26), foi semelhante. Odila, a primeira esposa de Amaro, falecera, e depois de algum tempo fora substituída por Zulmira. Inconformada com o que considerou traição do marido, transformou-se em obsessora da substituta, contribuindo para o seu desequilíbrio mental. Com a interferência de Clara, anjo bom que a chamou à responsabilidade, Odila retrocedeu na conduta e passou a proteger Zulmira e seu lar.

No final do livro *E a Vida Continua...* assistimos a um casamento no mundo espiritual. Evelina e Fantini casaram-se, sob as bênçãos do irmão Ribas e de todos os amigos da cidade onde residem. (27)

## INQUIETAÇÕES DA LIBIDO

**Ivo de Barros Correia Menezes**, o Ivinho, nosso conhecido de algumas linhas atrás, enviou vinte cartas para sua mãezinha Neide, através do médium Chico Xavier, seis delas estão no livro *Retornaram Contando*, cinco outras em Gratidão e Paz, e algumas esparsas. Em 1983, cinco anos após a sua desencarnação, ocorrida aos 18 anos, desabafou com a mãezinha Neide (28):

*Continuo desencarnado e prossigo querendo casar-me e ser pai de família. Estimo os avós que me favorecem aqui com os melhores ensejos de ser feliz, mas, no fundo de mim mesmo, o que desejo realmente será formar na juventude do meu tempo e adorar uma vida caseira, pródiga de bênçãos de paz. Mãe Neide, é que seu filho anda partido em dois, tamanho é o meu anseio de realizar-me na condição de homem.*

Em sua sexta carta, psicografada em 26 de maio de 1984, Ivinho continuou a dialogar francamente com o coração materno, expondo

seus anseios mais íntimos: *aquele desejo de passear com uma garota a tiracolo observando se ela nos serviria para um casamento futuro prevalece comigo.*

*Muitos rapazes se desligam com facilidade desses anseios. Tenho visto centenas que me participam estarem transfigurados pela religião e outros adoram exercícios de ioga com o objetivo de cortarem essas raízes da mocidade com o mundo. (...)*

*Meu tio Ivo fala em amor entre os jovens, apenas usufruindo o magnetismo das mãos dadas e até já experimentei, mas a pequena não apresentava energias que atraíssem para longos diálogos sobre as maravilhas da vida por aqui. Fiz força e ela também; no entanto, nos separamos espontaneamente, porque não nos alimentávamos espiritualmente um ao outro.*

*Creio que meu caso é uma provação que apenas vencerei com o apoio do tempo. (...)*

*Se estivesse aí faria 25 anos em janeiro próximo; um tempo lindo para se erguer um lar e criar filhos (...)*

Realmente a provação, com vistas à disciplina emotiva, parece implícita no caso de Ivinho, à semelhança de milhares de outros jovens, como ele mesmo pode constatar, entre seus companheiros de Vida Nova. Mas é interessante anotar a sinceridade de seu coração, abrindo a alma por inteiro para a mãe à procura de apoio.

Nesta mesma carta, continuou:

*Mamãe Neide, por que será que o homem passa por este período de necessidade de integração com uma outra criatura no casamento? Sei lá... A minha avó Celeste considera fácil esta abstenção por aqui, porque nos afirma que, em nossa esfera não há possibilidade de gravidez. Mas com gravidez ou sem ela eu queria uma companheira loura ou morena, que se parecesse com você, que me protegesse, que me conseguisse organizar os lugares para descanso, que eu pudesse beijar muitas vezes para compensá-la do carinho que me consagrasse. (...)*

*Dizem por aqui que os pares certos trocam emoções criativas e maravilhosas no simples toque de mãos; no entanto, estou esperando o milagre.*

Em seus apontamentos, Ivinho lembrou que, na Terra, rapazes e moças buscam dedicar-se aos esportes na tentativa de liberar o

magnetismo do sexo, no entanto, para ele nem mesmo isso daria jeito.

O jovem não disse, mas o esporte na Espiritualidade tem outras modalidades uma vez que o sistema muscular estriado ou esquelético existente no corpo físico não permanece no perispírito, é transformado, durante a histogênese espiritual. Lá não se utiliza senão a força mental e os deslocamentos individuais operam-se na faixa da volitação.

Referiu-se aos estudos e trabalho que desenvolve sob a orientação dos instrutores espirituais, e quando interrogado por eles, não teve coragem de mentir quanto ao seu verdadeiro estado mental em relação ao sexo.

*Enfim, esta é minha atualidade e não podia omitir o que sinto perante você, minha mãe, minha confidente e minha melhor amiga. Com o tempo, vamos regularizar tudo isso. Esteja tranquila. Refiro-me ao assunto, porquanto noto que a maioria dos jovens desencarnados que se comunicam dão uma volta no caso e passam por cima; no entanto, sei que a maioria deles está em posição semelhante à minha. Mas não há de ser nada. Acredito que vou entrar no cordão das mãos entrelaçadas e depois lhe darei notícias.*

As cartas do jovem Ivo à sua mãe constituíram, a nosso ver, um esforço enorme de seu Espírito para adaptar-se ao Plano Espiritual. Com esse desabafo, possibilitado, durante tantos anos, pela psicografia, ganhou forças para resistir, contando principalmente com a compreensão da mãe e da avó.

No mundo espiritual, seu avô Barros chegou a sugerir-lhe uma nova encarnação, mas o jovem apavorou-se: (...) *isso é um assunto grave, porque não desejo assumir outra personalidade esquecendo os vínculos que me ligam ao seu querido coração.*

Só nessa frase, um grande ensinamento! Vê-se o quanto cada personalidade é importante no plano do sentimento.

Todo esse desabafo, porém, em assunto impregnado de preconceitos atávicos, não poderia passar impune; provocou, como é natural, reações de inquietação e incompreensão nos leitores.

Ivinho respondeu a essas reações:

*Somos jovens e não vimos nada demais em descrever-lhe o tumulto de nossas emoções. Pensávamos em casamento, noivado, satisfação pessoal e em outras questões satélites, e fomos sinceros ao contar-lhe as necessidades que tínhamos experimentado.*

*Eu, pelo menos, não achei absurdo confidenciar à minha querida mãe quanto se passava. Não existe para mim outra pessoa mais habilitada a entender-nos e dirigir-nos pelo melhor caminho. Ainda assim, os poucos que leram as páginas de filho confidente, se mostraram perplexos.*

*(...) Muitos jovens dão notícias mas não tocam no assunto, condicionados que se acham aos receios pueris de se analisarem e de se mostrarem como são.*

Há aqui um ponto importante, o resgate da mãe como confidente. Algo que se perdeu nas dobras do tempo.

Depois de muitos anos de lutas, Ivinho e Bernardo, os dois amigos inseparáveis, portadores das mesmas angústias, encontraram o caminho da pacificação interior.

Na sétima carta, Ivinho confessou que já estava engajado no esporte da caridade e que, juntamente com o amigo Bernardo, encontrava paulatinamente sensíveis melhoras.

Finalmente, na 16ª carta notificou a transformação: (29)

*Nossos desejos de natureza inferior foram atenuados, ao ponto de esquecermos a fase de inquietação da “libido”. Temos a felicidade de notificar-lhe, Mãezinha Neide, que estamos realmente melhores e mais fortes.*

*Reconheço que muitas das necessidades presentes no Espírito desencarnado é a compatibilidade com os anseios da maioria daqueles que lhe compartilham da presença no mesmo Plano. Sob a pressão de milhares de pessoas, quase atormentadas pelo sexo torturado, estávamos na condição de espelhos mentais refletindo as exigências de nossos companheiros, que se mostraram piores quando somadas às nossas próprias imperfeições.*

Muitas vezes, a libido está exacerbada pelo próprio ambiente. Nesse caso, os dois jovens reconheceram que se constituíam em espelhos mentais de outros companheiros perturbados.

Mais uma vez, venceu a compreensão dos que amam. Certa noite, Ivinho e Bernardo, depois de participarem das orações, na casa de dona Neide, em Belo Horizonte, foram transferidos de residência, passando a usufruir de ar menos pesado e, desde então, melhoraram, sensivelmente.

Mas não lhes passou despercebida a causa:

*(...) As suas preces com as da Vovó Ciazita nos descerraram novos caminhos e nesses caminhos permanecemos, com os tesouros de orientação e resistência que Jesus colocou em nossas próprias almas.*

As cartas de Ivinho estão eivadas de profundos ensinamentos e devem ser lidas por pais e professores que realmente se interessam pela educação sexual iluminada pelo amor.

## LIBERAÇÃO DE COMPROMISSOS AFETIVOS

Como ficam os laços afetivos quando a desencarnação separa os seres que se amam? Já vimos do que o ciúme é capaz, no caso das viúvas que não se conformam com o novo casamento do marido. O raciocínio é também válido para os casos inversos.

Vamos ver os testemunhos de Espíritos que conseguiram vencer, muitos deles a custas de lágrimas, com enormes sacrifícios e disciplinas, a dificuldade da desvinculação.

**Elisabete Aluotto Scalzo Palhares** - desencarnada em 1976, em mensagem enviada à sua querida tia Nenem (Maria Philomena Aluotto Berutto), libera o esposo, José Maria, para uma nova união (30):

*Aqui, se aceitamos Jesus, as afeições possessivas desaparecem, dando lugar a uma compreensão que se nos afigura verdadeira bênção de Deus. De muito pouco nos valeria uma dedicação agressiva, pronta a se prender nos entes amados, sem liberá-los para que possam viver por si mesmos. Graças a Deus entrei nessa embarcação do amor espiritual e tenho a felicidade de verificar que o lar vai se reajustando, como é preciso.*

Entregar, porém, o ser amado não é nada fácil.

**Francisco Eduardo de Oliveira** - tragado, aos 21 anos, pelas águas do Rio Grande, reconhece essa dificuldade, diante da noiva que deixou (31):

*Tantos esportes praticamos no plano físico, a resistência nos remos, a agilidade no futebol, a força no salto, a energia nas corridas a pé; entretanto, agora reconheço que estou aprendendo um esporte mais importante, o esporte da renúncia, no qual devo entender que você é uma valorosa menina de Deus e não propriamente minha.*

**Maria Cristina Summo** - confessa essa dificuldade na carta que escreveu aos pais: (32)

*Era tão difícil dividir o esposo que me dera a alegria de viver e o dom de esperar o melhor que houvesse no mundo...*

Cristina confessa que se exercitou ao máximo, chorou, no íntimo, lágrimas pesadas:

*Graças às preces que me clarearam o íntimo, fiz o esforço supremo e confiei a Deus o esposo que se me erguia diante da existência, por amigo e companheiro que me completaram em todos os meus anseios e emoções. (...)*

*Digam por mim ao Milton que isso não é renúncia, e, sim, compreensão. Ele que é tão sincero e tão digno de amor, encontrará quem me substitua para formar ou reformar o lar com que sonhávamos.*

**Egle Aparecida** - precisou ser auxiliada, no além, por suas avós, para poder aceitar a separação. Formada em arquitetura, trabalhava em companhia de sua mãe no 26º Cartório de Notas, da Capital paulista, tendo se casado com Roberto Braga em 11 de julho de 1980. Ficou casada apenas quatro meses, porque sofreu o acidente de moto, em 15 de novembro de 1980, desencarnando a seguir. Em mensagem à mãe, na qual apõe uma assinatura reconhecida como autêntica pela genitora, Egle confessa (33):

*Aqui abro um parágrafo em minhas reflexões para afirmar ao querido companheiro que já não sou mais a namorada ciumenta ou a esposa enraizada nas ideias possessivas nas quais ele me conheceu.*

*A vovó Hebe e a vovó Clementina foram minhas instrutoras nos meses últimos e fizeram-me reconhecer que o amor só é realmente amor quando liberta a pessoa amada. E desejo que o nosso Roberto receba de Deus a felicidade que ele faz por merecer.*

**Drausio Rosin** - enviou inúmeras mensagens aos pais, Amílcar e Zilda, sendo que a primeira delas foi a 17 de outubro de 1966. Sua mãe Zilda Giunchetti Rosin tornou-se conhecida no Brasil e no mundo como a grande divulgadora da imortalidade da alma, através dos livros que escreveu, sendo o mais conhecido, dentre eles, *Perdas de Entes Queridos*.

Na referida mensagem, Drausio fala de Cristina, a noiva querida que deixou (34):

*Rogo à senhora, mamãe, confortar Cristina e dizer-lhe que estamos juntos. Os noivos que se amam com o amor de Jesus podem ser bons irmãos. Serei para ela um companheiro espiritual e estou pedindo a Deus para que ela encontre um jovem amigo e leal que ampare a ela, doando-lhe a felicidade que não pude dar. Isso não é esquecer, compreender-nos uns aos outros.*

*Para mim, a noiva de ontem é hoje uma irmã, quase uma filha, pelo enternecimento com que lhe recebo as doces recordações. Cristina está moça, mãezinha, muito moça e um lar será para ela um santuário de paz. (...)*

O ciúme seria agora uma sombra, ou, aliás, é sempre uma sombra.

*Aqui aprendemos que todos estamos interligados perante Deus e só se expressa na vida o amor verdadeiro, quando fazemos com o nosso amor a felicidade dos corações que amamos.*

*Amar é dar-se. Dar-se na compreensão, no serviço, na alegria, na paz.*

**Laura Maria** - nossa conhecida de páginas anteriores, despediu-se da vida física juntamente com suas duas filhas, deixando um vazio enorme no coração do marido e companheiro. Pelo correio amoroso da psicografia, liberou o esposo do compromisso, sem deixar de assegurar-lhe a continuidade do seu carinho (35):

*Muito justo, continuar amando a você qual se lhe fosse outra mãe carinhosa e atenta, junto de outra companheira que lhe amenize os dias terrestres, do que observá-lo em delírio, afrontando as Leis de Deus, a pretexto de buscar-nos para um reencontro que se faria então mais remoto, pela insubmissão a Deus e à vida em que pretenderia alicerçar-se. (...)*

*Querido Henrique, perdoe-me se me exponho, assim, nestas palavras, nas quais procuro reerguer-lhe as forças. Acontece que amo a você, com a dedicação de todos os dias e não se me faria possível dizer-lhe o que afirmo, sem o misto do carinho humano que precisa ceder ao carinho espiritual*

**Olimar Feder Agosti** - bela e jovem advogada, faleceu em um acidente de avião, no dia 8 de junho de 1982, nas proximidades de Fortaleza, no Ceará, ao viajar para encontrar-se com o marido, Geraldo.

Estavam casados há apenas três meses e ela completaria 30 anos a 14

de dezembro do mesmo ano. Na mensagem aos familiares, agradeceu-lhes as flores que lhe foram ofertadas, mesmo sem saber onde as colocariam, porque não havia possibilidade de ser identificado o local dos restos mortais. Foi um gesto de carinho, que só era do conhecimento de seus parentes mais próximos. Olimar descreve a passagem e revela desvinculação dos laços afetivos egoísticos (36):

*Dores não senti. Creio hoje que nas calamidades imprevistas qual aquela em que me vi, não há tempo para registro de sofrimento pessoal. Quanto tempo estive largada ao esquecimento de mim ainda ignoro.*

*Primeiramente a amnésia me dominou totalmente, em seguida me vi colada a uma apatia sem nome. (...) sentia sim uma certa mágoa contra a vida, porque efetivamente não poderia dizer contra a morte, já que a morte passara a ser inexistente em meu modo de pensar e sentir. (...) Nosso querido Geraldo será fortalecido e sobreviverá, como é justo, ao desastre que não nos tornou indiferentes e sim nos obriga a pensar no amor em outro nível. (...)*

*O nosso lar de três meses foi um sonho na Terra, mas se nos fará luz para uma reunião maior na espiritualidade. (...)*

*Espero conquistar forças novas afim de resguardá-lo contra o desânimo e contra a tristeza que, em verdade, não servem a ninguém.*

*Que os nossos corações se unam nas esperanças diferentes em que a imortalidade nos revele a perenidade do amor e da comunhão espiritual para sempre.*

#### **Notas**

- 1) *Cartas de Uma Morta* - p.13.
- 2) *O Céu e o Inferno* - cap. VII, p. 97.
- 3) *E a Vida Continua...*, caps. 4 e 5.
- 4) *Idem* - cap. 9.
- 5) *Presença de Chico Xavier* - p. 63.
- 6) *Reencontros* - cap.6.
- 7) *Os Mensageiros* - cap. 48.
- 8) *Retornaram Contando* - cap. 4, p. 51.
- 9) *Lições de Sabedoria* - p. 47.
- 10) *Vozes da Outra Margem* - pp. 95 e 96.
- 11) *Amor e Saudade* - pp. 110 e 111.
- 12) *Continuidade* - p. 49.

- 13) Ver *O Consolador; Caminhos de Volta* - p. 8.
- 14) *Taça de Luz* - pp. 57 a 59, mensagem de 26/7/1952.
- 15) *Folha Espírita*, abril 1980; *Continuidade* - p. 59.
- 16) *Evolução em Dois Mundos* cap. I, 2ª parte, p. 169.
- 17) e 18) *Vida e Sexo* - cap. 24. (Ver também *Lições de Sabedoria* - cap. VI; *Missionários da Luz* - cap.13; *E a Vida Continua* - cap.14).
- 19) *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, cap. X, p. 190.
- 20) *Missionários da Luz*, p. 199.
- 21) *Idem*, p. 200.
- 22) *Idem* p. 201.
- 23) *E a Vida Continua...* - caps.19 e 29
- 24) *Missionários da Luz* - caps. 8, p. 91 e 92.
- 25) *Nosso Lar* - cap. 38 (caso Tobias); caps.47 e 48 (caso de Laura).
- 26) *Entre a Terra e o Céu* - cap. III.
- 27) *E a Vida Continua* - cap. 26.
- 28) Ver *Retornaram Contando* – cap. 4; *Gratidão e Paz* - cap. 23; *Caravana de Amor* - cap. 11; *Anuário Espírita 1988 e Folha Espírita*.
- 29) *Gratidão e Paz* - p. 195.
- 30) *Assuntos da Vida e da Morte* - pp.143 a 155.
- 31) *Novamente em Casa* - p. 51.
- 32) *Continuidade* - pp. 73 - 74.
- 33) *Correio do Além* – pp. 58 e 59.
- 34) *Presença de Chico Xavier* - cap. 15, pp. 64 e 31; pp. 123 e 124.
- 35) *Continuidade* - pp. 22 e 23.
- 36) *Esperança e Alegria* - pp. 88 a 96.

**Adaptação à Vida Nova (III):  
Influência  
Recíproca de  
Atos e Pensamentos**

*Estou feliz, embora dividido entre o aqui, onde vocês se encontram e o Mais Além, no qual me vejo. Vou convertendo as saudades em serviço, aprendendo, por fim, que somente o nosso amor ao próximo leva-nos à esperança de um reencontro feliz, quando a sabedoria da vida considerar isso possível.*

Álvaro Júlio Belchior da Fonseca

No período que se segue à morte física, os habitantes dos dois planos da vida continuarão a exercer influência recíproca acentuada, em geral insuspeitada pelos encarnados. É claro que essa influência perdurará sempre, mas não terá o grau de intensidade dos primeiros tempos de separação. É natural que seja assim porque nós nos alimentamos do magnetismo das pessoas amadas. Quando a morte nos impõe a separação provisória, sentimo-nos lesados no âmago do ser, necessitados de recompor energias básicas, de rearranjar o circuito de forças magnéticas no qual nos equilibramos. Esse raciocínio é válido para os que se encontram nos dois planos da vida.

A influência dos pensamentos e ações dos que permanecem na Crosta é tão significativa que, muitas vezes, os desencarnados não

conseguem se adaptar à Vida Nova, vagando sem rumo, perturbados, sem condições de assumir suas funções na verdadeira pátria.

Isso acontece porque há um despreparo generalizado diante da crise da morte. Encarnados e desencarnados sofrem profundos desequilíbrios psicológicos e espirituais, diante da separação que julgam definitiva, porque, para a imensa maioria, sem “olhos de ver”, somente o silêncio dolorido responde aos apelos de parte a parte.

Tudo se passa como se os primeiros chorassem, desesperadamente, em um compartimento da casa e os últimos em outro, unidos pelos laços indestrutíveis do pensamento, mas incapazes de se entenderem, apesar da proximidade, por absoluta falta de preparo em lidar com esse novo tipo de comunicação. Todos gritam, mas ninguém se entende.

**João Jorge de Lima** - falecido aos 25 anos, próximo de Mogi-Guaçu (SP), em carta aos familiares, afirma que ninguém morre, mas enfatiza, do mesmo modo que o jornalista Avelino Ginjo, esse total despreparo (1):

*Aí, não somos preparados na Terra para enfrentar o problema da vinda para cá. Penso que a falta de conhecimento coloca 90% de dificuldades nos problemas que a morte do corpo nos obriga a aceitar.*

Muitos encarnados clamam, desesperadamente, pelos que partiram, vertendo lágrimas de fel, quando não, acalentando ideias de suicídio na enganosa ilusão de reencontrá-los.

Muitas vezes, ouvi Chico Xavier referir-se à sua preocupação de bem cumprir os seus deveres como médium, os quais sempre considerou como simples obrigação, sobretudo em relação às pessoas que o procuravam firmemente determinadas ao suicídio. Aliás, aprendera com Emmanuel, seu mentor espiritual, desde os primórdios dos labores sacrificiais, a ter rigor consigo mesmo na disciplina do serviço e a estar atento à tarefa consoladora da mediunidade. Era de se ver, por demais comovedora e tocante, a sua preocupação constante em prestar assistência' às mães, sobretudo àquelas que se perturbaram, de forma exacerbada, a ponto de desejarem morrer, ante a separação abrupta de seus filhos. No médium, há essa consciência muito clara de que deve trabalhar, dando tudo de si, para evitar tais

atos, absolutamente, desastrosos.

Vamos destacar alguns trechos das cartas dos desencarnados nos quais solicitam a compreensão dos familiares, diante da separação. São pontos muito úteis para o nosso próprio preparo diante da morte.

**Alberto Teixeira Duarte** - faz um apelo emocionado em sua carta (2):

*Vejo seu rosto sem parar, todo banhado em lágrimas sobre o meu e sua voz me alcança de maneira tão clara que pareço carregar ouvidos no coração.*

*Ah! Mamãe! eu não tenho direito de pedir ao seu carinho mais do que sempre recebi, mas se seu filho pode pedir mais alguma coisa à sua dedicação, não chore mais. (...)*

*Suas palavras da alma chegam sobre mim e vejo que a sua ternura está sob rude aflição, atormentada, querendo morrer para me encontrar. Não faça isso, Mãezinha!*

A saudade é tanta que os pensamentos alcançam o espírito do filho sem solução de continuidade, e este apela para a mensagem do coração.

**Jorge Luiz Motono Camargo** - desencarnado aos 21 anos, de acidente automobilístico, escrevendo aos pais, contou a luta dos primeiros tempos (3):

*Quando acordei, ouvi os gritos da Iris, chamando por mim. (...) Com alguma dificuldade, pedi, aos enfermeiros que me atendiam, a volta para o lar ou a presença dos pais ao meu lado, já que a voz de mamãe se fazia ouvida por mim, de modo estranho, como se um fone estivesse instalado em meu peito.*

*Foi o vovô Rafael o primeiro a chegar junto de mim para o que denominam aqui diálogo terapêutico.*

Nesse momento, o avô contou ao neto que ele não mais pertencia ao mundo dos vivos. Jorge chorou muito. Com o tempo, procurou adaptar-se, a ligação, porém, com o lar dificultou-lhe a aceitação: *a dor de mãezinha é ainda uma ferida dentro de mim. Estou dependente, à feição de alguém que ainda não se viu desligado daquele cordão umbilical da vida psicológica de cada um (...)*

Eis aí uma das finalidades da carta psicografada: *rogar à mãe para que se console.*

**Ronaldo Malafronto** - as notícias de Ronaldo, falecido aos 23 anos, por ruptura de aneurisma cerebral, foram decisivas na recuperação de sua mãe Tereza, uma vez que, desde sua morte, ela quase não se alimentava mais, sustentada praticamente por injeções. Na carta, ele respondeu a uma pergunta que transtornava o coração materno: por que o seu corpo, já sem vida, chorara durante o velório? Muito cansada, dona Tereza não conseguira ficar para a reunião do Grupo Espírita da Prece, apenas deixara uma carta, com essa pergunta, que o médium não tivera tempo de ler. Na mesma noite, Ronaldo mandou a resposta, dando detalhes impressionantes de sua desencarnação, em uma evidência extraordinária da sobrevivência. Eis um trecho da mensagem (4):

*Mamãe, porque a gente não pensa em dizer tudo o que se quer enquanto a palavra pode sair da boca? Não sei. Aquilo tudo, com aquela impressão de fim de existência, me fez chorar por dentro, mas as lágrimas eram iguais às vozes que se mantinham presas comigo. Minhas pálpebras também estavam cerradas e aquele orvalho de dor que me nascia no coração ficou estancado... Por isso, mãezinha, é que a senhora e os nossos tiveram a impressão de que eu chorava no corpo imóvel. Ver, eu não vi, mas as suas perguntas nesse sentido eram muitas e minha bisavó Philomena, que me tomou por outra mãe, explicou-me o que se passara. Quando me retiraram da forma física extenuada, as comportas se abriram e as lágrimas que eram em mim preces a Deus, rogando forças em vão para dizer alguma coisa, rolaram pela face.*

*Não pense que seu filho estava sofrendo. Acontece que dormi e só acordei em outro lugar com as suas exclamações.*

Respondendo à dúvida angustiante de sua mãe, Ronaldo confessou o seu anseio mais íntimo: *rogo a sua fortaleza e não cultive qualquer ideia de solidão*. Essa fortaleza de ânimo lhe era necessária à própria adaptação ao mundo espiritual. Mas ele sabia qual o meio mais eficaz de afastar a solidão:

*Mãezinha, transformemos as nossas saudades em tarefas de amor ao próximo e confiemos em Deus.*

Há muito desassossego na vida psíquica dos desencarnados, toda vez que os familiares não aceitam a separação ou procuram vingança, nos casos de desencarnação por assassinato, alimentando os

sentimentos inferiores muitas vezes envolvidos nesse processo.

**Walter Perrone** - jovem assassinado aos 23 anos de idade, agradeceu aos pais e irmãos o terem desenvolvido ideias pacíficas que o vieram fortalecer na vida além-túmulo:

*Mamãe, não continue assim mergulhada na ideia da morte, porque a vida prossegue, e nós prosseguimos trabalhando e com necessidade de trabalhar sempre mais. (...) Agradeço tudo o que meu pai e os meus fizeram contra as ideias de ódio e ressentimento.* (5)

Há chuvas que arrasam a plantação e outras “criadeiras” que estimulam o crescimento da lavoura. Assim também, são os efeitos das lágrimas dos encarnados sobre os que partiram.

**Maurício de Lima Basso** - falecido em 5 de dezembro de 1972, aos 21 anos, de acidente rodoviário, pede, na mensagem, a compreensão dos pais para o seu sofrimento (6):

*Venho (...) rogar ao senhor e à mamãe não chorarem mais assim, com tanto peso no coração. (...) quando choram fitando o meu retrato ou recompondo os meus objetos não consigo estancar o pranto que me verte do peito, complicando as melhoras que obtenho e perco (...)*

Inúmeros outros comunicantes falam da dificuldade de adaptação ao mundo espiritual por causa da perturbação dos familiares. Esse desequilíbrio, muitas vezes intenso, não lhes permite a própria renovação no plano em que se encontram.

**Hélio Manzo Júnior** - remeteu uma outra carta interessante, dirigindo-se à esposa Adriana e à mãe Maria de Lourdes, fazendo um pedido especial (12):

*Peço a você e à mamãe não chorarem, chamando por minha presença, com a angústia do amor na ausência que hoje nos reúne. Chamem-me, sim, mas com tranquilidade para que não me descontrole. Digo isso porque vê-las chorando me corta a alma por dentro e fico ansioso, querendo vencer o tempo, sem meios para isso.*

**Marilda Menezes** - cujos pais são de Igarapava, faleceu de leucemia, mas enviou-lhes mensagem antes de completar um ano da sua desencarnação (7):

*As lágrimas com que me recordam caem no meu coração por chuva de fogo. (...) o pensamento é uma ligação, que ainda não sabemos compreender.*

*Quando estiverem com as nossas lembranças mais vivas, comemorando acontecimentos, não se prendam à tristeza (...) Posso, porém, dizer-lhes que estou com vocês dois, assim como alguém que carregasse no ouvido um telefone obrigatório.*

*Não estou em casa mas ouço e vejo quanto se passa.*

*Nossos amigos daqui me esclarecem que isso passará quando a saudade for mais limpa entre nós. Saudade limpa!...*

*Nunca pensei nisso.*

*Mas dizem que a saudade que se faz esperança no coração, é assim como um céu claro, mas a saudade sem paciência e sem fé no futuro é semelhante a uma nuvem que prende com sombra e tristeza aqueles que lhe dão alimento na própria alma.*

**Paula Opípari Ramos** - uma menina desencarnada em 27 de outubro de 1982, aos oito anos, devido a acidente ocorrido com veículo escolar, ao comunicar-se, quatro meses depois, também clama pela necessidade de aceitação (8):

*Foi assim que vim a saber como choraram em nossa casa e venho hoje pedir ao seu carinho para entregar-me à vontade de Deus.*

Procurando evitar o acúmulo perturbador de lembranças, os Espíritos recomendam aos parentes que se desfaçam delas, guardando apenas os retratos, verdadeiros “pontos de intercâmbio” espiritual.

José Esmelcerei Bernardo - falecido em 23 de outubro de 1982, voltou em carta psicografada, trazendo notícias e um pedido especial (9):

*(...) peço-lhe não conservar recordações minhas, a não ser os nossos retratos, porque os retratos em qualquer ocasião se fazem testemunha de nossas alterações.*

*Auxiliem quanto possível aos rapazes menos favorecidos e creiam que me encontro neles todos.*

**Carlos Henrique Branco Rodrigues** - mineiro de Barbacena, desencarnou no Rio de Janeiro, dois dias antes de completar 18 anos. Não chegou a saber que passara no vestibular para Engenharia,

prestado pouco tempo antes. Comunicava-se por rádio-amador com várias partes do mundo. Deixou um vazio profundo entre os familiares.

Carlos, pela psicografia, utilizou-se da mesma tônica que José Bernardo (10):

*Guarde, Mãezinha, apenas os nossos retratos, porque as fotos são pontos de intercâmbio espiritual. Limpemos a área em que me movimenter por aí, com o que me sentirei mais leve aqui. Que o ar de vida nova e que a música possam arejar e enfeitar aquele recanto que não deve ser meu. (...) até mesmo o nosso aparelho de rádio ceda para alguém que deseja trabalhar pelo sem fio.*

Muitos Espíritos recomendam a seus pais evitarem as lágrimas e viverem, retomando assim a normalidade da vida na tarefa do bom,

**Jair Presente** - nasceu em Campinas a 10 de novembro de 1949 e faleceu antes de completar 25 anos, a 3 de fevereiro de 1974, vítima de afogamento. Na véspera, havia partido com os amigos, Carlos Roberto Ramos Fonseca e Sérgio Galgani, para um pesqueiro em Paulínia, às margens do rio Atibaia, e lá passaram a noite e, no domingo cedo, resolveram seguir rumo à Praia Azul, distante 30 quilômetros desse pesqueiro. Foi aí, nas águas de Praia Azul, no final da manhã desse domingo, que o jovem Jair afogou-se. Filho de José Presente e Josefina Basso Presente, deixou também uma irmã, Sueli, funcionária da Reitoria da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp).

Quando a morte chegou, ou como gosta de expressar-se, quando o trem da mudança o despejou no outro lado da vida, cursava o 4º ano de Engenharia Mecânica na Unicamp. Aluno exemplar, alegre, jovial, trabalhava para o próprio sustento, lecionando em colégios de Campinas, ao mesmo tempo que prosseguia o curso e fazia outros de extensão universitária. Para dar conta de tantas tarefas, madrugava todos os dias, entre três ou quatro horas da “matina”, conforme seu alegre modo de expressar-se.

A 15 de março de 1974, 42 dias após sua morte, seu pai, ralado de saudade, demandou Uberaba em busca de notícias do filho. As apresentações foram rápidas, sem tempo para muitas informações ou detalhes. E qual não foi a surpresa do sr. José Presente quando Jair apresentou-se por inteiro, ali no Grupo Espírita da Prece, contando suas primeiras impressões (11).

*As vozes de casa chegam ao meu coração e, como se continuássemos juntos, vejo-os no quarto, guardando-me as lembranças como se devesse chegar a qualquer instante. E o meu Pensamento não sai de onde me prendem. Agradeço, sim, o amor em suas lágrimas. Agradeço o carinho em suas preces, mas venho pedir-lhes para viverem. Viverem! E viverem felizes, porque assim serei feliz.*

*Nesta primeira carta, Jair Presente afirmou que não desencarnou por afogamento, mas em virtude de problemas cardíacos: O coração parou, ao modo de um motor, de que não se descobre imediatamente o defeito.*

*Sou eu quem deu tanto trabalho aos amigos. Notei quando me chamaram, quando me abraçaram, massageavam e me faziam quase respirar sem conseguir.*

*Agradeço por tudo. Depois foi o sono, um sono profundo, do qual acordei para chorar com o pranto de meus pais e de meus afetos mais queridos.*

E enfatizou: *Lembrem-me estudando e não morto, porque a vida não admite a morte.*

Posteriormente, enviou ele dezenas de outras mensagens, com o seu linguajar típico, dirigindo-se aos mais jovens. Hoje, tem vários livros publicados, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, com belos ensinamentos, como se pode verificar na bibliografia.

Mas nem todos precisam corrigir o comportamento dos encarnados ou suplicar-lhes mudança no rumo da saudade sem esperança.

**Cândido Luiz Cintra** - tem muito a agradecer o auxílio que recebeu do coração conformado de sua mãe (12):

*Agradeço o carinho que me proporcionou sempre, sem uma palavra de lamentação ou de queixa contra os desígnios de Deus, porque o seu exemplo de fé em Deus me transmitia coragem para suportar a realidade, já que a minha medula estragada era um problema irreversível.*

Há inúmeros outros exemplos positivos a serem seguidos, todos eles pacificam o coração dos que partiram.

**José Roberto Pereira Cassiano** - o Shabi, nosso conhecido desde o capítulo 6, agradece os exemplos dos pais (13):

*Mamãe, esses meninos descalços que você me ensinou a ver melhor, poderiam estar conosco, em nossa casa e esses doentes todos que abraçamos, poderiam ser nossos parentes amados por você por meu pai, como vocês me amaram e amam*

Nesse sentido, há muitos conselhos nas cartas-mensagens:

**Roberto Salas** - conhecido pelo apelido de Garibaldi, ressaltou, por sua vez, a necessidade do serviço em favor do próximo para encontrar a paz interior (14): (...) *procuremos povoar o tempo com a felicidade para os outros, porque nesse tipo de felicidade encontraremos a nossa.*

**Sérgio Calamari** - *A melhor maneira de lembrar os que morrem é justamente adquirir um espaço na Terra, para abrigar meninos e meninas que começam a vida, às vezes rejeitados pelos próprios pais.* (15) É dessa forma que Sérgio deseja ser lembrado.

**Rosemari Damício** - afirma em carta dirigida à mãe, Terezinha de Jesus Beraldo: (16)

*O fardo mais pesado que se carrega no mundo somos nós mesmos, quando não dividimos, o tempo e a vida, em favor de outras pessoas.*

**Hilton Monteiro da Rocha** - foi vítima de infarto fulminante do miocárdio, a 4 de maio de 1978, quando se encontrava em Uberaba, onde fora visitar a Exposição Agropecuária anual. Residia em Goiânia, mas fora prefeito, por duas vezes, de Trindade, cidade próxima da capital, à qual estava ligado por suas atividades como fazendeiro e pecuarista. Fora reconhecido como excelente administrador por jornalistas especializados do País.

Mas o destino tem suas marcas fincadas nos caminhos da vida e a desencarnação chegou, para Hilton, aos 53 anos.

Na segunda mensagem que enviou à esposa, Maria Sebastiana Monteiro, conhecida como Maroca, teve oportunidade de agradecer-lhe as atividades construtivas dedicadas à benemerência (17):

*Lanches para os meninos de Trindade, lanches para os velhinhos do Solar em Goiânia e assim você vai plantando alegria e esperança em nós que temos a sua presença na conta de uma benfeitora incansável.*

Realmente, d. Maroca habitualmente comemora as datas de nascimento e desencarnação do esposo em creches, asilos, orfanatos, enfim, instituições de benemerência. A repercussão é de alegria e esperança no coração do marido.

**Augusto Cezar Netto** - o jovem admirável que tem escrito tantos livros edificantes, espalhando bela sementeira, através do humilde mediano de Uberaba, expressou o seu agradecimento a Deus quando enviou a primeira mensagem, no dia 3 de fevereiro de 1973. Sua palavra foi de agradecimento e de estímulo à sua mãe, Yolanda Cezar, pelo trabalho de dedicação desenvolvido por ela, junto aos mais carentes (18):

*Cada criança que a sua bondade ampara sou eu mesmo; cada peça de socorro aos necessitados que sai de suas mãos é bênção sobre mim. E aprendamos a esquecer todos as sombras que, porventura, hajam caído entre nós e a Vida - a Vida que é luz de Deus.*

**Roberto Muszkat** - também tem muito a agradecer. Primogênito do casal David Muskat e Sonia Golcman Muszkat, constituía, com seus irmãos Rachel, Renato, Rosana, Moises Aron e Ricardo, a alegria da constelação familiar.

Aos 19 anos, recém-admitido, após êxito no vestibular, no primeiro ano da Faculdade de Medicina, preparava-se para seguir a carreira do pai, quando fez-se o ponto e vírgula em sua linha existencial terrena.

No dia 14 de março de 1979, depois de fazer uso de um tópic nasal, foi acometido de um choque anafilático - reação alérgica súbita e extremamente grave - vindo a falecer imediatamente. Todo o drama familiar e o intercâmbio através do médium Xavier estão no livro *Quando se Pretende Falar da Vida*, realizado em parceria com seu pai, David. Sua segunda mensagem também está coletada em *A Vida Triunfa*.

Nas cartas aos familiares, Roberto deixa transparecer a elevação de sua alma iluminada. Nelas, encontramos dezenas de expressões judaicas, bem como referências a rituais e costumes multimilenares de seu amado povo. Uma prova extraordinária da sobrevivência!

Sua mãezinha Sônia, seu pai e irmãos, desde a sua partida para a pátria espiritual, têm comemorado o seu aniversário de nascimento

em Uberaba, no Lar da Caridade, anteriormente conhecido por “Hospital do Fogo Selvagem”, e em um dos bairros pobres da cidade, distribuindo mantimentos, roupas e brinquedos. Sonia e amigas realizam, também, o mesmo movimento, há onze anos, todas as quintas-feiras, no Cantinho do Leite Roberto Muszkat, na sede do Lar do Alvorecer, em Diadema.

Roberto dá muita importância a essas tarefas de solidariedade humana (19):

*Estou emocionado. Uma festa diferente num ambiente novo. Celebração dos vinte novembros na Terra. Não sei como escrever o que sinto. (...)*

*Os irmãos esvaziaram as poupanças para me presentear em pessoa de nossos companheiros menos felizes.*

Na 18ª mensagem, Roberto referiu-se ao Cantinho do Leite àquela época apenas um projeto:

*Mãezinha Sonia, agradeço a sua decisão de se dedicar aos enfermos sem ninguém, asseando-lhes o corpo fatigado, e esperamos para breve a fundação e funcionamento da nossa cantina de fraternidade em que toda criança de qualquer procedência possa encontrar conosco o pão e o leite que se fazem bases simples da vida.*

Também muitos Espíritos ressaltam os benefícios da prece dos encarnados, apaziguando-lhes os desassossegos e inquietações no Além.

Santo Agostinho (Espírito), em comunicação dada em Paris, em 1861, e que consta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, lembrou que a fé faz bem ao coração e leva a alma ao arrependimento e à prece. As palavras ditas neste estado de alma são tocantes.

*A prece é um orvalho divino que destrói o maior calor das paixões; filha primogênita da fé ela nos conduz ao caminho que leva a Deus*, ressaltou (20)

Em geral, as pessoas não valorizam esse estado especial de louvor e gratidão que nasce da alma reconhecida.

**Marco Antonio Araújo** - comunicando-se com a mãe Maura, pelo correio mediúnico, ressaltou (21):

*Se soubessem na Terra quanto nos valem na vida espiritual as preces de coragem e de paz, decerto que os nossos entes amados saberiam nos*

*socorrer sem tantas recordações amargas.*

Esse ponto é crucial nas relações familiares. Após a separação temporária de um ente querido, poucos entregam-se à oração, deixando-se abater ante a dor da perda.

## PERDÃO DAS OFENSAS

Nas mensagens recebidas por Chico Xavier, os “mortos” nunca incriminam os “vivos” e nem apontam culpados à polícia. Já os vimos, por diversas vezes, pedir clemência à Justiça pelos inocentes, que respondem a processo criminal nos tribunais terrenos. Constatamos também a súplica de alguns, pedindo aos pais e amigos que perdoem o assassino.

**Carlos Teles Sobral Jr.** (caso 43) - No livro *A Vida Triunfa*, consta o caso deste jovem, que, embora nascido no Brasil, morava em Portugal, onde apareceu morto aos 25 anos. A polícia de Cascais catalogou o caso como sendo de suicídio. Três meses após sua morte, enviou mensagem aos pais, pelo correio mediúnico de Uberaba, esclarecendo que tinha sido assassinado, mas não revelou o nome do autor do crime e aconselhou-os a dar o caso por encerrado.

**Gilson Gravena de Souza** - assassinado por um desconhecido, aos 26 anos, praticamente vetou qualquer tipo de ação judicial contra o algoz, caso os familiares viessem a descobri-lo (22):

*Se eles souberem de algum detalhe do sucedido, que me façam a caridade de não cultivarem qualquer ressentimento. Estou bem, melhorando sempre, e não desejo cair em depressões por motivo de ações que forem movidas contra alguém, seja quem seja, em nome de minha memória. (...)*

*Não quero dispor de tempo para defesas de meu nome, atividade que nem Jesus quis adotar. Estamos felizes porque temos Deus em nossa fé e com a nossa fé venceremos.*

**Gilberto C. Dias** - era paulista, foi assassinado a golpes de faca por um desconhecido, na Colônia de Férias do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, em Campos de Jordão, quando seu filho contava apenas 12 anos.

Na mensagem psicografada, afirmou ter sido amparado pelo *nosso admirável Irmão Kamura*, entidade espiritual, patrono da Fraternidade Espírita Irmão Kamura, da capital de São Paulo. E ressaltou (23):

*Ninguém precisa louvar o mal, porque o mal é uma enfermidade, mas diante do mal devemos sustentar uma atitude de equilíbrio e de oração, como convém, a fim de sermos úteis na extinção das trevas quando as trevas se manifestam.*

*Peço-lhes serenidade e comportamento cristão, na hora de qualquer pronunciamento ou em qualquer reencontro.*

**Cláudio Gianelli** - utilizou o mesmo tom pacífico em sua carta-mensagem dirigida aos irmãos, Odília e Gilberto. Era formado em advocacia pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (SP).

No dia 16 de novembro de 1992, quando se dirigia para a sua residência, depois de ter passado por uma instituição bancária, a fim de regravar suas contas, Gianelli foi perseguido e atacado por assaltantes. Tombou, vítima de um projétil de arma de fogo. Na mensagem, relatou ter estado consciente até o Hospital S. Caetano, mas completamente anulado (24):

*Quando me vi cercado por médicos e enfermeiros, um homem chegou, de leve, até onde me achava estirado e se aproximou de meus ouvidos, dizendo-me: “Filho, não tenha medo! Jesus não nos abandona. Não se aflija com a agressão de que foi vítima! Descanse o seu pensamento que a dor esfacela e pense na Bondade de Deus! Entregue a esposa e os filhos à Misericórdia Divina e repouse...” Quem me falava assim no tom que não posso esquecer? Ele respondeu-me: “Estamos juntos. Sou o seu pai Mario que volta a você para transportá-lo comigo!” Ao ouvir aquelas palavras as lágrimas me brotaram dos olhos e procurei a tranquilidade na oração última.*

*Então, senti que, enquanto ali se preocupavam com o meu corpo ensanguentado pelo tiro que me alcançara, meu pai ali estava comigo auxiliando-me a confiar em Deus. Uma bênção de paz me desceu ao coração e entreguei-me aos braços de meu pai, que se fazia acompanhado de outros amigos. Retiraram-me do corpo devagarinho, como se para ele houvesse voltado a ser criança. Colocou-me de pé e abraçou-me como se eu estivesse nos dias da primeira infância e, tão*

*pacificado me vi, que entrei num sono calmante para mim naquela hora incompreensível.*

*Em seguida, carregando-me nos próprios braços, notei que deixávamos o Hospital e nos puséramos a caminho. Chegamos, seguidos pelos amigos que lhe partilhavam aquele maravilhoso transporte e fui internado numa clínica de grande tamanho, numa paisagem que não era mais a nossa.*

*Ali, com a passagem de algumas horas, meu pai informou-me quanto a minha nova situação. Fiquei ciente que alguém projetara sobre mim uma bala mortífera. Mas quando tive o primeiro impulso de revolta, meu pai asserenou-me, pedindo que eu entregasse tudo a Deus e de nada me queixasse. (...)*

Cláudio contou, na mesma mensagem, que, depois de alguns dias, pôde rever a esposa Zilda e os filhos:

*Cheguei emocionado em nossa casa da Rua Thomé de Soaza e achei a querida Esposa tão ferida no íntimo que não suportei o pranto que se represava dentro de mim. Chorei ou choramos juntos e, até agora, estou trabalhando para asserenar-lhe o pensamento de mãe que enfrenta as provações da viuvez.*

Finalmente, o pedido veemente de Cláudio para que esqueçam qualquer ideia de ódio ou vingança:

*Nessa luta pelo apaziguamento da família tenho estado até agora, mas peço rogarem à nossa Zilda conformação e esperança. E roguem também aos meus queridos filhos não comentarem a dolorosa prova de meu desenlace da Vida Física, e nem guardarem qualquer desconfiança ou o veneno do ódio no coração.*

*(...) Quem comete um delito, fere a si mesmo e não à vítima que caiu prostrada e indefesa, mas confiante em Deus.*

*(...) Quem mata o corpo de alguém terá ferido a si mesmo, estrangulando a memória e perdendo a paz.*

*(...) guardem silêncio e me ajudem com os pensamentos de perdão e paz.*

**Geraldo Arantes de Souza** - foi assassinado, no dia 18 de janeiro de 1970, em Bela Vista de Goiás (GO), aos 50 anos. Enviou mensagem a esposa e aos filhos, pedindo que esquecessem os fatos em si, preocupado, principalmente, com a formação espiritual do filho Sílcio (25):

*Não desejo que o Sílcio cresça armazenando ideias de ressentimento ou de impulsos outros que fariam dele um coração incompatível com a formação que nós ambos procuramos plasmar para o bem com sinceridade e carinho. (...)*

*O delito é uma forma de delírio que precisamos compreender e perdoar, entendendo que o nosso cérebro é igualmente capaz de cair em sombras e alienar-se à frente da realidade.*

*Continue a pensar com grandeza de coração em nossos imaginários ofensores.*

*Eles são dignos da bênção de Deus, tanto quanto nós.*

Este é um dos aspectos extraordinários da mediunidade de Chico Xavier: o teor moral das mensagens recebidas. O controle de qualidade espiritual exigido por Emmanuel permeia toda a obra. Para escrever, valendo-se da mente e das mãos do médium, é preciso que o Espírito comunicante tenha merecimento e, sobretudo, obedeça à disciplina moral imposta pelo mentor, o grande evangelizador do Brasil, conduta que é seguida à risca pelo próprio medianoiro.

## COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS TRIBUNAIS

A ausência de perdão e as injustiças constituem motivo de desequilíbrio para os desencarnados, impedindo-lhes a adaptação à Vida Nova. Por isso, alguns Espíritos voltaram pelo lápis mediúnico, preocupados em esclarecer fatos relativos à sua desencarnação, na ânsia de inocentar os encarnados, levados à barra dos tribunais, por terem sido instrumentos, muitas vezes, involuntários da morte deles.

**Maurício Garcez Henrique** - desencarnou em maio de 1976, aos 15 anos, vítima de um tiro acidental. Morava com seus pais em Goiânia de Campinas, cidade próxima da capital de Goiás. Dois anos depois, enviou comovente carta-mensagem à sua mãe, pedindo-lhe que inocentasse o amigo, José Divino Nunes, que respondia a processo, acusado de tê-lo assassinado (26):

*Peço-lhes não recordar a minha vinda para cá, criando pensamentos tristes. O José Divino e nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de se ferir alguém, pela imagem do espelho: e quando eu passava em frente da minha própria*

*figura, refletida no espelho, sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo ou minha mesmo. (...) Se alguém deve pedir perdão, sou eu mesmo, porque não devia ter admitido brincar, ao invés de estudar. A assinatura de Maurício ao final da mensagem é idêntica, podendo ser estudada grafoscopicamente.*

À época do julgamento de José Divino, era 1979, o dr. Orimar do Bastos, era o Juiz de Direito da Sexta Vara Criminal da capital goiana, onde corria o processo. Na sentença que proferiu, a 16 de julho de 1979, dr. Orimar inocentou o réu, levando em consideração, entre outras peças dos autos, a carta psicografada por Chico Xavier. Consta da sentença os seguintes tópicos (27):

Lemos e releemos depoimentos das testemunhas, bem como analisamos as perícias efetivadas pela polícia, e ainda mais, atentamos para a mensagem espiritualista enviada do além, pela vítima, aos seus pais. (...) Temos de dar credibilidade à mensagem de fls. 170, embora na esfera jurídica ainda não mereceu nada igual, em que a própria vítima, após sua morte, vem relatar e fornecer dados ao julgador para sentenciar.

*Na mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, a vítima relata o fato e isenta de culpa o acusado. Fala da brincadeira com o revólver e o disparo da arma. Coaduna este relato, com as declarações prestadas pelo acusado, quando de seus interrogatório, às fls 100/vs.*

Foi esta a primeira sentença judicial em que o depoimento de um desencarnado foi considerado como válido e importante. Como afirmou Freitas Nobre pela *Folha Espírita*:

O Juiz Orimar Bastos teve o privilégio de iniciar uma nova visão interpretativa do crime (28)

**Heitor Cavalcante de Alencar Furtado** - jovem deputado federal de 30 anos, foi assassinado no dia 22 de outubro de 1982, quando fazia campanha para a reeleição, por um soldado da Polícia Militar paranaense. Escrevendo, através do médium Xavier, aos pais, Alencar e Miriã, quarenta dias após o falecimento, afirmou (29):

*Os homens armados chegaram com vozes altas. Acordei surpreendido e notei, mais com a intuição do que com a lógica, que os recém-chegados eram pessoas inofensivas, tão inofensivas que um deles*

***tocou a arma sem saber manejá-la. O projétil me alcançou sem meio termo e, embora o tumulto que se estabeleceu, guardei a convicção de que o tiro não fora intencional. O olhar ansioso daquele companheiro a desejar socorrer-me sem qualquer possibilidade para isso, não me enganava.***

A carta do filho fez com seu pai, o deputado Alencar Furtado, desistisse da assistência de acusação no processo que se instaurou contra o policial. A carta-mensagem foi apresentada como prova documental e teve influência decisiva no resultado do julgamento, que o condenou por homicídio simples

**Notas:**

- 1) *A Vida Triunfa* - caso nº 12.
- 2) *Presença de Chico Xavier* - pp. 34-35.
- 3) *A Vida Triunfa* - caso nº 22.
- 4) *idem*, caso nº 10.
- 5) *Idem* - caso nº 9. Ver ainda o livro *Amor Sem Adeus* com várias cartas deste jovem.
- 6) *Novamente em Casa* - p. 98.
- 7) *Idem* - p.70.
- 8) *Presença de Chico Xavier* - cap.39, p.143.
- 9) *Novamente em Casa* - p. 114.
- 10) *Idem* - p. 78.
- 11) *Jovens no Além* - pp. 108 a 113; *A Vida Triunfa* - caso nº 2.
- 12) *Caravana de Amor* - cap. 2.
- 13) *A Vida Triunfa* - caso n.º 8 e *Filhos Voltando* - p. 99
- 14) *Idem* - caso nº 31
- 15) *Idem* - caso nº 20.
- 16) *Idem* - caso nº 19.
- 17) *Entes Queridos* - p. 66.
- 18) *Entre Duas Vidas* - cap. 31, p. 97.
- 19) *Quando se Pretende Falar da Vida* - p. 42 e 103; *A Vida Triunfa* - caso nº 33.
- 20) *Evangelho segundo o Espiritismo* - cap. XXVII, p. 315.
- 21) *Claramente Vivos* - cap.7, p. 44.
- 22) *Renascimento Espiritual*, pp. 70 a 74.
- 23) *Correio do Além* - pp. 61 a71.
- 24) *Renascimento Espiritual* - pp. 83 a 90.

25) *Novamente em Casa* - pp. 58 e 59.

26) *A Vida Triunfa*, caso 21

27) *Lealdade* p. 25 a 28

28) *A Vida Triunfa*, caso 21

29) *A Vida Triunfa*, caso 37

**Adaptação à  
Vida Nova (IV):  
Casos Especiais**

Há casos de adaptação à Vida Nova que merecem ser analisados à parte, dadas as peculiaridades especiais que apresentam.

Diante de pessoas deficientes, cujos organismos tiveram severas restrições mentais ou físicas, durante a vida terrena, muitas vezes, paira a dúvida: Elas vão permanecer deficientes no Além? E os suicidas? Serão todos punidos com severidade ou para alguns existiriam atenuantes?

Do mesmo modo, as crianças e os velhos, ao deixarem a vida terrena, carregam particularidades especiais relativas a uma curta ou longa estadia na crosta terrestre. Até que ponto a duração da jornada influencia no desprendimento?

Com os testemunhos das cartas-mensagens e dos ensinamentos dos Amigos Espirituais, é possível elucidar muitos desses dados.

DEFICIENTES

**Maria Célia Marcondes** - a senhora Maria José Caetano Marcondes, em depoimento a Rubens Germinhasi para o livro *Luz Bendita*, escreveu a respeito de sua querida filha, Maria Célia, falecida em 20 de abril de 1975, aos 23 anos, e das preciosas notícias que recebeu dela, através do médium Chico Xavier. Transcrevemos, aqui, parte do seu depoimento (1):

*Era gêmea de Homero Marcondes, hoje médico, residente em Santos.*

*Mas, infelizmente, Maria Célia não acompanhou os passos do irmão-gêmeo tão querido. Aos poucos fomos percebendo - e também os médicos, com muita hesitação, nos procuravam dizer - que Maria Célia apresentava deficiência física. A causa, segundo eles, era trauma de parto, uma vez que as crianças, além de gêmeas, eram de 7 meses, e a Maria Célia foi a primeira a nascer. (...)*

*(...) Maria Célia nunca falou nada, jamais conseguiu segurar qualquer objeto, firmar o pescoço ou sentar-se a não ser quando, em tratamento médico, usava a “coleira” e a “goteira”, aparelhos que, por sinal, tanto a faziam sofrer.*

A partir de 1976, Maria José Marcondes passou a frequentar as sessões do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. Desde então, começou a receber informações sobre os familiares do além, através do Chico, que lhe dizia, inclusive, que a filha estava se preparando para escrever.

*Perto do aniversário de Maria Célia (em 27 de setembro de 1977, ela faria 26 anos), fomos mais uma vez até Chico. E maravilha das maravilhas, na noite de 23 de setembro de 1977, Maria Célia nos enviou a mensagem.*

Desta, destacamos as seguintes informações (2):

*Mãe querida, em seu coração, era eu a pérola que enfeitava a nossa casa, quando gradativamente, compreendi que estava em prova, atendendo às leis de Deus. Mas você, Mãezinha, me falava com tanto amor que me vi na obrigação de asseregar-me.*

*Lembro-me dos seus bons dias, das suas flores, das suas bênçãos. (...) Aprendi com você, Mamãe, a amar a Jesus, de tal forma, que eu já não queria levantar-me e ser igual às outras pessoas, porque desejava que Ele me encontrasse paciente, sem qualquer rebeldia. (...) Agora, eu que aprendi a beijar a efígie de Jesus em casa, estou aprendendo com vocês a enxergar o Senhor em cada rosto de criança ou de pessoa adulta, marcada pelo sofrimento. (...)*

*Mãezinha, agora já posso subir as escadarias da Matriz de Santa Isabel, com desenvoltura e, posso ir até a Serra Grande, escalando a Pedra Branca e a Pedra Grande, para ver, deslumbrada, a paisagem bonita que Deus nos concedeu para viver. E também atingir o Monte Serrat e fazer as orações de agradecimento na igreja de Nossa Senhora!*

Esses locais referidos por Maria Célia são do sítio denominado Três Matias, na variante de Santa Isabel (SP), de propriedade da família.

Como vemos, os deficientes na existência física, após período relativamente curto no mundo espiritual, readquirem a normalidade do corpo sutil.

Vejamos outros exemplos:

**Luiz Alli Fayrdin** - desencarnou no Rio de Janeiro, em 2 de janeiro de 1977. Desde os seis meses de idade, teve uma limitação motora que lhe trouxe severos prejuízos à deambulação, aos 15 anos foi operado, depois passou por mais duas intervenções, vindo a falecer aos 18 anos por complicações pós-operatórias. Enfrentou tudo com grande estoicismo, revelando ao mesmo tempo uma personalidade firme, espírito alegre e descontraído. Em mensagem transmitida a seus familiares, em 16 de junho de 1979, Luizinho, como era mais conhecido, escreve (3):

*Ainda não posso aguentar muitos pensamentos de uma só vez; preciso disciplinar as minhas próprias ideias e traduzi-las em palavras e frases. (...)*

*Posso, no entanto, participar que meu corpo adquiriu a harmonia que eu sonhava, meus pés estão perfeitos, meus braços bem postos e minha voz está fácil, tão fácil, como não poderia imaginar acontecesse.*

*Tenho a felicidade de contemplar os horizontes novos e viajar sem dificuldade, conquanto acompanhando instrutores que nos transmitem novos ensinamentos.*

**Raphael Miralles Placência** - nasceu na cidade de Luque, na República Argentina, e desencarnou em Ponta Porã, Estado do Mato Grosso, no dia 22 de abril de 1952, aos 57 anos de idade, vítima de problemas cardíacos, tendo sido, durante décadas, alcoólatra crônico e tabagista inveterado.

Raphael chamava o filho Milton de Nenecho, até o dia em que este completou 15 anos de idade; depois disso, pelo nome de registro, fato totalmente desconhecido do médium e revelado pela psicografia.

O comunicante era um hábil carpinteiro e tinha um braço defeituoso de nascença.

O médico Elias Barbosa, autor dos comentários do livro que publicou a mensagem de Rafael, comenta o fato (4):

*Chico Xavier nos afirmou que vira o Espírito com o braço perfeito, o*

*que, em última análise, vem confirmar: tão logo retorne ao Plano Espiritual, o Espírito que não tenha se comprometido mais, de modo grave, com a Lei de Causa e Efeito e tenha aceito a deformidade física como fármaco eficaz para erradicar complexo de culpa existente do longa data na intimidade de seu perispírito, consegue ele retomar o corpo na situação anterior, isto é, sem qualquer defeito físico.*

O próprio Rafael confirma na mensagem que consta do livro *Presença de Chico Xavier*.

***Graças Deus, até mesmo de meu braço já estou restaurado e também que tudo faço hoje para fazer desaparecer as lembranças dos meus tempos menos felizes da “canha”.***

## SUICIDAS

Suicidar-se é arrebentar os portões do “lado de lá”, forçar a passagem, em busca do nada.

A maior decepção do espírito suicida, porém, é descobrir que não encontrou a extinção almejada.

A intensidade do sofrimento no mundo espiritual, originada com tal gesto de rebeldia, vai depender da motivação que o determinou, das atenuantes, sobretudo se entre as causas encontra-se a influência de entidades obsessivas. Deus conhece o íntimo de cada ser e pode abrandar a corrigenda, dependendo da causa, da intenção e das circunstâncias que o impulsionaram ao gesto infeliz.

Em muitos desses casos, porém, a dor é superlativa.

A Doutrina Espírita ensina que o suicídio voluntário é uma transgressão da lei de Deus. (5) A alma necessita suportar as tribulações da vida porque são provas e expiações necessárias ao seu progresso. Quando o ser se rebela, fugindo às responsabilidades, recebe o choque de retorno em si mesmo.

Em consequência do auto-aniquilamento, o corpo espiritual sofre lesões mais ou menos profundas que só um novo renascimento conseguirá restaurar.

As cartas aos familiares ocorreram nos casos de suicídio que, segundo nossa análise, foram mais brandos, porque, certamente, ocorreram circunstâncias atenuantes, mas as consequências, mesmo assim, são dolorosas e exigem restauração à custa de muito sacrifício.

**Luís Fernando Botelha de Moraes Toledo** - suicidou-se aos 28 anos; escrevendo aos pais, residentes na cidade de Piracicaba, afirmou (6):

*Estou bem, não obstante compreender que caí na armadilha do mal. Refiro-me ao meu infortúnio, supondo que a vida terminasse com a morte. Estava consciente quando atirei sobre mim mesmo. Perdoem-me o gesto de loucura. Acordei aqui dentro de uma névoa que ainda não se refez. (...)*

O projétil me desequilibrou a vida mas não encontrei pessoa alguma, das muitas que me cercam aqui, capaz de condenar-me (...)

*Minha grande decepção, ao chegar aqui, foi a verificação de que a morte não existe como pensamos; isso me doeu profundamente ao orgulho de homem que conhece tão pouco da verdadeira vida. (...)*

E o jovem confessou a sua necessidade de compreensão e amparo:

*(...) estamos implorando uma oração em nosso favor (...) conquanto eu mereça censura, não estou desligado da fé em Deus.*

**João Alves de Sousa Reis Filho** - apresentou a mesma necessidade de João Alves de Sousa Reis, também suicida, aos 24 anos, falando, comovido, ao coração materno (7):

Penso que o seu carinho me perdoará coma sempre.

*Sofro as consequências de meu gesto infeliz, mas no miolo dessa angústia está o remorso de haver menosprezado a melhor mãezinha que o céu me poderia confiar.*

Como vemos, as consequências do suicídio costumam ser profundamente dolorosas, causando distúrbios por muito tempo.

**José Teódolo Caldeira** - referiu-se, em carta à sua mãe, a esse estado de perturbação que não lhe dava serenidade (8):

*E logo que o barulho me deixar a cabeça e asserenar o coração, serei de nova seu filho.*

Da dolorosa experiência, retirou a advertência que pede seja divulgada:

*Ensinem que o suicídio é um despenhadeiro nas trevas e digam a quantos saíram no mundo que a dor é bendita e que a vida se aperfeiçoa por ela em nome de Deus.*

## INIMIGOS INVISÍVEIS

**Dimas Luiz Zornetta** - com o falecimento do seu irmão Domingos e o fato de ter perdido o emprego, entrou em depressão e baleou a própria cabeça, desencarnando a 8 de janeiro de 1984. Sua mãe Lourdes demandou Uberaba à procura de Chico Xavier, ansiosa por notícias do filho querido. A 7 de setembro, oito meses após o suicídio, recebeu as primeiras informações. Dimas confessava, então, ter perdido parcialmente a visão, referindo-se às lesões produzidas em seu corpo perispirítico, no momento em que aniquilou, com o projétil, a mesma região cerebral do cérebro físico.

Na segunda mensagem, detalhou mais, afirmando que estivera, por seis meses, totalmente cego, tendo se submetido a tratamento constante na Espiritualidade para conseguir a melhora parcial. Nessas duas mensagens, destacou a *pressão de inimigos invisíveis* que influíram muito em sua decisão, forçando-o, praticamente, ao suicídio. Apesar da influencia negativa exterior, reconheceu-se na batalha pela recuperação (9):

*Graças a Deus e ao seu amor de mãe, todos os meus problemas essenciais encontraram solução, muito embora, em pessoa, ainda sofra as consequências de meu gesto impensado.*

**Cláudia Pinheiro Galasse** - passou também por essa triste experiência, influenciada por espíritos infelizes, suicidando-se a 9 de setembro de 1982 (10): ....

*(...) me via insuflada pelas inteligências sombrias .... mão pesada que comandava os meus dedos. Sentia-me possuída por uma vontade que não era minha vontade e um constrangimento imbatível para a minha fraqueza com o que me hipnotizava, mostrando-me o pessimismo de quem fracassara por dentro de si mesmo.*

Ela percebeu que não conseguiria mais livrar-se daquele ser estranho. Mas apesar da dolorosa experiência, Cláudia progrediu enormemente no além, por seu esforço pessoal, utilizando sua vontade firme e forte.

Através de Chico Xavier, escreveu o livro *Escola no Além*, contando as tarefas às quais está ligada no Mundo Espiritual. No prefácio deste livro, o benfeitor Emmanuel assim se expressa sobre Cláudia (11):

*Entregue ao tratamento de recuperação, só em princípios de 1983*

*atingiu o próprio restabelecimento, conscientizando-se quanto à dor que deixara entre os familiares queridos.*

*Embora as lágrimas, conseguiu equilibrar-se à custa de persistente esforço mental, merecendo o reconforto de comunicar-se com os pais e irmãos, afim de fortalecê-los.*

*Em 1984, atendendo-se-lhe à paciência e ao trabalho constante, em favor dos irmãos desenfaixados do corpo físico, mas ainda doentes e revoltados, foi admitida em um dos nossos vários Institutos de apeio e amparo à infância no Além, espiritualmente desprotegida.*

*Desde esse tempo, vem funcionando com elevado senso de compreensão e humildade, crescendo na admiração e no respeito dos Mentores que supervisionam as nossas Instituições, entre as quais nos encontramos.*

*Em 1986, sempre devotada ao espírito do serviço, estudando e ensinando, trabalhando e aprendendo, realizou notáveis diálogos e palestras com grande número de colegas e professores, destinados à elevação do nível mental deles mesmos.*

*Em janeiro do ano de 1987, instituiu-se entre vinte, das dezenas de Institutos educativos da região, um concurso para a apresentação de um livro, estruturado em pequenas dimensões e tão simples quanto possível, para esclarecimento e reconforto dos familiares que choram a perda de crianças no mundo, especialmente os pais.*

*O livro seria elaborado por professores que estivessem vinculados na região às áreas do ensino, e devia contar com simplicidade o cotidiano das crianças desencarnadas, retratando-lhes a Vida Espiritual, em traços rápidos.*

*Cinco Mentores receberiam as páginas das candidatas para exames e conclusões oportunos.*

*Mais de duzentos educadores compareceram ao certame. E depois de intensa movimentação durante meses, em setembro último, no dia consagrado a Primavera, os resultados foram conhecidos.*

*O primeiro lugar foi conquistado pela professora Cláudia Pinheiro Galasse, com os aplausos dos presentes.*

*Depois dessa apresentação da autora, o Benfeitor Emmanuel referiu-se ao livro *Escola no Além*, como uma pequena jóia mediúnica que recomendamos, vivamente, a todos aqueles que se interessam pela vida infantil na Terra ou no mundo espiritual.*

Existem outros livros recebidos por Francisco Cândido Xavier, tais como *Nosso Lar* e *Missionários da Luz*, nos quais encontramos outros preciosos ensinamentos acerca do suicídio. Nem poderíamos deixar de recomendar o livro *Memórias de um Suicida*, recebido pela médium Yvorme A. Pereira, um clássico da literatura espírita sobre o assunto, verdadeiro tratado nesse campo, e que mereceria comentários à parte, tal a riqueza de informações.

#### SUICIDA EM VIDA ANTERIOR

Fábio Mário Henry - cursava o quarto e último ano de Agronomia na “Universidade Federal do Mato Grosso, onde desfrutava de prestígio, em face de seu excelente desempenho como aluno, quando foi atingido por um projétil certeiro. Veio a falecer no dia 25 de agosto de 1985, em Cuiabá, aos 23 anos.

Seus pais, Hortência e Mário Duílio Evaristo Henry, foram a Uberaba doze dias após a sua desencarnação e, sem qualquer informação anterior a respeito, Chico Xavier disse-lhes que, naquele momento, duas senhoras, d. Maria da Conceição e d. Rosina, estavam presentes e que haviam socorrido o jovem no plano espiritual. Tratava-se da avó materna e bisavó paterna, desencarnadas há muitos anos. Mais tarde, Fábio Henry enviou a seus pais uma carta bastante esclarecedora.

Vejamos alguns tópicos de sua mensagem (12):

*Mãezinha Hortência, todas as nossas provações já passaram. Aquele projétil acidental que me arredou da vida física se transformou no bisturi de benemerência, que me devolveu a harmonia e saúde ao coração.*

*Compareço aqui com o meu avô Pedro - o nono Pietro - lembrando que na próxima semana, isto é, na segunda-feira próxima, completaremos doze meses sobre a minha liberação espiritual.*

Em seguida, Fábio explicou aos pais que ele e o amigo Albano haviam saído da danceteria e conversaram, despreocupadamente, quando fora atingido pela bala desfechada por um desconhecido que estava embriagado e atirava a esmo. Elucidou também, na mesma carta, que resgatara um débito do passado:

*Aqui estou ainda com a presença da vovó Rosina que é testemunha de tudo quanto lhe digo. Posso dizer-lhe, com permissão dos nossos*

***Mentores da minha vida nova, que o bisavô Evaristo, que atirou sobre o próprio peito, suicidando-se na Itália, sou eu mesmo, que tive o coração aniquilado por um tiro acidental.***

Segundo informação dos familiares, Evaristo Henry, o bisavô paterno, nascido em Luccana Itália, a 9 de fevereiro de 1871, suicidara-se em 8/2/1920, em sua terra natal, onde trabalhava, com um tiro no coração.

Temos aí um caso de resgate de vida passada.

## CRIANÇAS

Em seu livro *Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer*, a dra. Elizabeth Kübler-Ross (13) afirma que a preparação para a morte deveria começar bem cedo em nossas vidas, *deveríamos ensinar nossas crianças e jovens a encararem a realidade da morte*. Segundo sua experiência, os seres humanos preparados desde pequenos, *não teriam de passar por todos os estágios\**, *se fossem acometidos de uma doença mortal, e com relativo pouco tempo para resolverem negócios pendentes. Vive-se uma qualidade diferente de vida quando se defronta com as próprias limitações, enfatiza.*

Pelo grau de maturidade que algumas crianças doentes mostram frente à morte, inclusive revelados nos casos de EQM estudados pelo dr. Melvin Morse, cremos que a dra. Ross tem razão. Paulatinamente, devemos introduzi-las na inflexível realidade da separação física, preparando-as, ao mesmo tempo, para a continuidade da vida no além. O difícil nessa questão educativa é que os próprios pais, de um modo geral, estão completamente despreparados, revelando-se professores incompetentes, que só despertam para o assunto - e mesmo assim de forma passageira- quando algum parente ou amigo morre, repentinamente. Embora quase três quartas partes da humanidade creia na sobrevivência da alma, a maioria dos crentes está despreparada para a vida no além.

Nas mensagens enviadas pelas crianças, através do médium Chico Xavier, notamos a preocupação delas frente ao sofrimento dos pais.

**Renata Aveia de Oliveira** - desencarnou aos 11 anos, em sua carta, ela extravasa seu sentimento de apreensão (14):

---

\* A dra. Elizabeth Kübler-Ross, estudando os estados psicológicos dos moribundos classificou-os em 1) Da Negação; 2) Da Raiva; 3) Da Barganha; 4) Da Depressão; 5) Da Aceitação.

*O papai nos preocupa, com razão, porque desceu a tal condição de tristeza e desalento que precisamos reunir as nossas energias para trazê-lo de novo ao interesse pela vida; pobre papai, pensou tanto em mim, com aquela situação difícil de doença irreversível que me levou até mesmo a uma cirurgia do cérebro, que não conseguiu suportar a carga das preocupações de que fui involuntariamente a causadora.*

*Quero dizer ao papai José Menezes que a moléstia no corpo é tratamento da alma e que, se sofri por algum tempo, o proveito foi grande em meu benefício.*

**Bianca Jassé Cunha** - desencarnou em 16 de agosto de 1984, aos seis anos incompletos. Confortando os pais, Sonia e Fernando, ela diz num dado trecho de sua carta (15):

*Mãezinha, vim pedir a você para não chorar. Você me sinta se não puder me ver, pois já sei que existe uma fronteira entre aqueles que deixam o corpo físico e os que ficam nas casas (...)*

*Diz a vovó Dolina que a meningite me tomou de assalto, mas estou com meu corpo perfeito. (...)*

*Mamãe Linda, já chorei muito, mas peço aos céus me auxiliem, para não chorar, aumentando as suas lágrimas. Nós confiaremos em nosso Pai do Céu e venceremos.*

As mensagens consolam os corações paternos, principalmente com o testemunho da verdade e a certeza de que os seres queridos permanecem vivos.

**Renato Lucena Nóbrega** - desencarnou aos dois anos, em consequência de afogamento na piscina e enviou várias mensagens a seus familiares. Na primeira delas, diante da desolação dos pais frente à perda dolorosa, explicou (16): *o que me aconteceu não foi provocado por pessoa alguma. Eu estava com sede e vendo a piscina com tanta fartura de água, estirei-me na beira, na esperança de conseguir beber água com a minha própria boca. No esforço que fazia o corpo pesou muito e caiu na água de ponta-cabeça.*

E descreveu o socorro espiritual:

*Uma senhora se aproximou de mim e falou-me em descanso.(...) Carregou-me com os cuidados semelhantes aos da vovó e conduziu-me à casa diferente da nossa. Ali trocou-me de roupa, deu-*

*me um remédio para aliviar o cansaço que eu sentia e então, sem poder falar como desejava, dormi um sono longo, cuja duração não consigo explicar.*

Como é que um espírito que desencarna aos dois anos pode dar mensagens através da psicografia? Renatinho responde a essa questão na própria carta aos familiares:

*Estou escrevendo quase depressa porque a mão direita da vovó Carolina está sobre a minha mão, auxiliando-me a enviar-lhes notícias minhas.*

**Ética Leticia Gallo** - desencarnada aos três anos incompletos de câncer da suprarrenal, escreveu também apoiada pela avó, assinando a carta com letra de forma. (17)

Como podemos ver, os Espíritos não abandonam os seus que ficaram na retaguarda. E na ânsia de se fazerem presentes, vencem a impossibilidade temporária, valendo-se do concurso dos amigos espirituais, de modo semelhante ao que ocorre aqui no Brasil com pessoas que não sabem escrever ou apenas sabem escrever o nome, que se valem de outras para expressar suas ideias e sentimentos.

Aliás, o nosso querido Chico Xavier, quando jovem, escreveu muitas cartas de amor a pedido de pessoas que não o sabiam fazer e, segundo os Espíritos, isto lhe auxiliou no desenvolvimento da faculdade psicográfica ainda latente na ocasião. O importante é que os dados referenciais constantes das cartas convencem os parentes da veracidade da comunicação.

**Renato Rodrigues** - faleceu no dia 5 de outubro de 1980, aos dez anos, em consequência de um tumor cerebral que fora cirurgiado, mas que o levava ao coma e à desencarnação. Em 23 de outubro de 1981 enviou a primeira mensagem e, em 15 de fevereiro 1985, a segunda. Nesta última, esclareceu aos pais quanto ao tipo de tratamento a que se submeteu no mundo espiritual (18):

*Lutei bastante para recuperar a fala, porque os meus nervos jaziam silenciosos e petríficas, no meu entender. Depois de muitos exercícios é que reconquistei o dom de falar com segurança.*

*Não mais sentia dores (...) isso se devia à ausência do tumor que me incomodava tanto...*

**Fernando Augusto Veríssimo Bonifácio**, por sua vez, também

escreveu à mãe, esclarecendo sobre sua recuperação no Além. Despreendeu-se do corpo aos oitos anos, quando cursava a terceira série do 1º grau, no Colégio Santos Anjos, na capital paulista. Desde cedo, manifestou o anseio de ser médico, revelando uma religiosidade inata, fazia orações com grande espontaneidade. Em abril de 1984, apresentou fortes dores de cabeça, tendo os exames médicos apontado para o diagnóstico de um tumor benigno da hipófise. Em 40 dias, após vários outros exames, foi colocada uma válvula no cérebro, em cirurgia que durou 11 h e 40 m.. Mas o menino não resistiu e desencarnou a 2 de junho de 1984.

Em sua segunda mensagem, dirigida à mãe esclareceu (19):

*De começo sofri bastante com a saudade e com o anseio de permanecer inutilmente no corpo, no entanto, observei que a minha melhora espiritual jazia na conformação a que fui submetido para verificar que o meu corpo espiritual retomaria os meus caracteres de formação.*

*Hoje posso dizer-lhe que, o meu crescimento em espírito, cresce vigorosamente em meu próprio benefício. E dou-lhe estas notícias não para exibir um adiantamento que não tenho ainda, mas para expressar-lhes a verdade, que tenho estado a postos, aproveitando os ensinamentos de meus avós que são verdadeiros mestres de carinho e abnegação a meu favor.*

Como já enfatizamos, a aceitação é fundamental para o êxito da recuperação perispiritual, seja qual for a faixa etária do óbito.

**Jomar d'Utra de Castro** - desencarnou aos sete anos, em consequência de neutropenia crônica congênita, doença que o levou a inúmeras internações até a desencarnação. O corpo frágil ajudou-o a valorizar a vida (20):

*Querida mãezinha Denise e meu querido papai Sebastião, a vovó Mariana me trouxe para dizer-lhes que estou muito forte, crescendo em vida nova.*

*(...) não se aflija lembrando a minha queda, em que me feri no joelho. Tudo devia ser como aconteceu.*

*O corpo frágil, sem defesa, era aquele mesmo de que eu precisava para valorizar a vida.*

Veja mais sobre tratamento espiritual, casos de leucemia em especial, no capítulo sete.

## CRESCIMENTO DE CRIANÇAS NO MUNDO ESPIRITUAL

**Carlos Augusto Ferraz de Lacerda** (21) - desencarnou a 16 de setembro de 1951, aos quinze anos e meio, em Campinas, quando o teto do cinema Rink desabou em plena manhã, matando também dezenas de outros jovens. Era um débito coletivo, uma conta do destino, desde a Idade Média, que eles tiveram a oportunidade de resgatar, conforme Carlos Augusto explicou à sua mãe, Inayá Ferraz de Lacerda, em carta psicografada por Chico Xavier.

Neste caso, desejamos ressaltar um fato comum na erraticidade: o crescimento do corpo espiritual de crianças e jovens. No caso de Carlos Augusto, podemos dizer que esse crescimento foi palpável. Expliquemos: entre as inúmeras fotos de espíritos materializados nas sessões ocorridas em Pedro Leopoldo, com a presença de Chico Xavier, e tendo como médium principal de efeitos físicos Francisco Peixoto Lins, o Peixotinho, podemos ver a de Carlinhos, nome pelo qual era mais conhecido. Estava, em plena maturidade, indicando o seu crescimento na vida espiritual. Dá para comparar as duas fotos, vendo a estampada no livro *Luz Bendita*, pouco antes de sua desencarnação e a obtida na sessão de materialização estampada no livro de Lamartine Palhano Júnior e Wallace Fernando Neves, o Dossiê Peixotinho.

Observa-se, claramente, o processo de crescimento e maturidade do Espírito no Além.

**Rosângela Afonso da Silva** - há um interessante depoimento dessa jovem desencarnada em Sacramento, (MG), no dia 29 de setembro de 1972, aos 20 anos, recolhido no livro *Entre Duas Vidas*. Ela reencontrou-se com o irmão falecido aos nove anos, 18 antes de sua desencarnação. Muito alegre, desprendida, afeiçãoada aos mais humildes, Rosângela contou, na carta dirigida à mãe, em 17 de novembro de 1972, como foram seus primeiros momentos no mundo espiritual (22): (...) *sonhei que amigos me rodeavam. Eram tia Amália, a tia Mariquinha, a irmã do “seu” Eurípedes, que me abraçaram e depois delas um rapaz me tomou o braço.*

*“Você não me conhece, Rô ?” A voz dele era nossa, tão nossa que mesmo em sonho me assustei.*

***“Pois é, querida irmã, eu sou o Tomé, que já cresci assim tanto...”***

Rosângela encontrou o irmão já moço a auxiliá-la no transe da morte:

***(...) Tia Amália, aquela mesma criatura boa de minha meninice, me abraçou quase a me carregar e me levou com Tomé e os outros, pois eram muitos os amigos presentes à nossa casa.***

***Dizer à senhora o que senti quando me vi em duplicata, não posso nem tentar. Muitas vezes havia refletido na morte, mas a morte era assim tão rápida?***

**Artur Francisco Köller** - o garotinho de Porto Alegre, caçula da família, nasceu em 28 de maio de 1979 e desencarnou aos três anos e três meses de idade, a 23 de agosto de 1982, em consequência de um câncer do fígado.

Na primeira carta, enviada cinco meses depois, a 28 de janeiro de 1983, dá um testemunho de grande autenticidade mediúnica, contando para a mãe a estória da estrelinha, a qual podemos acompanhar neste trecho (23):

***A estrelinha, porém, se transformou no pintinho louro e, quando as asas amarelas se desenvolveram, a fantasia não mais me coube, porque era a sua criança-estrelinha aquela em que você se via tal qual é. Mãezinha Terezinha, o pintinho amarelo tomou a feição da estrela pequenina novamente, mas quem diz que conseguirei voltar ao azul do Céu sem a estrela que me deu a vida?***

Por detrás desta linda estória está todo um testemunho de amor e de certeza da sobrevivência.

Quando Artur estava muito doente, sua mãe perguntou-lhe se ele iria morar com o Papai do Céu, e o menino respondeu afirmativamente.

Mãe e filho tiveram, então, o seguinte diálogo:

- *Quando tu fores morar com o papai do Céu e a mamãe do Céu, a mãezinha vai lá no Chico Xavier e tu prometes escrever para a mamãe?*

- *Sim, eu prometo.*

- *Mas vamos fazer um segredinho: se me escreveres pelo Chico ou por qualquer outro médium, eu vou acreditar se falares estas palavrinhas: estrela, estrelinha ou Estrela de Belém.*

Feito esse acordo, o segredo foi mantido, nem a mãe nem a criança falaram dele a quem quer que seja.

Eis que, pela extraordinária mediunidade de Chico Xavier, Artuzinho

voltou por inteiro ao coração da mãe, contando a estorinha com todos os elementos de identificação.

Na segunda e terceira cartas, enviadas aos pais, Terezinha e Erny, publicadas no livro *Caravana de Amor*, Artur já se revelava um adulto, tendo crescido rapidamente, no mundo espiritual:

*A Estrelinha do seu sonho agora é um rapaz tamanho, mas sempre criança para a sua ternura*, brincou, afetuosamente, com a mãe.

**Jáder Eustachio Guimarães de Macedo** - filho de Eustachio Antônio de Macedo e d. Elza Guimarães de Macedo, desencarnou em Catalão (GO), a 9 de maio de 1972, em consequência de osteossarcoma da líbia esquerda. Frequentou só o jardim da infância e o pré-primário, por seis meses, tendo tido apenas dois meses de leitura, porque a desencarnação se deu aos sete anos incompletos. Na mensagem enviada aos pais e coletada no mesmo livro, *Entre Duas Vidas*, o garoto Jáder fala sobre o cemitério (24): ***Podem ir ao lugar onde vocês julgam que fiquei, mas não chorem.***

Com muita propriedade, afirma: ***onde vocês julgam que fiquei***, porque há uma noção muito equivocada de que os entes queridos permanecem no cemitério após a morte. Se ficassem ali, seriam muito infelizes. Temos de desejar de todo o coração que não permaneçam em tais ermos, mas estejam se refazendo em hospitais-escolas, aprendendo e trabalhando para que se sintam úteis e felizes. E, na mesma mensagem, o menino Jáder ofereceu uma lição a todos nós:

***Agradeço tudo, mas tudo o que desejarem me oferecer agora, convertam em auxílio aos meninos doentes. O preço de uma rosa é quanto custa um pão.***

***Será isso mesmo? Não sei. Mas creio que dei o pensamento do que desejo falar. E a rosa pode ficar na roseira que eu recebo a flor pela intenção.***

Como constatamos, o Espírito é eterno e detentor de todas as suas possibilidades. Comentando a mensagem de Jáder, o psiquiatra Elias Barbosa, co-autor do livro *Entre Duas Vidas*, lembra o *Manual Prático para Psicanalistas*, de Ella Freeman Sharpe, onde se lê: *O reservatório do Id, que fornece a energia que utilizamos em todas as nossas atividades, não tem conhecimento do tempo nem do espaço. Nossa vida essencial não conhece a mortalidade. Daí a vitalidade em idades avançadas*

*daqueles cujo vida psíquica acha-se ajustada de modo feliz.*

De fato, essas crianças são espíritos imortais, muitos deles com larga soma de experiências construtivas, a ensinarem os adultos. É o que se pode concluir de depoimento como o que reproduzimos aqui:

**Maurício Xavier de Vieira (25)** - (...) *Quanto puderem, distribuam tudo o que pretendem guardar por minhas lembranças. Estaremos ligados no amor, mas não presos a objetos que de certa maneira nos escravizam.*

#### ESCOLAS NO PLANO ESPIRITUAL

**Andréa Lodi** - tinha nove anos quando partiu da Terra, vítima de desastre automobilístico, na avenida dos Bandeirantes, em São Paulo. Escrevendo a seus pais, Armando e Edinah afirmou (26):

*Sei que estou melhor e com o apoio do meu avô Sílvio estou num grande colégio cercado de jardins (...)*

*Nossos professores, aqui, muitos deles informam que possuem filhos na Terra e que nos amam da mesma forma como as crianças deles são estimadas e protegidas por muita gente boa no mundo.*

**Eduardo Zibordi Camargo (Dudu)** - faleceu a 6 de fevereiro de 1966, no Hospital Samaritano, em São Paulo, em consequência de tumor cerebral. Na primeira mensagem, falou do lugar aprazível onde se encontra (27):

*Nossa escola é um parque marcado de fontes e flores. Céu azul e muita beleza em tudo. Paz e ensinamentos, estamos amparados (...)*

Na segunda carta, lembrou-se, poeticamente, do lar terrestre, demonstrando gratidão e lhanza de caráter:

*Que filho não sentirá falta do lar onde se acolheu para nascer, assim como o pássaro que voa e voa, mas sempre sem perder o rumo do ninho? (...)*

Mas não deixou de realçar a escola do além, onde aprende as grandezas da pátria verdadeira:

*Que a nossa mansão de paz e de instrução é linda, não vacilo em reconhecer que os protetores são apoios de luz e carinho, sou o primeiro a observar; que as flores que nos cercam lembram estrelas que fulgem no solo é a pura verdade e que a nossa união é uma festa constante, é*

*o que vejo em toda parte.*

Indicamos também dois preciosos livros, *Crianças no Além* e *Escola no Além*, (este último já referido ao estudarmos a condição dos no item sobre os Suicidas), com mensagens muito esclarecedoras sobre a vida infanto-juvenil na erraticidade. Outros livros onde podem ser encontradas comunicações de crianças são: *Reencontros, Tempo e Amor, Estamos no Além, Entes Queridos, Ninguém Morre*, etc.

Recomendamos, ainda, um importante livro da *coleção André Luiz, Entre a Terra e o Céu*, onde aprendemos muito sobre o assunto.

## VELHOS

Há um “velho sapeca”, muito nosso conhecido (cap. 6) que pode nos dar alguma idéia da sua experiência. Ele mesmo, **Carmelo Grisi**.

Desencarnado aos 86 anos, passou os dois últimos deles em estado de confusão mental, sem domínio das próprias ideias. (28)

*Às vezes me espantava de reconhecer que falava para a Cida os assuntos que não estavam em meus propósitos. O corpo me parecia em muitas ocasiões um violino quase já sem cordas.*

Assim descreveu Carmelo os últimos dias terrestres. E enfatizou:

*Eu não mantinha mais governo sobre as minhas faculdades e os protetores espirituais julgaram mais oportuno que eu retornasse no justo momento em que “passei” ou me “passaram”.*

*Romeu, a fé, com o Auxílio de Deus, funcionou em meu benefício.*

Em seguida, foi ao reencontro com a esposa falecida em 1954 e com os amigos de Rio Preto e Votuporanga:

*A nossa querida Elvira continuou, junto de mim, nos cuidados que a nossa Cida me dispensava e nosso doutor Orlando me auxiliou com dedicação nos diálogos de cura. (...)*

*Estou no início de uma grande jornada para a qual estou refazendo a memória, pouco a pouco.*

Essa primeira comunicação, dada sete meses depois da desencarnação, indica que ele ainda estava em recuperação.

Mas, na segunda mensagem, suas brincadeiras de menino já estão de volta:

*Quem diz que o espírito sai voando do corpo que se cuide. Há muito caminho para ser transitado. Pernas fracas, corpo ruim, coração disparado, memória esquecida e pesadelos estão por aqui comigo como*

*estavam aí, temos tratamentos e exercícios de retomada de nós mesmos.*

Sua tarefa é, também, a de alertar outras pessoas que desencarnam em idade provecta:

*(...) preciso dizer aos velhos, quanto eu fui, para que não temam a jornada da grande mudança. Todos encontrarão, creio eu, o que eu encontrei: corpo em desgaste imaginário para ser recauchutado com nosso próprio esforço de dentro para fora.*

De qualquer maneira, moços e velhos enfrentam o mesmo problema: a dificuldade em deixar tudo, uns porque ficaram pouco, outros porque ficaram muito: (...) *mas quem disse que é fácil largar tudo o que foi nosso por tantos anos seguidos, afim de assumir um gênero de vida completamente diverso?*

*Em princípio, não estudei para ser anjo e continuo velho e moço ao mesmo tempo. Dias aparecem nos quais estou de polegar para cima, e outros muitos chegam para mim nos quais estou de polegar para baixo. Isso pode ser uma lástima, no entanto, sou o que sou e não adianta me fantasiar de espírito protetor, que ainda estou longe de ser.*

Carmelo fala que todos trazemos uma criança por dentro de nós e que a velhice é o melhor tempo dessa criança aparecer. Ele sintetizou muito bem a necessidade do velho no Além: carinho, amor, aliás, como todo mundo.

Com suas lições, aprendemos que os velhos podem encontrar dificuldades em abandonar rodas as coisas às quais se afeiçoaram, reforçadas pelo hábito repetido.

Do ponto de vista da energia vital, a liberação é mais fácil na doença prolongada ou na existência longa, porque os próprios anos vívidos na Terra incumbem-se de extingui-la lentamente, como se fora uma vela que se consumisse devagarinho. Mas esta liberação dos laços do corpo vital, ou duplo etérico, pode não significar abandono facilitado do plano material.

Em última análise, o desprendimento dos afetos e bens terrenos não depende, fundamentalmente, da maior duração da existência, mas, prioritariamente, da adesão mental do Espírito morador à Vida Nova. Assim, seja qual fora faixa etária em que surja, a morte vai testar nossa capacidade mental de abandonar o plano grosseiro e aderir a uma outra dimensão. Nossa evolução espiritual determinará o menor ou maior grau de adesão à novas expressões de vida.

Com relação aos psicóticos ou loucos, pode-se chegar à mesma conclusão como nos casos dos deficientes e velhos esclerosados: eles voltam à normalidade no mundo espiritual, em tempo menor ou maior, conforme tenham expungido a culpabilidade da própria consciência.

#### Notas

- 1) *Luz Bendita* - p. 90 a 100.
- 2) *Idem, ibidem*.
- 3) *Novamente em Casa* - p. 84 a 86.
- 4) *Entre Duas Vidas* - caps. 23 e 24.
- 5) *O Livro dos Espíritos* - Parte 4ª, capítulo I.
- 6) *A Volta* - cap. 13.
- 7) *Vivendo Sempre* - p. 64.
- 8) *Presença de Chico Xavier* - cap. 14, p. 61.
- 9) *Porto de Alegria* - cap. 10. Ver também *Folha Espírita*, dez. 8.9
- 10) *Folha Espírita* - maio 87, 1ª mensagem: 21/1/83.
- 11) *Escola no Além* foi editado pela Ideal, em outubro de 1988. Observa-se que, cinco anos após o suicídio, em 1987, Claudinha já está em plena tarefa, tendo passado em 1.º lugar em concurso na Espiritualidade, e, um ano depois, viu o seu livro publicado. O *Livro dos Espíritos* afirma que o Espírito responsável pelo suicídio, é tido no Além como verdadeiro assassino.
- 12) *Assuntos da Vida e da Morte* - p.73 a 81.
- 13) *Perguntas sobre a Morte e o Morrer* - p.15.
- 14) *Corações Renovados* - pp. 87 e 88.
- 15) *A Volta* - cap. 1.
- 16) *Dádivas Espirituais* - cap. 7.
- 17) *Gratidão e Paz*- pp. 30 a31.
- 18) *Caravana de Amor* - cap.7.
- 19) *Renascimento Espiritual* - p. 44 a 49 e *Lar Oficina*, p. 45. Ver também *Folha Espírita*, jan. 86.
- 20) *Continuidade* - p. 66 e 67.
- 21) *Luz Bendita*- p.118. Ver a foto do Espírito materializado, em *Dossiê Peixotinho* (p. 241).
- 22) *Entre Duas Vidas* - caps. 29 e 30.
- 23) *Vozes da Outra Margem* - p.15 a 28; Ver também *Caravana de Amor* - cap. 3.
- 24) *Entre Duas Vidas* - caps. 35 e 36.

- 25) *A Vida Triunfa* - caso nº 35; Ver também *Enxugando Lágrimas* - pp. 172 e 173.
- 26) *A Vida Triunfa* - caso 25.
- 27) *Vida Nossa Vida* - pp. 56 a 69
- 28) Todo os textos estão em *Carmelo Grisi, Ele Mesmo*. Ver também *Folha Espírita*, março/83.

## Conclusão

*Um dos benefícios que o Espiritismo vem trazendo à humanidade é ensiná-la a saber morrer. Argemiro Acayaba de Toledo (Presença de Chico Xavier)*

*Afinal, o que é a morte? O que pensamos quando dizemos destino, acaso, azar? Parece que uma série de eventos inexplicáveis se abate sobre nós, algo que não conseguimos compreender. Tudo parece não ter lógica, aquela lógica que nos guia em nossas ações cotidianas. Experimentamos uma sensação de desconforto, de dor, diante de acontecimentos que não nos parecem naturais. No entanto, o que pode haver de mais “natural” do que a morte de uma pessoa querida? Por que não conseguimos “aprender” de uma vez por todas que os corpos e as coisas do mundo são perecíveis, transitórias?*

*Por uma razão muito simples: porque em nosso íntimo, acreditamos que as coisas permanecem. É assim que agimos em nossa vida diária. Dizemos para nós mesmos que por trás das aparentes alterações, há algo que não muda, há algo permanente. É por isso, que podemos dizer que somos a “mesma” pessoa, o mesmo “eu” de há dez anos atrás, embora tenhamos envelhecido, sofrido, aprendido coisas novas.*

*Este livro vem mostrar que não há razão para nos desfazermos das nossas crenças cotidianas. Não há razão para abandonarmos essa ideia tão comum de que as coisas permanecem apesar de estarem em contínua mudança. Não há razão para pensarmos que os eventos de nossa vida não podem ser explicados racionalmente. Afinal de contas, não deve ser obra do simples acaso que seja essa maneira como pensamos. (1)*

Reconhecemos, no entanto, que o ser humano convive com essa contradição dilacerante: no seu inconsciente, não conhece o evento morte, intuitivamente **sabe** que as coisas permanecem, apesar da contínua mudança, no entanto, **teme** o “outro lado”, a continuidade. Fecha-se à outra face da mudança. Por falta de maturidade espiritual,

perturba-se, acreditando que somente a existência física é permanente, quando, na verdade, a vida no Além é a única eterna, primitiva, preexistente.

E mesmo os religiosos agem, em sua grande maioria, como se a morte lhes abrisse abismos de sono e distanciamento dos entes queridos, sem nenhuma perspectiva alentadora.

Se os seres humanos discutissem mais os assuntos da vida e da morte, procurando facear, com naturalidade, as questões da sobrevivência, diminuiriam em muito os caminhos da violência nas trilhas do mundo. Nesse caso, estavam muito mais vinculados ao clima de paz e fraternidade, dada a perspectiva de relatividade e transitoriedade na qual todos se reconheceriam envolvidos.

É de se ressaltar que, aqui na Terra, vivemos em clima de grande heterogeneidade – Espíritos de graus evolutivos diferentes mesclam-se na vida cotidiana – no entanto, no Além, estaremos circunscritos aos grupos de afinidade, viveremos nas comunidades de nossa eleição afetiva.

Por tudo isso, acreditamos que todos os assuntos abordados neste livro são de sumo interesse para a existência humana, embora descrevam a vida no Além, **terra devoluta** que ninguém quer.

Para muitos, as informações dos Espíritos, endereçadas de uma perspectiva diferente, “de lá” “para cá”, parecem contos da carochinha, bem “distantes” da “realidade tangível”. Tocamos, no entanto, em alguns pontos, que nos advertiram quanto à ingenuidade dessas “realidades tangíveis”. Faz um século que a matéria deixou de ser trincheira inexpugnável, apresentando-se, hoje, como “cordas” tangidas por energias sutis; no entanto, muitos permanecem fixados em redutos inflexíveis, em suas “realidades tangíveis”.

Neste livro, enfeixamos os testemunhos de centenas de Espíritos, os quais, na existência terrena, foram gente como a gente, reconhecidos como autênticos pelos familiares quando voltaram, claramente vivos, para abraçá-los, através do correio mediúnico, reiterando-lhes o amor imorredouro.

Testemunhamos, pessoalmente, ao final da leitura de muitas dessas mensagens, as lágrimas ardentes de alegria e reconforto vertidas por muitos pais e mães, antes transidos de dor e desesperança, ao abraçarem a carta-mensagem e beijarem, comovidamente, as mãos

do médium.

Esta certeza não podemos passar para ninguém.

O volume de informações corretas, no entanto, é impressionante e está a merecer um estudo científico desapaixonado para que se desvende melhor a **terra devoluta**.

Reafirmamos que tudo quanto analisamos neste livro interessa à jornada terrena, porque não há descontinuidade na vida. O comboio conhece pontos de parada, mas prossegue sempre, nos mesmos trilhos, rumo ao infinito.

Muitos Espíritos dormem um sono profundo, eivado de pesadelos, por longo tempo após a desencarnação, porque passaram a existência física negando a morte, refestelando-se como gozadores contumazes das benesses do mundo, opondo-se à mudança inevitável. Outros raros, permanecem lúcidos, em estado de consciência contínua, adaptados à mudança. Esses são os mais evoluídos e estão mais maduros para as realidades espirituais.

Emmanuel afirma que devemos cuidar do corpo como se ele fosse viver eternamente e do Espírito como se fosse desencarnar amanhã.

Creio que este pensamento resume o que aprendemos neste livro e serve de roteiro à nossa própria preparação para a morte.

Os suicidas, com a exposição de seus sofrimentos dolorosos, ensinam o quanto devemos respeitar o corpo físico. Lesá-lo, propositadamente, é retalhar o âmago de nós mesmos.

Para resguardá-lo, é preciso a disciplina da alimentação sadia e o afastamento de todas as drogas que causam dependência e destruição. No entanto, não podemos nos esquecer de que a ira mata, tanto quanto a ingestão de substâncias nocivas. Assim, a disciplina e o cuidado com o corpo não incluem apenas o regime da alimentação saudável e dos exercícios físicos adequados, mas igualmente impõem o esporte da solidariedade e da benemerência. Este está atrelado ao controle e desaparecimento de todo sentimento de cólera, ódio, mágoa e outros estados destrutivos da saúde espiritual, porque a caridade deve ser o clima ideal de manifestação da alma.

As doenças consomem oportunidades de refazimento e aprendizado do Espírito. É preciso empregar todos os meios para cuidar do organismo doente, propiciando-lhe os recursos medicamentosos e terapêuticos adequados.

Diante do corpo físico que passa por longos anos de sofrimento, devemos guardar respeito e compaixão. Jamais pensar em eutanásia.

Chamando a atenção dos felizes da Terra sobre este ponto, André Luiz ressaltou o sentimento de piedade genuína (2):

*Quando passardes ao pé dos leitos de quantos atravessam prolongada agonia, afastai do pensamento a idéia de lhes acelerardes a morte!...*

*Ladeando esses corpos amarrotados e por trás dessas bocas mudas, benfeitores do plano espiritual articulam providências, executam encargos nobilitantes, pronunciam orações ou estendem braços amigos! Ignorais, por agora, o valor de alguns minutos de reconsideração para o viajor que aspira a examinar os caminhos percorridos, antes do regresso ao aconchego do lar.*

*Se não vos sentis capacitados, a oferecer-lhes uma frase de consolação ou o socorro de uma prece, afastai-vos e deixai-os em paz!...*

*(...) dai consolo e silêncio, simpatia e veneração aos que se abeiram do túmulo! Eles não são as múmias torturadas que os vossos olhos contemplam, destinadas à lousa que a poeira carcome... São filhos do Céu, preparando o retorno à Pátria, prestes a transpor o rio da Verdade, a cujas margens, um dia também vós chegareis!...*

Esta também é a visão da dra. Elisabeth Kübler-Ross, que vem auxiliando milhares de pessoas a morrerem, naturalmente, no momento certo, serenas e tranquilas. Em seu comovente livro **To Live Until We Say Good-Bye (Vivir hasta Despedimos)**, realizado em parceria com o fotógrafo Mal Warshaw, ela mostra essa visão (3):

*O trabalho de toda nossa vida tem consistido em ensinar aos pacientes a olhar a enfermidade incurável não como uma força negativa e destrutiva, mas, sim, como um dos problemas da vida que enriquecerá seu crescimento interior, ajudando-os a tornarem-se tão belos como os rochedos do Grand Canion à luz do relâmpago.*

O fotógrafo Warshaw fixou vários instantes da vida diária de três pacientes terminais assistidos pela dra. Ross- Beth, Jamie e Louise para colocá-los no livro. Confessou que, para a realização desse trabalho, não poderia alhear-se da cena objetiva, como o fazia comumente, porque diante da pessoa que está morrendo é preciso compartilhar seus sentimentos, como amigo. E ressaltou o quanto se sentiu tocado (4):

*Durante o trabalho com Beth (...) dei-me conta de que a expressão dos rostos das pessoas que sofrem uma enfermidade terminal e que não aceitam a inevitabilidade de sua morte é extraordinária: uma combinação de tranquilidade, vigor e profundo conhecimento. O que eu esperava captar, em cada fotografia, era a essência desse olhar, de maneira que estes sentimentos pudessem ser compartilhados.*

A Dra. Ross enfatiza muito essa necessidade de o paciente exteriorizar seus temores e frustrações, de compartilhar sua dor e agonia (5):

*Das centenas de crianças e adultos moribundos que tenho acompanhado durante as décadas passadas, somente aqueles que desejaram compartilhar sua vida deixaram rastro.*

Para os que nos aguardam na Pátria Espiritual, o compartilhar também é muito importante.

Aqueles que falecem de doenças graves, em qualquer faixa etária, recebem cuidados médicos e são atendidos em instituições especializadas, no AI-m, apresentando desprendimento das vestes orgânicas, tanto mais fácil, quanto mais tenham aceito a enfermidade libertadora.

Todas as vezes que a alma sofre morte violenta, vítima de acidente ou assassinato, revela lesões, mais ou menos extensas, no corpo espiritual, recebendo também tratamento e assistência adequados, em hospitais e casas de socorro, além das fronteiras do sepulcro. Em geral, estes estão dormindo, quando realizam a travessia para outras dimensões.

Na existência física, os cuidados com o corpo, não devem, no entanto, ser absorventes, nascidos do narcisismo egoístico que impede o necessário desenvolvimento espiritual.

Cuidar da alma como se ela fosse desencarnar amanhã é prepará-la, a cada dia, para a permanência da existência terrena. Cuidar do desprendimento da matéria, para que os liames entre corpo e Espírito tornem-se cada vez mais tênues.

Somos usufrutuários dos bens terrenos, mas agimos, na maioria das vezes, como proprietários eternos, “donos” inquestionáveis dos pedaços de terra e dos patrimônios transitórios.

O apego aos bens e propriedades materiais levam a muita loucura “do outro lado”.

Quanto sofrimento em relação aos bens que somos compelidos a

deixar, muitas vezes, inesperadamente, para que outros deles usufruam, padecendo anos e anos no vale das sombras, por não se acomodar à menor ideia de reparti-los!

Até as roupas e vestimentas utilizadas na existência estão impregnadas do magnetismo do Espírito, atraindo-o e retendo-o, muitas vezes, entre as paredes do lar, sem que ele tenha forças de subtrair-se a essa influência, com perda lamentável de tempo, longe do trabalho ativo.

Ao contrário, quando a posse é instrumento do bem, edificando a felicidade dos outros, é fonte de bem-estar para o Espírito que a exercita, em qualquer piano onde esteja. Essa aplicação útil cria o serviço honrado que protege os companheiros de experiência, a cultura enobrecida no sustento da escola, o socorro aos que passam pela provação e o alívio aos irmãos que estejam conturbados pela doença e penúria.

Devemos estender também essa utilização construtiva, quando a posse ou os talentos estejam no campo da inteligência, do poder, da autoridade, da arte, da técnica ou do título acadêmico.

***Em última análise, tua posse, na essência, é a tua possibilidade de ser útil. (6)***

Constatamos, assim, que o egoísmo é o maior obstáculo à preparação da alma. Se nos lembrássemos mais frequentemente de que estamos na Terra de passagem, de que renascemos para amar aos semelhantes, não cometeríamos tantos erros.

O egoísmo leva a um tipo terrível de morte (7):

***É a morte da consciência, criaturas há que se enrijecem no orgulho, se mumificam na vaidade, se cristalizam no egoísmo e se põem deitadas em sarcófagos amoadados que mais cedo ou mais tarde o tempo desfaz. E, – coisa paradoxal –, ninguém lhes chora essa espécie de morte.***

O combate ao egoísmo, fundamentalmente, é tarefa do sentimento de religiosidade, porque somente o coração que ama consegue livrar-se desse vício atávico.

A preparação religiosa exerce, pois, um papel muito importante além-túmulo, mas nem sempre os preceitos assimilados constituem ponto de libertação do Espírito, porque não levam ao combate frontal do egoísmo, que deve ser sempre prioritário. Perde-se muito tempo com o fanatismo dogmático e as práticas exteriores.

A ideia cultivada na Terra, durante anos a fio, de que se vai dormir até o juízo final, ou que se vai ficar afastado dos entes queridos por tempo indeterminado, interfere no período que antecede a morte, na transição, e torna muito difícil os primeiros tempos de adaptação à outra dimensão.

Há também os materialistas que creem no sono eterno, cultivam a inércia espiritual na existência e, realmente, continuam dormindo, por anos a fio, no Além.

Nosso objetivo principal na vida terrena é procurar amar aos nossos inimigos e amar, com menos egoísmo, os seres aos quais já estamos vinculados pelos laços da afetividade. Frequentemente deixamos o mundo, pelo impositivo da morte, sem consegui-lo.

A desvinculação dos laços afetivos é um dos óbices mais difíceis no processo do morrer e no limiar da Vida Nova. Talvez resida, aí, na separação, a prova mais tormentosa.

Emmanuel, o Benfeitor iluminado, resumiu, em página memorável, esse sentimento de impotência (8):

*Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo.*

*Digam aqueles que já estreitaram de encontro ao peito um filhinho transfigurado em anjo da agonia; um esposo que se despede, procurando debalde mover os lábios mudos; uma companheira cujas mãos consagradas à ternura pendem extintas; um amigo que tomba desfalecente para não mais se erguer, ou um semblante materno acostumado a abençoar, e que nada mais consegue exprimir senão a dor da extrema separação, através da última lágrima.*

*Falem aqueles que, um dia, se inclinaram, esmagados de solidão, à frente de um túmulo; os que se rojaram em prece nas cinzas que recobrem a derradeira recordação dos entes inesquecíveis; os que caíram varados de saudade, carregando no seio o esquife dos próprios sonhos; os que tatearam, gemendo, a lousa imóvel, e os que soluçaram de angústia, no ádito dos próprios pensamentos, perguntando em vão pela presença dos que partiram.*

*Todavia, quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da oração, porque os chamados “mortos” são apenas ausentes e as gotas de teu pranto*

***lhes fustigam a alma como chuva de fel  
Também eles pensam e lutam, sentem e choram.***

Acompanhamos, no decorrer destas páginas, mães, esposos e esposas dilacerados pela dor da separação temporária, do mesmo modo que anotamos o apelo veemente dos filhos, suplicando misericórdia aos pais, para que não se lembrassem deles com tanta dor, a fim de não enlouquecerem no Além. Todos esses casos ilustram a veracidade das expressões do excelso Benfeitor.

Há lágrimas que caem, como fel, no coração, perturbando os passos vacilantes do Espírito nos primeiros tempos de adaptação. Ao contrário, a oração é para ele um refrigerio e o perdão das ofensas assemelha-se à chuva mansa, caindo em terra ressequida.

Usurpem de alegria constante, quando os encarnados convertem a dor em lição e a saudade em consolo aos mais carentes.

De tudo quanto vimos, é possível concluir. Nada perece.

Tudo se transforma na direção do Amor Infinito.

***A morte é o retrato da vida.***

Se desejamos a ventura e a tranquilidade, além das fronteiras de cinza do sepulcro, é preciso semear, enquanto é tempo, a luz e a sabedoria que pretendemos recolher, nas sendas do mais Além.

Vençamos o temor da morte! Lembremo-nos de Jesus, o Excelso Benfeitor: desprezado, batido, vilipendiado, torturado na cruz, tudo venceu com amor, deixando para trás a noite escura da incompreensão humana e ressuscitando, mais iluminado do que nunca, aos primeiros albores da manhã, na claridade de um jardim!..

Notas:

- 1) Parte do *release* feito por Marcos Nobre para apresentação do livro *A Vida Triunfa*.
- 2) *Sexo e Destino* - cap. VII, 2ª parte, p. 249
- 3) *Vivir Hasta Despedimos* - p. 12.
- 4) *Idem* - p. 8.
- 5) *Idem* - p. 14.
- 6) *Alma e Coração* - cap. 35
- 79 Declaração de Newton Boechat acerca do que Chico disse sobre ensinamento de Emmanuel - *Claramente Vivos* – cap. 35, pp. 136.
- 8) *Religião dos Espíritos* - pp. 153 e 154.

## Referências Bibliográficas

- Abdalla, Élcio - *Teoria das Supercordas* in Revista USE junho a agosto. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1990.
- Addison, James Thayer - *La Vie Après La Mort*. Paris, Payot, 1936.
- Aksakof, Alexandre - *Animismo e Espiritismo*, vol. I e II. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987.
- Alberlini, Lino Sardos - *O Além Existe*. São Paulo, Loyola, 1989.
- Alexander, Jacques - *Los Enigmas de La Supervivencia*, Bruguera, 1974.
- Allende, Isabel - *Paula*. São Paulo, Bertrand-Brasil, 1996.
- Andrade, Geziel - *Depois desta Vida*. Capivari (SP), EME, 1996.
- Andrade, Hernani G. - *Matéria Psi*. Matão (SP) Casa Editora “O Clarim”.
- Andrade0 Hernani G. - *Reencarnação no Brasil*. Matão (SP), Casa Editora “O Clarim”, 1988.
- Andrade, Hernani G. - *Renasceu por Amor*. 2ª ed. São Paulo, Fé, 1995.
- Andrade, Hernani G. - *Espírito, perispírito e Alma*. São Paulo, Pensamento, 1984.
- Andrade, Hernani G. - *Morte, Renascimento e Evolução*. São Paulo, 1983.
- Andrade, Hernani G. - *Poltergeist*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- Andrade, Hernani G. - *Transcomunicação Instrumental*. São Paulo, Fé, 1992.
- Andrade, Hernani G. - *Transcomunicação Através dos Tempos*. São Paulo, Fé, 1997.
- Andréa, Jorge - vide Santos, Jorge Andréa
- Baceli, Carlos A. - *Mandato de Amor*. Belo Horizonte, União Espírita Mineira, 1996.
- Bander, Peter - *Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores*. 5ª ed. Sobradinho (DF), Edicel, 1990.
- Barbosa, Elias - *Presença de Chico Xavier*. 2ª ed. Araras (SP), IDE, 1983.
- Barrett, William - *Nos Umbrais do Além*. Lisboa, Estudos Psíquicos, 1947.
- Barrett, William - *Death-Bed Visions*, The Aquarian Press, 1988.
- Beard, Paul - *En el Mas Alla*. Barcelona, Obelisco, 1985.
- Bentov, Isaac - *À Espreita do Pêndulo Cósmico*. São Paulo, Cultrix / Pensamento, 1990.
- Bozzano, Ernesto - *Xenoglossia* 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1949.
- Bozzano, Ernesto - *Comunicação Mediúnica Entre Vivos*. São Paulo, Edicel, 1968.
- Bozzano, Ernesto - *Pensamento e Vontade*. 1ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1958.
- Bozzano, Ernesto - *Animismo ou Espiritismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1951.
- Bozzano, Ernesto - *Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB
- Bozzano, Ernesto - *Remontando às Origens* - Matão (SP), Casa Editora “O Clarim”, 1971.
- Bozzano, Ernesto - *A Crise da Morte*. 8ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996.

- Bozzano, Ernesto - *Metapsíquica Humana*. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB.
- Brinkley, Dannion e Perry, Paul - *Salvo Pela Luz*. São Paulo, Cultrix, 1996.
- Brune, François - *Les Morts nous Parlent*. Paris, Félin, 1988. *Os Mortos nos Falam*. Sobradinho (DF), Edicel, 1991.
- Capra, Fritjof - *O Tao da Física*, São Paulo, Cultrix, 1995.
- Capra, Fritjof - *O Ponto de Mutação*, Cultrix, 1986.
- Carrel, Alexis - *O Homem, Esse Desconhecido*. Porto. Editora Educ. Nacional, 1937.
- Cerviño, Jayme - *Além do Inconsciente*. Rio de Janeiro, FEB, 1968.
- Charon, Jean - *L'Esprit, cet Inconnu*. Paris, Albin Michel, 1977. Existe tradução brasileira da Editora Melhoramentos - *O Espírito, este desconhecido*.
- Charon, Jean - *Mort, Voici ta défaite*. Paris, Albin Michel, 1979.
- Chrispino, Alvaro - *Conversando Sobre a Morte*. Rio de Janeiro, CELD, 1994.
- Chauchard Paul e outros - *A Sobrevivência depois da Morte*. Lisboa, Difusora Européia do Livro, 1969.
- Crookes, William - *Fatos Espíritas*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB.
- Cunha, Heigorina / Lucius (Espírito) - *Imagens do Além*. Araras, IDE, 1994.
- Cunha, Heigorina - vide Xavier, F. C. e Cunha, Heigorina.
- Currie, Ian - *A Morte não Existe*. São Paulo, Mandarim, 1996.
- Delanne, Gabriel - *A Alma é Imortal*. Rio/Paris, Gamier, 1901.
- Delanne, Gabriel - *O Espiritismo Perante a Ciência*. Rio de Janeiro, FEB 0 1952.
- Denis, Léon - *No Invisível*. 6ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1957.
- Denis, Léon - *Depois da Morte*. 20ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997.
- Denis, Léon - *O Além e a Sobrevivência do Ser*. 8ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- Doore, Gary e outros - *Vida Después de la Muerte?* Barcelona, Kairós, 1994.
- Doyle, A Conan - *História do Espiritismo*. São Paulo, Pensamento, 1960.
- Drouot, Patrick - *Nous Sommes Immortels*. Paris, Garancière, 1987.
- Drouot, Patrick - *Cura e Espiritual e Imortalidade*. Rio de Janeiro, Record, 1986.
- Henry, Ev., Bernard, P. e Brisset, C. - *Manual de Psiquiatria*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Masson-Atheneu.
- Ferreira, Ignácio - *Novos Rumos à Medicina*. São Paulo, FEESP, vol. I, 1990; vol II, 1ª ed., 1995.
- Flammarion, Camille - *Telegrafia del Pensamiento*. Buenos Aires / Mexico, Maucci H., hijos.
- Flammarion, Camille - *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1990.
- Faria, Nogueira - *O Trabalho dos Mortos*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB.
- Findlay, J. Arthur - *No Limiar do Eetéreo*. Rio de Janeiro, FEB, 1936.
- Garnier, Jacques - *Rumo ao Infinito*, 1950.
- Geley, Gustave - *Del Inconsciente al Consciente*. Buenos Aires, Constanca, 1947.
- Geley, Gustave - *O Ser Subconsciente*. Rio de Janeiro, FEB, 1974.
- Gerber, Richard - *Medicina Vibracional*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- Ghitton, Jean e Bogdanov, Grichka e Igor - *Deus e a Ciência*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- Gleiser, Marcelo - *A Dança do Universo*. São Paulo, Cia das Letras, 1997.
- Grey, Margot - *Voltando da Morte*. Porto Alegre (RS), Kuarup, 1997.
- Grof, Stanilav - *Além do Cérebro*. São Paulo, McGraw-Hill, 1988.
- Grof, Stanilav - *Royaumes de l'Inconscient Humain*. Monaco, Le Rocher, 1983.
- Hampton, Charles - *A Transição Chamada Morte*. São Paulo, Pensamento, 1991.

- Hawking Stephen W. - *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- Hawking, Stephen W. - *Buracos Negros, Universos-Bebês e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- Imbassahy, Carlos - *O Que é A Morte*. 6ª ed. Sobradinho (DF), Edicel, 1996.
- Jacobson, Nils - *Vida Sem Morte?* 2ª ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1975.
- Kardec, Allan - *L'Évangile Selon Le Spiritisme*. Reimpressão da 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979. Há edições em português das editoras FEB, LAKE, EDICEL, IDE, FEESP, EME.
- Kardec, Allan - *Le Livre des Esprits*. Paris, Dervy-Livres, 1972. Há edições em português das editoras FEB, LAKE, EDICEL IDE, FEESR EME.
- Kardec, Allan - *Le Livre des Médiuns*. Paris, Dervy-Livres, 1994. Há edições em português das editoras FEB, LAKE, EDICEL IDE, FEESR EME.
- Kardec, Allan - *La Genèse*. Belgique, Edition de L'Union Spirite, 1952. Há edições em português das editoras FEB, LAKE, EDICEL, IDE.
- Kardec, Allan - *Le Ciel et L'Enfer*. Paris, Dervy-Livres, 1990. Há edições em português das editoras da FEB, LAKE, EDICEL, IDE.
- Kardec, Allan - *Oeuvres Posthumes*. Paris, Dervy-Livres, 1990. Há edições em português das editoras da FEB, LAKE, EDICEL, IDE.
- Kardec, Allan - *Qu'est-ce que le Spiritisme?* Paris, Éditions Vermet, 1982. Há edições em português das editoras FEB, LAKE, EDICEL, IDE.
- Kardec, Allan - *Viagem Espírita em 1862*. Matão (SP), Casa Editora "O Clarim", 1968.
- Kardec, Allan - *Revista Espírita*, de 1858 a 1869, São Paulo, Edicel (nem todos os volumes possuem data de publicação)
- Kastenbaum, Robert - *Haverá Vida Depois da Morte?* 2ª ed. Rio de Janeiro, Nórdica.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Sobre a Morte e o Morrer* - 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Una Luz que se Apaga*. Mexico, Pax, 1985.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Morte, Estágio Final da Evolução*, Record.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Worshaw; Vivir hasta Despedirnos*. Barcelona, Luciérnaga, 1995.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *La Muerte: Un Amanecer*, Barcelona, Luciérnaga, 1996; *A Morte: um Amanhecer*. São Paulo, Pensamento, 1996.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *Conferências* - Barcelona, Luciérnaga, 1996.
- Kübler-Ross, Elisabeth - *A Revelação do Segredo*. Rio de Janeiro, Record.
- Lewis, Jame R. - *Enciclopédia da Vida Após a Morte*. Makron Books, 1997.
- Leadbeater, Charles W., *O Homem Visível e Invisível*. São Paulo, Pensamento, 1988.
- Linde, Andrei; *The Self-Reproducing Inflationary Universe*. Scientific American, november, 1994.
- Lodge, Oliver - *Raymond*, São Paulo, Edigraf, 1972.
- Lombroso, Cesar - *Hipnotismo e Mediunidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1990.
- Loureiro, Lúcia. *Colônias Espirituais*. São Paulo, Mnêmio Túlio, 1995.
- Lyra, Alberto, *Parapsicologia e Inconsciente Coletivo*. São Paulo, Pensamento.
- Menezes, Adolfo Bezerra de - *A Loucura Sob Novo Prisma*. 2ª ed. São Paulo, FEESP.
- Miller, Sukie - *Depois da Vida*, São Paulo, Summus, 1997.
- Miranda, Hermínio C. - *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*. 1ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1977.

- Miranda, Hermínio C. - *Diálogo com as Sombras*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987.
- Miranda, Hermínio C. - *Nas Fronteiras do Além*. Rio de Janeiro, FEB, 1993.
- Moody Jr., Raymond - *Life After Life*. New York, Bantam Books, 1977. *Vida Depois de la Vida*. 11ª ed. Madrid, EDAE 11ª ed.
- Moody, Jr., Raymond e Perry, Paul - *Reunions* - New York, Villard Books, 1993.
- Moody, Jr., Raymond - *Reflexões Sobre a Vida Depois da Vida*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1977.
- Morse, Melvin e Perty, Paul - *Transformed by The Light*. New York, Villard Books, 1992. *Transformados pela Luz*, Record, 1997.
- Moses, Stainton - *Ensinos Espiritualistas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1929.
- Murphet, Howard - *Entendendo a Morte*. São Paulo, Pensamento.
- Nobre, Marlene R. S. - *Lições de Sabedoria*. 2ª ed. São Paulo, Fé, 1997.
- Nobre, Marlene R. S. - *A Obsessão e suas Máscaras*. 3ª ed. São Paulo, Fé, 1997.
- Nobre, Marlene R. S.; Oliveira, Sérgio Felipe; Peres, Mario Fernando P. - *A Pineal no Contexto Médico-Espírita* in *Boletim Médico-Espírita* nº 10. São Paulo, AME-SP, 1996.
- Ohlhaver, H. - *Os Mortos Vivem*. Matão (SP), Casa Editora "O Clarim", 1971.
- Osis, Karlise e Haraldsson, E. - *O Que Eles Viram... No Limiar da Morte*.
- Palhano, Ir. Lamartine e Neves, Wallace E - *Dossiê Peixotinho*. Rio de Janeiro, Lachâtre, 1997
- Parrish-Harra, Carol - *Death & Dying*. Marina del Rey (CA), DeVorss, 1983.
- Pauwels, Louis e Bergiex, Jacques - *O Homem Eterno*. 2ª ed. Lisboa, Difusão Européia do Livro, 1971.
- Penfiel, Wilder - *O Mistério da Mente*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1983
- Pereira, Yvonne / Camilo C. Botelho (Espírito) - *Memórias de Um Suicida*. 19ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997.
- Pereira, Yvonne / Bezerra de Menezes (Espírito) - *Recordações da Mediunidade*. Rio de Janeiro, FEB, 1968.
- Pincherle, Lírio T. - *Psicoterapias e Estados de Transe*. São Paulo, Summus, 1985.
- Pires, J. Herculano - *Educação Para a Morte*. 5ª ed. São Bernardo do Campo (SP), Correio Fraternal, 1996.
- Powell, Arthur E. - *O Corpo Mental*. São Paulo, Pensamento, 1996.
- Powell, Arthur E. - *O Duplo Etérico*. São Paulo, Pensamento, 1995.
- Ranieri, R. A. - *Materializações Luminosas*. 5ª ed. São Paulo, FEESP, 1995.
- Reyes, Benito E - *El Morir Consciente*. 2ª ed. Buenos Aires, ERREPAR.
- Rhine, J. Banks - *O Alcance do Espírito*. São Paulo, BestSeller, 1965.
- Rhine, Joseph B. - *Le Nouveau Monde de L'Esprit*. Paris, Librairie Adrien-Maisonneuve.
- Rhine, J. Banks e Brier, R. - *Parapsicologia Atual*. São Paulo, Cultrix.
- Rinaldi, Sonia - *Transcomunicação Instrumental*. São Paulo, Fé, 1996.
- Ring, Kenneth - *Life at Death*. C. M & G, 1980.
- Ring, Kenneth - *Heading Toward Omega*. Quill, William Morrow, 1985. *Rumo ao Ponto Omega* Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- Ritchie, George G. e Sherrill, Elisabeth. - *Voltar do Amanhã*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1980.
- Rochas, Albert - *Exteriorização da Sensibilidade*. 3ª ed. Sobradinho (DF), Edicel.
- Rogo, Scott - *Volta à Vida*. São Paulo, IBRASA, 1996.
- Romanelli, Rubens C. - *O Primado do Espírito*, 2ª ed. Belo Horizonte (MG), Síntese, 1960.

- Rosin, Zilda G. - *Perda de Entes Queridos* – 19ª ed. Juiz de Fora (MG), Instituto Maria, s.d.
- Santos, Jorge Andréa dos - *Palingênese, a Grande Lei*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1990.
- Schröck-N.; A. E - *Problemas Básicos de La Parapsicologia* 3ª ed. Buenos Aires, Troquei, 1976.
- Schutel, Cairbar S. - *A vida no Outro Mundo*. Matão (SP), Casa Editora “O Clarim”.
- Sabom, M.B. - *Recollections of Death*. Corgi, 1982.
- Severino, Paulo Rossi - *A Vida Triunfa*. São Paulo, Fé, 1990.
- Silverstein, Alvin - *Conquista da Morte*. São Paulo, Direi, 1981.
- Souza, Elzio E / Yogashiririshinam (Espírito) - *Divina Presença*. Salvador (BA), Circulus, 1992.
- Stedford, Averil - *Encarando a Morte*. Porto Alegre (RS), Artes Médicas, 1986.
- Stevenson, Ian - *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*. São Paulo, Pensamento, 1971.
- Stevenson, Ian - *Children Who Remember Previous Lives*. Virginia, University Press of Virginia, 1987.
- Teixeira, Cícero M. - *Anatomia do Desencarne*. Porto Alegre (RS), Kuarup, 1997.
- Toben, Bolo and Wolf, Fred Alan – *Space, Time and Beyond; toward and explanation of the unexplainable*. New York, Bantam Books, 1987. Existe tradução da Editora Cultrix - *Espaço, Tempo e Além*, 1988.
- Ubaldi, Pietro - *As Noúres*. 4ª ed. Campos (RJ), FUNDAPU, 1988.
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Nosso Lar*. 46ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997. (1ª ed.- 1943).
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Os Mensageiros*. 30ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997 (1ª ed. 1944)
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Missionários da Luz*. 19ª ed. Rio de Janeiro, FEB, (1ª ed. 1945).
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Obreiros da Vida Eterna*. 16ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987. (1ª ed. 1946)
- Xavier, F. C. / André Luiz - *No Mundo Maior*. 14ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987. (1ª ed. 1947).
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Libertação*. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1986. (1ª ed. 1949).
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Entre a Terra e o Céu*. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1988 (1ª ed. 1954)
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Nos Domínios da Mediunidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, (1ª ed. - 1954).
- Xavier, F. C. / André Luiz - *Ação e Reação*. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB (1ª ed. - 1957).
- Xavier, F. C. e Vieira, Waldo / André Luiz - *Evolução em Dois Mundos*. 10ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1987. (1ª ed. 1958)
- Xavier, F. C. e Vieira, Waldo / André Luiz - *Mecanismos da Mediunidade*. Rio de Janeiro, FEB, 1960.
- Xavier, F. C. e Vieira, Waldo / André Luiz - *Sexo e Destino*. 6ª ed. Rio de Janeiro, FEB. (1ª ed.- 1963).
- Xavier, F. C. e Vieira, Waldo / André Luiz – *Desobsessão*. 3ª. ed. Rio de Janeiro, FEB (1ª ed. 1964).
- Xavier, F. C. e Vieira, Waldo / André Luiz - *E a Vida Continua...* 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB (1ª ed. 1968).
- Xavier, F. C. / Maria João de Deus (Espírito) - *Cartas de Uma Morta*, LAKE, 1935.

- Xavier, F. C. / Irmão Jacob (Espírito) - *Voltei*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB (1ª ed.-1948).
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Correio do Além*. 2ª ed. São Paulo, CEU, 1983.
- Xavier, F. C. / Redondo, Rosângela C. (Espírito) - *Momentos de Encontro*. São Paulo, CEU, 1984.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Esperança e Alegria*, CEU, 1987.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Jovens no Além*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1975.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Somos Seis*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1ª ed, 1976.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Vida no Além* (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1ª ed., 1980.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Viajores da Luz*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1981.
- Xavier, F. C. / Espíritos de José R. P. Silva e José R. E Cassiano - *Filhos Voltando*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1982.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Adeus Solidão*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1982.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Entes Queridos*. 2ª ed. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1983.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Venceram*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1983.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Novamente em Casa* (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1984.
- Xavier, F. C. / Helio Ossamu Daikuara (Espírito) - *Resgate e Amor*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1986.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Intercâmbio do Bem*. (Comentários de Caio e Paulo de Tarso Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1987.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Vida Nossa Vida* 2ª ed. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1988.
- Xavier, F. C. / Marcos (Espírito) - *Crianças no Além*, 11ª ed. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1995.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Assuntos da Vida e da Morte* (Comentários de Caio e Paulo de Tarso Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1991.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Viajaram Mais Cedo*. (Comentários de Caio Ramacciotti). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1985.
- Xavier, F. C. Muszkat David / Muszkat, Roberto - *Quando se Pretende Falar da Vida* (Comentários de David Muszkat). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1984.
- Xavier, F. C. / Carmelo Grisi (Espírito) - *Carmelo Grisi, Ele Mesmo*. (Comentários de Gerson Sestini). São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1991.
- Xavier, F. C. / Augusto Cezar Netto (Espírito) - *Augusto Vive*. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1981.
- Xavier, F. C. / Augusto Cezar Netto (Espírito) - *Falou e Disse*. 4ª ed. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1989.
- Xavier, F. C. / Augusto Cezar Netto - *Presença de Luz*. 2ª ed. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1988.
- Xavier, F. C. / Jair Presente (Espírito) - *Loja de Alegria*. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1985.
- Xavier, F. C. Jair Presente (Espírito) - *Ponto de Encontro*. São Bernardo do Campo

- (SP), GEEM, 1986.
- Xavier, F. C. / Jair Presente (Espírito) - *Agência de Notícias*. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1986.
- Xavier, F. C. Espíritos diversos - *Eles Voltaram*. 8ª ed. Araras (SP). IDE, 1995. (1ª ed. 1981).
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Reencontros*. (Comentários de Hércio M. C. Arantes). Araras (SP), IDE, 1982.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Caravana de Amor*. (Comentários de Hércio M. C. Arantes). Araras (SP), IDE, 1985.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Gratidão e Paz*. (Comentários de Hércio M. C. Arantes). Araras (SP), IDE, 1988.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos- *Porto de Alegria* (Comentários de Hércio M. C. Arantes). Araras, (SP), IDE, 1990.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Retornaram Contando*. (Comentários de Hércio M. C. Arantes), 5ª ed. Araras (SP), IDE, 1991.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Lealdade*. 5ª ed. (Comentários de Hércio M. C. Arantes). Araras (SP), IDE, 1992.
- Xavier, F. C. Espíritos diversos - *Vozes da Outra Margem*. (Comentários de Hércio M. C. Arantes), Araras (SP), IDE, 1995.
- Xavier, F. C. Espíritos diversos - *Amor Sem Adeus*. 12ª ed. (Comentários de Hércio M. C. Arantes), Araras (SP), IDE, 1995.
- Xavier, F. C. I Espíritos diversos - *Estamos no Além*. 8ª ed. (Comentários de Hércio M. C. Arantes), Araras (SP), IDE, 1996.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Entre Duas Vidas*. (Comentários de Elias Barbosa). São Paulo, Calvário, 1974.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Claramente Vivos*. (Comentários de Elias Barbosa). 2ª ed. Araras, IDE, (SP), 1980.
- Xavier, F. C. / Gabriel C. Espejo (Espírito) - *Gabriel*. (Comentários de Elias Barbosa). Araras (SP), IDE, 1982.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Quem São*. 6ª ed. (Comentários de Elias Barbosa). Araras (SP), IDE, 1990. (1ª ed.- 1982).
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Vitória*. (Comentários de Elias Barbosa). Araras (SP), IDE, 1987
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Horas de Luz*. (Comentários de Elias Barbosa). 4ª ed., Araras (SP), IDE, 1988.
- Xavier, F. C. / Irmã Vera Cruz (Espírito) - *Irmã Vera Cruz*. (Comentários de Elias Barbosa). 3ª ed. Araras (SP), IDE, 1991.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Enxugando Lágrimas*. (Comentários de Elias Barbosa). 17ª ed. 1992. Araras (SP). (1ª ed. 1978).
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Ninguém Morre*. (Comentários de Elias Barbosa). Araras (SP), IDE, 1992 (1ª ed. 1983).
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Estamos Vivos*. (Comentários de Elias Barbosa). Araras (SP), IDE, 1993.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Tempo e Amor*. (Comentários de Clovis Tavares). 2ª ed. Araras (SP), IDE, 1987.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *A Volta* (Comentários de Clovis Tavares). Araras, (SP), IDE, 1993.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Dádivas Espirituais*. Araras (SP), IDE, 1994.
- Xavier, F. C. / Laurinho (Espírito) - *Antenas de Luz*. (Comentários de Priscila S. Basile).

- Araras (SP), IDE, 1983.
- Xavier, F. C. / Laurinho (Espírito) - *Presença de Laurinho*. (Comentários de Priscila S. Basile). 2ª. ed. Araras (SP), IDE, 1987.
- Xavier, F. C. / Laurinho (Espírito) - *Gaveta de Esperança*. 4ª ed. (Comentários de Priscila S. Basile). Araras (SP), IDE, 1988.
- Xavier, F. C. e Cunha, Heigorina - *Cidade no Além*. 22ª. ed. Araras (SP), IDE, 1997.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Notas do Mais Além*. Araras (SP), IDE, 1995.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Amor e Luz*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1977.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos. *Luz Bendita*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1977.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Vivendo Sempre*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1981
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Lar-Oficina Esperança e Trabalho*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1988.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Corações Renovados* (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1989.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Ante o Futuro*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1990.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Continuidade*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1990.
- Xavier, F. C. Espíritos diversos - *Viveremos Sempre*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1993.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Renascimento Espiritual*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1993.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Amor e Saudade*. (Comentários de R. S. Germinhasi). 2ª ed. São Paulo, Ideal, 1995.
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Novos Horizontes*. (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1996.
- Xavier, F. C. / Cristina (Espírito) - *Diário de Bênçãos*. (Comentários de R. S. Germinhasi).
- Xavier, F. C. / Espíritos diversos - *Elenco de Familiares*, (Comentários de R. S. Germinhasi). São Paulo, Ideal, 1995.
- Xavier, F. C. / Cláudia Pinheiro Galasse (Espírito) - *Escola do Além*. São Paulo, Ideal, 1988.
- Xavier, F. C. / Carlos Augusto (Espírito) - *Pingo de Luz*. São Paulo, Ideal, 1994.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Pensamento e Vida*. 8ª ed. Rio de Janeiro.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Religião dos Espíritos*. 10ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Roteiro*. 8ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1989.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *O Consolador*. 18ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1997.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Doutrina de Luz*, São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1990.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Calma*. São Bernardo do Campo (SP), 1978.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Novo Mundo*. São Paulo, Ideal, 1991.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Justiça Divina*. Rio de Janeiro, FEB, 1962.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Alma e Coração*. São Paulo, Pensamento, 1969.
- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Escrínio de Luz*. Matão, Casa Editora "O Clarim",

1973

- Xavier, F. C. / Emmanuel (Espírito) - *Vida e Sexo*. Rio de Janeiro, FEB, 1970.
- Xavier, F. C. / Meimei (Espírito) - *Deus Aguarda* São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1980.
- Xavier, F. C. / Jair Presente (Espírito) - *Palco Iluminado*. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1988.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Na Era do Espírito*. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1973.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Caminhos de Volta* 8ª ed. São Bernardo do Campo (SP), GEEM, 1987 (1ª ed. - 1975)
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Vozes do Grande Além*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB..
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Instruções Psicofônicas*. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB.,
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Falando à Terra*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Encontro de Paz*. Uberaba (MG), CEC, 1973.
- Xavier, F. C. / Espíritos Diversos - *Taça de Luz*. São Paulo, FEESP 1972.
- Xavier, F. C. - *Resumo de 183 obras em cinco línguas*. Edição da Comissão Nacional Pró-Indicação de Francisco Cândido Xavier ao Prêmio Nobel da Paz, 1981.
- Whitton, Joel L. e Fisher, Joe - *Vida Transição Vida* São Paulo, Pensamento, 1992.
- Wickland, Carl - *Thirty Years Among The Dead*. London, Spiritualist Press, 1978.
- Zöllner, J. K. - *Provas Científicas da Sobrevivência*. 6ª ed. Sobradinho (DF), Edicel, 1996.

## **COMO É MORRER?**

*Há um “programa” nesse processo?*

*E depois da morte, o que acontece?*

*O Espírito atravessa os planos materiais para fixar-se em algum lugar? Onde? Quais são os fatores que influem na sua adaptação à Vida Nova? Neste livro, você encontra respostas para essas e outras perguntas, com base nas informações dos Espíritos, que se comunicam através de Chico Xavier, e dos pacientes que voltaram à vida física, após vivenciarem uma Experiência de Quase Morte (EQM).*